



12









**Parnaso Lusitano**

OR

*Poesias Selectas.*

**PARIS. — DE L'IMPRIMERIE DE RIGNOUX,  
rue des Francs-Bourgeois-S.-Michel, n° 8.**

# Parnaso Lusitano

OU

## *Poesias Selectas*

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO

PER UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA  
E POESIA PORTUGUEZA.

---

TOMO II.

---

PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,  
QUAI VOLTAIRE, N.º 11.

---

M DCCC XXVII.





TAYLOR INSTITUTION

UNIVERSITY

31 JUL 1966

CF OXFORD

LIBRARY

# PARNASO LUSITANO.

---

---

## Descriptivos, Didacticos, Philosophicos.

MALACA. \*

N'este rico archipelago do Oriente,  
Para a parte do Artico assentada,  
Jaz n'uma estancia fertil e eminente  
De Malaca a cidade memorada:  
De povos orientaes e do occidente,  
Por causa do commércio, frequentada,  
Querida dos amigos per preceitos,  
Temida dos amigos per sens feitos.

Pelo centro um fermoso e caudal rio,

\* O auctor d'êsta producção, pola pureza de seu estylo, e por ter sido amigo e companheiro de Camões, tem juz a entrar n'êsta escolha.

Bemcomo o Tibre a Roma, a fermosenta,  
 Feroso \* crystallino e mui sombrio  
 De mil nações, per pontes, se frequenta:  
 D'uma parte e da outra o vil gentio  
 Se recolhe ao Luso em torre isenta;  
 Reparo algum não tem firme e seguro,  
 Que o luso braço não consente muro.

O Monacabo a visita e enche d'ouro  
 Das riquissimas minas e caudae  
 De saphyras, rubis; o Pegu-Mouro  
 De perolas sem preço orientaes:  
 Os braços tem ja puros de thesouro  
 Da roca velha, e todos desejais  
 O branco de canfóra acompanhado,  
 E de ambar outros muitos mais prezado.

Do subido ouro o astuto destro Chin  
 De fina seda, aluiscar, porcelana; *manis*  
 O Samatra de suave beijoim *beijoim*  
 E tudo em que se sevã a sêde humana:  
 O rico Sião ja dado ao Bremim,  
 O Cochim de Calemba que deu mana  
 De sapão, chumbo, salitre e vitualhas \*\* *vitualhas*  
 Lhe apercebem celleiros e muralhas.

\* Os antigos escreviam indistinctamente *fermoso*  
 ou *formoso*.

\*\* Viveres, provisão de mantimentos.

Os Sundes e Malaioz com pimenta,  
 Com massa e noz os ricos Bandanezes,  
 Com roupa e droga Cambaia a opulenta,  
 E com cravo os longinquos Maluquezes :  
 Bengala com mil pannos a frequenta,  
 Nem falta San' Thomé com seus tres mezes,  
 Ésta de mantimentos a fornece,  
 Java de cavalloz a guarnece.

Alli a subtil obra do Japão  
 Precede inda a materia d'ouro e prata,  
 O tecido e o lavrado d' invenção,  
 E o mais de que a Musa aqui não trata :  
 Avaros peitos fartos ficarão,  
 Almas não, que a cubiça não se farta ;  
 Aqui jaz o thesouro oriental  
 Que s' espalha per todo o universal.

Aqui o capro-signo é temperado,  
 E o leo, contra a antiga geographia,  
 De boninas matiza o verde prado,  
 E a ribeira jaz sempre sombria :  
 O bosque todo o anno stá occupado,  
 Que feios animaes estranhos cria ;  
 Tal que Venus e Marte de viçoso  
 O escolhiem para o seu furto amoroso.

Aqui na matta espessa e brando feno  
 Ambos doces effeitos concluíram,

E ora em verde outeiro, ora em ameno  
 As armas e o amor almas uniram :  
 Aqui o dourado pomo, que o veneno  
 Esconde dentro em si, ambos fruiram ;  
 O satyro d' inveja desatina,  
 E o fauno, que os ve, d'amor se fina.\*

Cynthia, Cynthia famosa affeiçãoada  
 Á terra que lhe deu contentamentos,  
 A destina á nação mais estimada,  
 E tras a Lusitania a seus assentos :  
 A gente ao sea Mavorte assimilhada,  
 E que possui d'amor seus movimentos ;  
 Já d'uma e d'outra cousa a preeminencia  
 O tem mostrado a longa experiencia.

A forja onde o fino amor se apura  
 Dos vassallos, é do rei a gratidão,  
 Ésta dilata o imperio e a ventura,  
 E não desarma seu poder em vão :  
 Ésta cria o esforço, a chaga cura,  
 E torna heroe o minimo varão,  
 Ésta dilata sempre o Luso estado  
 Per mar e terra além do imaginado.

Este criou aquelle Heroe valente  
 Afonso d' Albuquerque, que famosos

\* Attenua-se, secca-se, mirra-se, etc.

Feitos obrando ganha no Oriente  
 A mor parte de reis mui bellicosos :  
 Pois me falta o estylo competente  
 E os versos d'Homero sonorosos ,  
 So direi que seus feitos bem mostraram  
 Que pola patria e reis se executaram.

A tudo vence amor ou tarde ou logo ,  
 Que o peito que é leal e amoroso ,  
 Traspassa pelo ferro , agua e fogo ,  
 Constante , firme , ledo e amoroso :  
 Creado este Heroe foi no marcio jógo  
 Aonde o espirito seu fez bellicoso ;  
 Por seu rei concluiu heroicos feitos ,  
 Altos muros deixando alli desfeitos.

ANTONIO DE ABREU , *descripção de Malaca.*

.....

## DIA DE ANNO-BOM.\*

---

MAL da aurora no seio apavonado  
 A luz aponta que nos abre o dia,  
 E as portas se descerram do anno-novo,  
 Alado enxame de gentis ideias  
 ( Que no ar as azas humidas batiam ,  
 De Morpheu espreitando a lenta fuga )  
 A mente assaltam dos mortaes dispertos:  
 Qual orvalho de aljofar desparzido ,  
 A lisonja , a ambição, as amorosas  
 Conquistas, as magnificas promessas  
 Banham do cerebro o ávido terreno.

Ja dos bons-annos fervida cohorte  
 Busca as portas dos ricos , invejadas ;

\* *On regrette que Francisco Manuel n'ait pas achevé son poëme des Fastes Portugais, ce qu'il en a écrit étincelle de beautés : le plan qu'il s'était tracé promettait encore à sa nation un digne imitateur d'Ovide. Quelle variété infinie de tons et de couleurs ! quel trésor de poésie dans le vaste tableau des mœurs originales, des usages de l'année à la cour, à la ville « la campagne dans les élégantes quintas du riche ,*

Bandejas de charão lhe véem no alcance  
 Co' as troixas loiras , com os pardos fartes ,  
 E c'os antigos bolos de refego ,  
 Caseiro doum dos nossos bons maiores :  
 Alguns vós mandais , mimosas freiras ,  
 Devotas mestras de boneca e doce ,  
 Ao nedio confessor escrupuloso ,  
 E ao bem-fallante apessoado primo.

C'o trote das saxi-fragas carroças  
 A calçada d'adjnda atroa e treme ;  
 A roda range , os cubos se abalroam ;  
 Grita o cocheiro , o açoite silva e estala ;  
 Cresce o embaraço , descompõe-se a fila ;  
 Da lisa portinhola um desce o vidro ,  
 E açula o bolieiro ; outro escuinando  
 Pede ao sol por frisões o Ethonte , o Eôo ,  
 Por não ser de outro coche atrás deixado :  
 Em quanto as ancas da ronceira mula

*et dans la chaumière du laboureur , ou sous le toit de  
 jonc du pêcheur , dans ces peintures des solennités re-  
 ligieuses , des pélerinages , des fêtes domestiques , des  
 monumens , des anciennes traditions moresques et  
 portugaises , historiques et populaires de la vie agricole  
 et de la vie pastorale de l'Estramadure et de Beira ,  
 des sites les plus riens et les plus magnifiques ! Mais  
 ce bel ouvrage nécessitait beaucoup de richesses lo-  
 cales : il est le seul que Manuel n'ait pu bien faire  
 loin de sa patrie.*

SANÉ.



O desembargador chupado e gebbo  
 Coça a miúdo c'os cordões ja gastos;  
 E a velha alugatriz se encosta ao muro  
 C'o gordo provincial entabacado,  
 Porque o duque e o Bandeira\* os não enguice.

Taes via Elis na olympica contenda,  
 Reis e heroes sacudir as doctas redeas  
 Aos duros veloci-pedes cavallos.  
 Fervem\*\* as rodas nos fumantes eixos;  
 Eis se atraza, eis precede, eis passa adiante  
 Outro carro de brutos mais fogosos,  
 Que o perigo despreza, ou não conhece.  
 Tal das praias de Aestes viu Neptuno,  
 Nas rebatidas aguas que branquejam,  
 As phrygias naus vencer, e ser vencidas,  
 Quando os deuses com braço poderoso,  
 Esta impellem, aquella não ajudam,  
 Ou n'um baixo se engasga\*\*\* a mais ligeira.

Ja se apeam na sala dos tudescos  
 Luzidos cortexãos, tufados béccas;

\* Negociante mui rico em Lisboa.

\*\* ..... *Metaque servidis*  
*Evitata rotis.*

HORACIO, liv. I, od. I.

\*\*\* Adequadisima applicação! mas repare-se na propriedade do verbo *engasgar*, exprimindo *embaruçar*, *entalar*, etc.

Aqui o militar agaleado  
 Saúda o principal de longa cauda ;  
 Alli c'o hábito rico , o cavalheiro  
 ( Inda ha pouco viífão ) c'os olhos busca  
 Em que roda de nobres se asdalgue :  
 Um possante geral de duas barbas  
 La falla , ao canto do balcão de vidros ,  
 Nas tesas conclusões de theologia ,  
 Nas distineções com que tapara a boca  
 A doctos mestres que a encová-lo vinham ,  
 E a dar-lhe as calças , que elles bem levaram.  
 N'outro corrilho nobres puritanos  
 De avós podres a tãa desenrolam :  
 « Aqui não ha judeu ; meu sangue é limpo ;  
 Lucrecias \* foram todas as esposas  
 De meus christãos guerreiros avoengos. »

Leves susurros , mal-rasgados risos  
 Ora partem d'aqui , ora se chegam.  
 Aqui se escarra , alli da caixa de ouro ,  
 Batida com desdem , o po se off'rece.  
 D'este lado a lisonja carinhosa  
 Baixa a cabeça , encosta as mãos ao peito ,  
 Os termos mede , o comprimento adoça ;  
 Do outro a fofa bazófia empavezada  
 Faz alarde da bem bordada véstia ,

\* Se como a Lucrecia romana tiveram seus Tarquinios que as dormissem , não consta que como ella se apunhalassem.

Da larga fita em que arfa a cruz comprada ,  
E c'o inquieto brilhante afaga a testa ,  
Coça uma e outra orelha não peccantes.

Encostada ás riquissimas parèdes  
Destorce as torpes roscas a calúpnia ,  
E sopra ( não sentida ) atro veneno ,  
Que o zêlo , que a ambição destros fomentam ;  
Porque melhor no incauto peito cale.  
Mas, eis que a porta se abre , o rei se avista :  
Um so cuidado as mentes alvoroça ;  
— O garbo da airosissima mesura. —

Oh quanto é mais feliz o villão tosco ,  
De rubicunda prazenteira face ,  
Que emtórno\* da lareira\*\* co' as saloias  
Canta ao som da viola , que reclama ,  
As simples trovas das pagans janeiras ;  
Que o cangirão empina , a sertan meche  
Do saboroso lombo que rechia ;  
Sem pretender do ceo maior riqueza ,  
Que nma farta colheita e um manso cura!

F. MANUEL , *os Fastos.*

\* Os sectarios do *moderno idioma* escreveriam *ao redor.*

\*\* Pedra , emcima da qual se accende lume no meio da casa.

MANHAN D'ESTIO.\*

CAMPOS D'AMERICA E EUROPA. — O CAVALLO. —  
RECORDAÇÕES.

Oh ! como dilatar-se aqui parece  
Meu coração, e qual a flor aos raios  
Da rociante manhan, se abre ao contento!  
Que rica profusão de aspectos, côres  
Attrai meus olhos soffregos ! presumo

\* Os seguintes versos, extrahidos da epistola impressa em frente d'este poema, servem de apologia ao grande talento e apurado gosto de seu illustre auctor :

... Dos montes da lyrica harmonia  
Descendo ás didascalicas florestas,  
Co' a formosa Lieutard, e amor com ella,  
Revendo e contemplando a natureza:  
Imitador de Saint-Lambert e Tompson,  
Co' a amenidade de um e o siso de outro,  
Em que pulchra dicção, acceita ás Graças  
Devolves philosophicos mysterios,  
Deleitoso *Passeio* historiando!....

MONIZ.

Que tudo quanto eu ouço e quanto eu vejo  
 Me convida a gozar, Mais melindrosa *Rec*  
 Era ( confesso ) a scena que Tnda ha pouco  
 Risonha alardeava a primavera :  
 Nas gramineas encostas ja não vejo *adp. e s. s. 4.*  
 Surgindo a medo a timida violeta,  
 A rosa abotoar, florir o espinho ;  
 Vai decrescendo a purpura do verde,  
 Em que fulgia a tunica da terra ;  
 Mas do ouro a côr succede-lhe , e natura  
 Toma um ar mais augusto ; e assim me agrada.  
 De novas sensações confuso enxame  
 Ja tanta actividade em mim não sopra  
 E me leva ao prazer ! minhas ideias  
 Não se atropellam rapidas , nem folga  
 Minha imãginação de extraviar-se  
 Pelo immenso universo. Um sol mais vivo,  
 Duplicando o calor com seu influxo,  
 Relaxa os nervos, musculos distende,  
 E ao repouso me inclina ; entra em meu peito  
 Mais tranquilla , mais placida , mais doce  
 Satisfação , que me engrandece e anima.  
 Instincto pensador de mim se apossa,  
 Me chega ao homem , me interessa o campo.

Se contigo , Lieutard , eu decorresse  
 De Ceilão aromaticas florestas,  
 Ou da que, ao sceptro hispano, insula, arranca  
 O denodado Pen , vergeis frondosos

De auri-flores manjins, cafes, olspices ;  
 Se respirasse a viração sadia  
 De um clima salutar no ameno Elysio  
 Que tanto engrandeces-te em versos de ouro,  
 Waller \*\* encantador, quando fugindo  
 De uma patria manchada em regio sangue,  
 La te foste asylar, d'onde trazidas  
 Per mão do luxo á Europa estereis palmas  
 Vinham transpondo os ceos, transpondo os mares  
 Ornar a frente de anglicas beldades :  
 Oh ! como acceso em estro eu descantára  
 Esses grupos de altissimas montanhas,  
 De alcantiladas rochas figurando  
 Que pendem, que despenham ! densos bosques  
 Que sôbre ellas ondeiam, que estendendo  
 Tortas raizes atravez das fragas,  
 De lascados penedos, hi procuram  
 Humido nutrimento que as procellas  
 Depositaram la ! suberbos rios  
 Que em cascatas fluctisonas \*\*\* tombando  
 Com medonho estampido, aos valles descem,  
 Onde correndo em morbidos remansos  
 Fazem brotar per fertiles\*\*\*\* planicies

\* Especie de myrtho da Jamaica.

\*\* Um dos mais delicados poetas da Inglaterra.

\*\*\* Epitheto com que o auctor enriqueceu o idioma : vem do latim *fluctisonus*.

\*\*\*\* Fazeis os campos *fertiles* viçosos.

D'eterna primavera o esmalte e o viço!

Mas, campinas d'America, indios campos,  
 Não vos cede em belleza a patria minha! —  
 Aqui não surge a férvida canella,  
 Não floresce o cacau, nem corre o nectar  
 Dos verdes canaviaes: porém que importa,  
 Se com pródiga mão Ceres reveste  
 Nossos campos de luridas espigas?...  
 Se o Numen d'alegria em Nisa honrado  
 Folga de coroar-se, e enflora e thyrsos  
 Dos vicejantes pampanos que adornam  
 Nossos ricos outeiros? — Se Minerva  
 Sua árvore aqui planta? — Olfato e vista  
 Pomona nos lisonja \* com seus fructos?  
 Se a brincadora Flora aqui despeja  
 Seu florente regaço? — Vossas aves,  
 Sem galhardia mais que insulsas côres,  
 Co'o rouco pio vencerão das nossas  
 Dulcisono trinar e arpejos doces? —  
 Tu so, tu rouxinol que ao pôr do dia  
 N'um verde myrtho solitario exprimes  
 Tam extremoso amor, tu so bastavas  
 A animar nossos bosques! Como a ouvi-lo  
 Doce melancholia a alma me opprime!  
 Parece-me que as árvores se inclinam,

\* Porque a Fama te exalte, e te lisonje.

Que se demoram trepidos ribeiros , \*  
 E os zephyros brincões as azas fecham  
 Para se enternecer, carpir com elle!...  
 Com tammanha ternura a gentil noiva  
 Não chamou nunca o adolescente esposo ,  
 Ou foi saúdosa mãe do filho á pyra  
 Dizer-lhe o último adeus, votar-lhe as tranças\*\*

Se não vemos pular nos lysios campos  
 Rapido arminho , e no cambiante pello  
 Não estio ouro emular, no inverno a neve;  
 Se alli longi-vidente hirsuto lynce  
 Té o cimo das arvores não segue

\* ..... *Et obliquo laborat*  
*Lympha fugax trepidare rivo.*

HORACIO , liv. II , od. 3.

\*\* Entre os Gregos era do ritual funéreo, que o parente mais proximo , ou a pessoa mais interessada polo defuncto , cortasse o cabello e o queimasse com o cadaver. Homero, descrevendo os funeraes de Patroclo, diz, que Achilles depois de desculpar-se com o rei Sperchio.

Εν χερσὶ κομῆν ἐτάροιο φίλοιο  
 Θῆκεν τοῖς δεπᾶσιν ὑφ ἡμερον ὠρσε γόοιο.

Nas mãos do caro amigo impõe a trança ,  
 E saúdade geral provoca ao pranto.

ILIADA , liv. XXIII , v. 152.





Tímida préza em que sacie a fome ;  
 Se artifice castor do Tejo á beira ,  
 Com pasmo do philosopho, não mostra  
 Engenhoso primor d'architectura ;  
 Por estes animaes , que apenas servem  
 De exornar de pellica ao rico estulto ,  
 Com seu leite mansissimas ovelhas  
 Nutrimento nos dão , co'a lan nos vestem .  
 O cornigero touro nos ajuda  
 A romper com o arado o seio á terra  
 Para extrahir os solidos thesouros ,  
 Firme esteio dos povos ! E quem póde  
 Olhar sem gósto o intrepido ginete ,  
 Ver-lhe as ondas da cauda , as bastas clinas ,  
 O medonho relampago dos olhos ,  
 E o nítrido feroz que a guerra incita ?  
 Languido tosa a relva... a tuba canta ,  
 Estremece , arde , espuma , a terra pulsa ,  
 E deseja que o dorso ja lhe opprima  
 O cavalleiro impavido ; com elle  
 Se arroja aos batalhões , cresce-lhe a audacia  
 Ao rufar dos tambores , não se assusta  
 Vendó luzir mortíferas bayonnétas ,  
 Folga escutando o sibilo das bailas ,  
 Ganha a victoria , ou sem pavor fenece . \*

\* Ésta descripção do cavallo, per sua originalidade  
 e movimento, nada tem que invejar ás mais gaba-  
 das assim naturacs, como estrangeiras.

Que ufania vos sopra a infausta posse  
 D'esses metaes funestos, que outro tempo  
 (Tantas vezes em sangue vos tingiram,  
 Nascem a-farto aqui, nós os pisámos;  
 De nossos montes no abrasarlo seio  
 Sali-sulphureas sem cessar s'elevam  
 Exhalações que operam, que dividem  
 Metalinas moleculas, e as fazem  
 Turbilhonar nas terreas cavidades:  
 Umás com outras no gyrar se engrossam,  
 Cedem ao péso, e cahem, e se empastam,  
 Formam puros metaes, a prata, o ouro,  
 Plumbo, cinábrio, o hydrágiro que enfreia  
 Virulenta syphile! De igual modo  
 Nos figuraram ja tenues parcellas  
 D'esse ether subtilissimo expandido  
 Na vasta criação, que combinadas  
 Co'as substancias chylígenas nos corpos  
 O espirito, que os move, influem, geram!

Oh Lysia, oh cara patria, eden d'Europa,  
 Mãe fecunda de Pindaros, de Homeros,  
 Tuas lindas paizagens,\* teus prospectos  
 De um Boucher ou de umTompson não poderam  
 Inda o genio accender. — Indifferentes  
 Teus cantores olharam ricas scenas,

\* Quanto fólgo de olhar *paizagem* rica!

Em que emtórno lhes ria a natureza,  
 Vertendo a inspiração. — Sem transportar-se  
 Vicissitude immensa contemplaram  
 De prospettivas, onde o forte, o brando,  
 Assombroso e aprasivel se alternavam  
 Em valles, em montanhas, vargens, praias,  
 Ora erguendo-se aos ceos agudos sérros,  
 Estalados penedos, que parece  
 O cahos recobrar, restos medonhos  
 D'extinguidos vulcões. Alli negrejam  
 Entre o fundido ferro escorias, lavas,  
 Congestões de basaltico: arde o spatho,  
 Schistos, schorles, fractiveis pedras que ornain  
 Despojos dos tres reinos. Ora fulgem  
 Verde esmeralda e nitida saphyra,  
 Diaspro, amethysta, ágatha e pyrites,  
 Granada, onix, diamante. Além se elevam  
 Calcarias massas, marmore, alabastro,  
 Que tua mestra mão fará sem custo  
 Em nunes transformar, solerte Gomes\*.  
 Na flor da terra ao longe reverberam  
 Per entre a relva e as mádidas areias,  
 Do rei do dia ao trémulo reflexo,  
 Os diaphanos crystaes, brilhantes filhos  
 Da terra e mar, quando ella o sol falseia.

Eis perto e longe em quadro picturesco

\* Alexandre Gomes, esculptor portuguez.

Arvoredos , casaes , collinas , fontes ,  
 Flumens , \* prados , plantios e remansos ,  
 Onde imaginações sublimes , ternas  
 O espirito salteiam . — Ledos gados  
 Pascem as relvas morbidas , que encobrem  
 Magestosas ruínas de um castello ,  
 Onde outrora suberbas tremolaram  
 As mauritanas luas !... La descobre  
 Rustico arado ossadas dos Romanos  
 Que ao ferro de Viriato\*\* a vida deram.  
 Este rio me diz que em margens suas  
 Viu fugindo Pompeu !...\*\*\* N'essa campina  
 O fementido Galba \*\*\*\* sangue em chôrro  
 Fez correr á traição de um povo inerme !  
 Aqui entre trezentos mil alfanges \*\*\*\*\*

*guedes*

\* Rios.

\*\* Portuguez valorosissimo, o qual de pastor, e depois de bandoleiro, veio a levantar-se com toda a Lusitania, por cuja defensão deu assás em que entender aos Romanos, per espaço de 14 annos.

\*\*\* Elle foi vencido per Sertorio, general dos Lusitanos.

\*\*\*\* Este pretor sendo derrotado pelos Lusitanos, veio depois á testa de novo exército, e, á falsa fé, e contra a segurança promettida, matou muitos d'elles pelos annos de 385r, de que escapou Veriato.

\*\*\*\*\* A este número faz la Clede subir a hoste dos cinco reis Sarracenos, que D. Afonso Henriques debellou no campo de Ourique.

Do Mouro atroce impavidos ergueram  
 Lusitanos heroes seu rei primeiro.  
 Com que ternura Scálabys \* não viste  
 Caro ás musas e a Marte o bravo Hermingues,\*\*  
 Sôbre palmar que o sangue borrifava,  
 De Fatima render-se a um ternô riso.  
 Inda murmura em margens do Mondego  
 Essa fonte que o nome tem de amores,  
 Onde folgando em braços do teu Pedro  
 Estavas, linda Ignez, posta em socêgo,\*\*\*  
 Sem temer o punhal que a inveja erguia.

Eximios vates que adornais a patria,  
 Tempo é ja de mostrar ao Elba, ao Thames,  
 Que tem bardos o Tejo, que descantem  
 Seus Elysios gentis em metro augusto.  
 Festões de flores entretece a glória  
 Para a frente cingir-lhe, e os chama ao campo!  
 Ouvidos não cerreis á voz da deusa.  
 Aqui onde ribeiros tortuosos  
 Verdoso esmalte morbidos retalham  
 D'êsta campina em modos mil, e á sombra

\* Santarcm.

\*\* Gonçalo Hermingues, cavalleiro e trovador muito acceito na côrte d'el-rei D. Afonso I: em um recontro que teve com os Mouros aprisionou uma gentil Moura, com aqual se recebeu, depois de baptizada.

\*\*\* Verso de Camões.

D'estes pomares recendendo ao longe  
Co'a alva flor de auri-verdes laranjeiras,  
*Vinde de Cramer* \* dedilhar o alaude.

J. M. DA COSTA E SILVA, o *Passieio*.

\* Poeta alemão.

.....

## A SOLIDÃO.

ACHILES. — GALILEU. — MILTON. — TASSO. —  
 YOUNG. — VIRGILIO. — DIDO. — PINTURA. —  
 O MALVADO. — OS AMANTES. — AMERICA.

---

Amavel solidão , tres vezes salve!  
 Amavel solidão ! tu es o extremo  
 Dos bens que Jehovah reparte ao mundo.  
 Por ti nossos prazeres se aviventam ,  
 Por ti nossos prazeres se amortecem !  
 Amante desditoso que revolve  
 No coração océanos de penas  
 Foge a teu seio : á chaga tu lhe vertes  
 Salutifero anódino , e benigna  
 A dor lhe estancas, e a razão lhe volves !

La quando emtórno aos muros de Neptuno\*  
 Com guerra de dous lustros fatigavam  
 Da Grecia os filhos aos heroes da Phrygia ,  
 Do altivo rei dos reis , do audaz Myceno  
 Vivamente offendido , e maldizendo

\* Consulte-se a Iliada , liv. ix , ver. 186.

Porque os ceos a vingança lhe coarctavam  
 O filho de Peleu , da Grecia o raio ,  
 Deixadas armas , glória , amigos , tudo ,  
 Entregue so a ti , ao som da lyra  
 Na solitaria praia descantava  
 A enternecida amante que em soluços ,  
 Per grosseiros heraldos arrastada ,  
 Em vão de Achilles implorára o nome.

Artes , sciencias , dadivas do Eterno ,  
 Que o mundo abrilhantais , ao seu abrigo  
 O mor lustre deveis : n'elle incansavel  
 O sublime Buffon co'a mente accesa ,  
 Co'a vista curiosa penetrava  
 Da natureza o sanctuario occulto ,  
 Onde em mystica névoa involta , esquivava  
 Olhos ignaros do profano vulgo ,  
 E o liminar lhe vela assiduo estudo ,  
 Cujo ardente phanal mostrava ao genio  
 Altas verdades , immortaes segredos ,  
 Com que o mundo depois encheu de assombros.

No repouso da noite quando o sonno  
 O resto dos mortaes em ocio ignavo  
 Prendia ao leito , o Newton da Toscana ,\*

\* O celebre Galileu , punido por ensinar o systema de Copérnico , hoje plenamente recebido de todos os sabios.



Victima da ignorancia e fanatismo ,  
 Titão sem crime , ia escalar o Olympo ,  
 Olhaya o curso das fulgentes massas ,  
 Milhões de mundos que no espaço nadam ,  
 Chegando-se , fugindo-se continuos ,  
 Reciprocos se prestam luz e sombra .  
 Via se era o cometa qual pensava  
 A rude antiguidade , annúncio torvo  
 Da ruína dos reis , quéda de imperios ;  
 ( Pois throno jamais cai sem que seu p'iso  
 Esmague uma nação ) ; ou vagabundo  
 Explorador do exército dos astros , *Orubia*  
 Que humilde á voz do general prestante  
 Descreve emtórno ao sol ellipse immensa .

Vós , prazer dos mortaes , da vida incanto ,  
 Filhas do ceo , oh Graças tres das artes ,  
 Sábia poesia , musica , pintura ,  
 Vós da morte rivaes , rivaes do tempo ,  
 Que em metro , em canto , que em pincel divino  
 Os heroes arrancais á campa fria ,  
 O pensar lhe volveis , voz , moto e vulto ,  
 E ao seio os conduzis da eternidade ;  
 Quanto não lhe deveis ? Foi por ventura  
 No turbilhão e estrepito do mundo ,  
 De brilhantes faustosas assembleas ,  
 Ou recolhido em si , que o Anglo-Homero \*

\* \* Veja-se sobre esta passagem o Paraizo perdido  
 de Milton.

Vingando-se do insulto da desgraça  
 Que aos olhos o universo lhe furtava  
 ( À maneira do heroe que ve mal p...  
 De tyranno, que serve, altas proezas,  
 Vai offrecer-se a principe brioso  
 Que o ama e com usura o remunera )  
 A terra desdenhando , sôbre as azas  
 D'aquecida inspirada phantasia  
 Impavido adejava a ignotos mundos ,  
 Ia ao throno cûrvar do Omnipotente ,  
 Ouvir-lhe a voz , e examinando o empyreo.  
 Ao Barathro profundo se arrojava.  
 La o antitheo Satan bramando via  
 Do igneo lago surgir, qual sai zunindo  
 Das inflammadas fauces do Vezuvio  
 O lava destructor que involto em fumo  
 Vizinhas povoações destroi , derraba ,  
 E ameaça ruína ao orbe inteiro ;  
 Do monarcha infernal ouve o concílio .  
 Acompanha-o depois , ve como encara  
 A incestuosa filha , o filho infando ;  
 Passa incerta a do cahos anarchia :  
 Ve-o atravez do vacuo ao sol sabindo ,  
 Uriel illudir , e no Eden sacro  
 A innocencia opprimir ! Oh noite amiga  
 Socia da solidão , tu testifica  
 S'ella foi quem dictou o canto augusto  
 Ao Britanno cantor ! Quem , senão ella ,  
 A Tasso revelou os ais , os prantes ,

26  
 27

Ternos suspiros da extremosa Erminia?  
 E extrahia do meio dos sepulcros  
 Esses nocturnos ponderosos cantos  
 Do vate do Futuro\* que incantaram  
 A soberba Albion? Tu que de Roma  
 Foste a glória, e es o idolo do mundo,  
 Tu que brilhante estrella encaminhaste *quede*  
 Meu passo juvenil pela ardua senda  
 Do difficil Parnaso a tantos invio,  
 Oh! mestre, oh Phebo meu, Virgilio amavel,  
 Quem póde duvidar que a musa tua  
 Amára a solidão? Tu mesmo o dizes,  
 Quando, depois de expor em versos de ouro  
 Os segredos d'essa arte proveitosa  
 D'alimentar os homens,\*\* que insensatos  
 Mal se lembram que existe, quando insanos  
 Na que os destroi se esmeram, suam, cançam.  
 Em quanto Cesar, vencedor no Euphrates,\*\*  
 Fulmina victorioso, e leis promulga  
 A submissas nações, tanto engrandece  
 Da tranquilla Parthénope o repouso.

Desce a noite, supita o somno o mundo;  
 No solitario leito a infausta Dido \*\*\*\*

\* Young, poeta inglez

\*\* As Georgicas.

\*\*\* Vejam-se as Georgicas, liv. 1v.

\*\*\*\* Recorra-se á Eneada, liv. 1v.

Unica vela : em mar de pensamentos  
 Sua ideia naufrága : amor , vingança ,  
 Odio , furor no peito se lhe alternam ,  
 E em toda a parte o Teucro se lhe antolha.\*  
 « É ésta a fe ( exclama em pranto a triste )  
 D'esse heroe em piedade abalizado ,  
 Que o velho pae salvou per entre as chaminas  
 Da abrazada Dardania ! que blasona  
 D'interessar os ceos em seu destino !  
 Se é tal um semideus , quem será monstro ?  
 Sacudido do mar co'a morte á vista  
 Ás praias do meu reino , o acolho meiga ,  
 Franqueio-lhe meu paço... oh!... isto é nada...  
 Minha mão... e por premio me abandona!...  
 Cabe tanta maldade em peito humano?...  
 Ah! se o rosto é fiel retrato d'alma ,  
 Seu rosto taes perfidias não promette !...  
 Eu talvez m'enganei... suas palavras  
 Não percebi... talvez , Dido infelice ,  
 Amor com vãos phantasmas te atormenta...  
 Sim , as naus que engolphadas ja presumo ,  
 Talvez na fulva arcia a quilha encravam... »

Nada socega a receiosa amante ;  
 Corre inquieta a misera rainha :  
 Ja com tremulo pe ganha alto eirado

\* Se lhe afigura , representa , etc. : vem de latim *ante oculos*, e do portuguez *ante os olhos*.

Que dominava o mar , e immobil fica;  
 Á luz da incerta aurora víra a infausta  
 Do perjuro os baixeis , que a plenas velas  
 Entre as vagas azues de um mar dourado \*  
 Sôbre as azas dos ventos se escondiam.  
 Um pouco torna em si , que não tornára ,  
 Sentira menos dor !...» Que ! desaferram !...  
 Partíram ! ai de mim !... Oh Jove oh ! numes !...  
 Mas que Jove ou que numes ! são chymeras ,  
 Ou justos em punir minha loucura !...  
 Eu , eu propria devia o tenro filho  
 Co' éstas mãos lacerar :... c'os membros d'elle  
 Banquetear o pae !... Mesmo a seus olhos  
 Levar o fogo ás naus , matar-lhe os socios ,  
 E enviá-lo depois ao negro inferno  
 Seus manes consolar.. Mas... ah ! que os monstros  
 Ja de todo a meus olhos s'esconderam !...  
 Zombam do meu furor ; E fico inulta !...  
 Furias , surgi , brami , tufões e ventos,  
 Inchaê-vos , escarceos !... vossos furores  
 Sôbreo ingrato ápurae... vingae... vingae-me...  
 Jôgo das vagas largo tempo , acabe  
 Sôbre duro penedo. — Ésta alma... ésta alma...  
 Que um momento não tarda , chegue a tempo  
 De insultar seu destino... » — Mais dissera ,  
 Mas fallece-lhe a voz e á dor succumbe.

Quadro divino , vezes mil fizeste

\* Dous versos de Garção.

Meu pranto borbulhar ! Talvez o vate  
 Á mesm' hora em que o Teucro fementido  
 A miseranda Elisa abandonava  
 Pensava em ti ! talvez na muda noite  
 Vinha inspirá-lo o espirito da infausta ,  
 Descubrir-lhe fiel quaes então foram  
 Sua dor , suas vozes , exultando  
 De eterna reviver em seus escriptos.

Raphael e Lully, Rameau , \* Corrégio , \*\*  
 E vós , patricios meus , Marcos , Henrique \*\*\*  
 Que d'Elmano as feições roubas-te á morte,  
 Para que sempre os pósteros tivessem  
 Seu rosto em teu pincel, a alma em seus versos ,  
 Seus discipulos sois : mas quem no mundo ,  
 Amavel solidão , a ti não deve  
 Sua glória ou prazeres ? Ai d'aquelle  
 Que em teu seio não folga de abrigar-se !  
 Virtuoso não é. Áspide occulto ,  
 Que as entranhas sem dó lhe dilacera ,  
 É o torvo remorso que lhe esperta  
 Não desmentida voz da consciencia...

Consciencia que és tu ?... fiel relógio ,

\* Célebres musicos francezes.

\*\* Rafael e Corregio, insignes pintores italianos.

\*\*\* Marcos Antonio Portugal. Henrique José da Silva, que tirou o retrato de Bocage moribundo.

Obra prima do artifice supremo,  
 Que ao homem la no fundo d'alma aponta  
 Delictos e virtudes ! de ti fuja  
 Quem lembrança do crime afflige, aneeia.  
 Desgraçado, ó Licetard, o que as mãos impias  
 Tyranno cruentou em sangue humano,  
 Se fugindo a si mesmo escapar pensa  
 Nos solitarios bosques embrenhado : *bois*  
 Companheiro fiel dos reos, d' medo  
 Vai em seu coração, e lhe povoa  
 De phantasmas sem conto a oppressa ideia.  
 Brando murmurio de agitadas ramas  
 É do trovão o estouro que annuncia *ru*  
 O raio vingador do Omnipotente.  
 Pequeninno regato, que deriva  
 Per entre alvos seixinhos saltitante,\*  
 Os brados com que o sangue despargido  
 Clama vingança aos ceos : e em toda a parte  
 Sombras, ventos, outeiros, que figura  
 Mil lémures\*\* de aspecto carrancudo;  
 Lhe quebram tanto os olhos, que endoudece.

Que differente quadro nos presentam  
 Dous puros corações de amor accesos,

\*Como o adjectivo *saltitante*, imita bem o sonoro rugido do regato! Estes dous versos são admiraveis.

\*\*Almas ou sombras dos maus que depois de mortos perseguem os vivos.

Que um para o outro , como nós , respiram ,  
 E a meigas sensações se se abandonam !  
 Longe o negro pezar equaleo d'alma !  
 Emtorno d'elles ri-se a natureza ,  
 O ceo chove seus dons , pula a alegria .

Quantas vezes á sombra d'estes myrthos  
 Reclinando no molle teu regaço  
 Minha cabeça , e sofrego fitando  
 Teus lindos olhos , unicos meus deuses ,  
 Beijando a nivea mão com que me afagas ,  
 De teus labios pendi immoto e quedo ;  
 Em máres de prazer a alma engolphada ,  
 Cri ver a terra rebentar-me em flores ,\*  
 Cantando festejar-me as avesinhas ,  
 Os ventos murmurando de invejosos ,  
 E luminoso genio em nuvem de ouro  
 Sobre nós despargindo idalias rosas !  
 Então , mudando ser , o pensamento  
 Em ti fixava : em extasi pensando  
 Que o mundo fica alli , não vai mais longe.\*\*  
 Momentos de prazer , parae... fugiram !....  
 Momentos de prazer , quanto sois leves ,  
 A fugir e a volver quanto tardonhos .

\* *E detto questo , subito abbracciolla ;  
 Poi si colcar ne la minuta erbetta  
 La quale allegra gli floria d'intorno .*

TRISSINO.

\*\* Que bellissimo quadro !



Parece que pré-gais á humanidade  
 Que á dor nasceu, á pena, ao pranto, á mágoa!  
 Da America tranquillos habitantes,  
 Quem melhor do que vós póde affirmá-lo?...  
 Vós que outrora o destino parecia  
 Á desdita furtar?... Em vão natura  
 Vos tinha acantonado em mundo ignoto!...  
 Immensuravel pelago debalde  
 Vos circum-defendia! que obsta ao homem,  
 Quando o inflamma a ambição, o accende a glória?...  
 Per esse mesmo pelago ja rompe  
 O Ibero destructor co' a morte ao leme;  
 Debalde empolla o mar, que s'embravece  
 Com a insólita audacia!... em vão tres vezes  
 O genio d'esse globo a mão levanta,  
 Porque em líquido tumulto sepulte  
 Dos corsarios da Europa o nome, os crimes:  
 Irrevogavel lei do fado o impede;  
 Elle o conhece, e as lagrymas lhe assomam.  
 « Ai, miseranda America! não posso,  
 Não te posso valer!... Eu vejo os ferros  
 Eu vejo a escravidão vejo os estragos  
 Que esses baixeis conduzem! a ventura  
 Foge d'este hemispherio, e amor com ella.  
 Ólho o sangue, ólho o fogo: ja fuzila  
 O tremendo Cortez, o audaz Pizarro,  
 O bronzi-tono Almagro, que dos Andes,\*

\* Este cordão de montanhas (as mais altas do globo) se distende per mais de mil e duzentas leguas.

DESCRIPTIVOS, DIDACTICOS, etc. 33

Collossos que dos ceos o péso aturam , \*  
A cordilheira asperrima atravessa  
Para ir fartar no Chili a sacra fome \*\*  
De sangue, e de ouro, que lhe abarca o peito!...  
Vejo os trovões esphericos que prostram  
Os pagodes do sol!... La sôbre as aras  
Seus ministros por victimas expiram!...

Que povo immenso\*\*\* que remeda a noite  
Na côr da face que o pezar lhe enruga ,  
A este Orbe devastado se transplanta!...  
Aos centos , aos milhares os vomitam  
Artilhados galeões ! tumida a espalda  
C'o retalhante açoute , e tarda a planta  
Do estridulo grilhão , entranhas rompem  
De rochedos e montes , por que escavem  
Thesouros que enriqueçam seus tyrannos !  
Ou nutridos de um pão , que o pranto abranda ,  
As preciosas árvores cultivam ,  
Que o luxo lhe fomentem com seus fructos.

Mas que espadana fúlgida rompendo

do isthmo de Panamá ao estreito de Magalhães , e  
divide o Peru do Chili , correndo de norte a sul.

\* Verso de Bocage.

\*\* ..... *Quid non mortalia pectora cogis  
Auri sacra fames.*

VIRGILIO.

\*\*\* Os negros.

A nevoa espessa, em que se envolve o tempo,  
Prospectos abre que o desgosto adoçam!  
Regozija-te, America! a vingança  
Chega dos ferros teus! por que alto preço  
Teu dominio fatal acquire a Europa!  
De pólo a pólo a guerra s'incendeia,  
Cresce a exigencia, estragam-se os costumes,  
Perece a fe dos thalamos, mil fórmas  
De inauditas, de esqualidas doenças,  
Toxicos vertem de tartareas taças!...  
Corrupta a geração nas proprias fontes,  
O acceso amante pallido receia  
Ir a morte encontrar da amiga em braços!...»  
Assim fallando o Genio, em densa nuvem,  
Rosto e vulto envolveu, no mar sumiu-se.\*

J. M. DA COSTA E SILVA, *o Passeio*

\* Se muitos dos que hoje, em nossa terra, blaso-  
nam de poetas, recheiassem as suas producções com  
quadros d'esta especie, não estaríamos tão infastia-  
dos de uma arte que tanto eleva e instrue o espirito.

OS CEIFEIROS; OS PASTORES.

N'essa vasta planicie agora attenta :  
 Que fertil luxo Ceres assoalha !  
 Ve em montes alli fulvas espigas  
 Derrubadas jazer : e além cubertos  
 De contente suor , os segadores  
 Brandindo a curva fouce em terra prostram .  
 Essas, que, inócuo \* mar, ao vento ondeiam !  
 Não d'outra sorte a insaciavel morte  
 Corta, sem distincção, humanas vidas,  
 Jovenes lindos , enrugados velhos ,  
 No throno os reis , nas choças os pastores ,  
 E indistinctos os lança á sêpultura \*\*.

\* Pacifico.

\*\* Imitação d'aquelles versos de Horacio :

*Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas  
 Regumque turres....*

Ode xv, liv. 1.

Ou d'estes de Malherbe, fallando tambem da morte:

*Le pauvre en sa cabane, où le chaume le couvre,  
 Est sujet à ses lois,  
 Et la garde qui veille aux barrières du Louvre  
 N'en défend pas nos rois.*

Perto, não delicada aldeana bella  
 Quer inda mais infeitiçar o amante,  
 Não usa enfeites vãos, nem falsas côres,  
 Ou brando mover d'olhos refalsados,  
 Como da côrte as tímidas, deidades;  
 Porém, brandindo a fouce, co'elle aposta  
 Quem primeiro verá o termo ao sulco:  
 C'os olhos n'ella o rustico mancebo  
 N'alma se applaude de ficar vencido:  
 E porque assim desfructe o rosto amado,  
 Brada-lhe ás vezes, que recolha espigas  
 Que espalhadas deixou!... Volve a serrana,  
 E as espigas não vendo, a astucia intende,  
 E farpão novo n'um sorrir lh'encrava.

Além, d'aquelle ulmeiro á basta sombra,  
 Niveo vello, Nestor d'estes contornos,  
 S'encosta ao filho, que a campestre avena  
 Une ao labio, e singelos sons desfere,  
 A que attenta a grosseira juventude  
 Lasciva\* enlaça rápidas choréas.  
 Ora todos em chusma jovens, môças

\* Camões usou de *lasciva* n'esta mesma significação, quando disse:

Assim como a bonina, que cortada  
 Antes do tempo foi candida e bella,  
 Sendo das mãos *lascivas* maltratada  
 Da menina, que a trouxe na capella, etc.

LUSIADAS, cant. III, est. 134.

Rapidos gyram deslizando a terra, u. l. d. ue  
 Ora extantes os maïs, de grupo avança  
 Airoso par que em destros equilibrios  
 Exprime d'alma occultos sentimentos ;  
 De novo em chusma rodeando-os pulam,  
 E de flóreas grinaldas os enlaçam :  
 Soam vivas e palmas , gôsto occulto  
 No coração do velho se insinúa ,  
 E cré de novo remoçar c'os moços.  
 La dous membrados rusticos athletas  
 Nos braços nus s'enredam, luctam, gemem ,  
 Forcejam, vergam :... o suor em bagas  
 Lhê inunda as faces , lhe humedece as grenhas :  
 Curvam joelhos :... pela pelle avultam  
 Túmidas veias , musculos pulantes.  
 Ouves os gritos, os applausos ouves  
 Com que os accende a turba circunstante ,  
 Que o brinco fadigoso escarnecendo,  
 Estendidos na relva a taça emborcam  
 Do patrio vinho , que melhor lhes sabe  
 Que o çumo d'essas vides que opulentam  
 Ferteis margens do Rheno , e em ricas mezas  
 Vem fervente espumar a péso de ouro ! \*  
 Assim tranquillo o sabio mofa e zomba  
 Do insensato qu'estólido dá costas  
 Á ventura que o chama , e vai ao longe

\* Esta pintura nos mostra , ou para melhor dizer,  
 nos transporta ao lugar da scena.

Per ináres , per sertões pisando abrolhos ,  
 Arrebear no trilho ao seu phantasma !  
 Attenta agora ca. Dò myrtho á sombra  
 Ve dormindo na morbida verdura  
 Linda pastora que uma nympha imita :  
 Em quanto , seu rebanho , se penduram  
 De rócha em rócha trepadoras cabras. *Schmitz*  
 D'após do myrtho eis surde manso e manso  
 Joven pastor, e o dedo unindo ao labio,  
 Risonho impõe silencio á companheira  
 Da adormecida amante , á frente ajusta  
 Linda capella de jasmims e rosas !...  
 Ja de antemão gozando da surpresa  
 E curioso embaraço da formosa  
 Quando desperte e co'a grinalda encontre.

Oh divino pintor da natureza  
 Prestigioso Gesner,\* meu doce enlêvo !  
 Oh ! tu, cujas canções harmoniosas,  
 Como o sol bellas , gratas como as flores ,  
 Puras como a tua alma , quando as lia  
 Ou de uma fonte ao trémulo murmúrio,

\* É tão notorio o merecimento de Gesner , espe-  
 cialmente dos que teem algum conhecimento da  
 lingua aleman , que me dispensa de fallar d'elle  
 com mais extensão. Seu imitador Schmitz , e o nosso  
 Quita , são os unicos , que pela doçura de seus ver-  
 sos , delicadeza e ar campestre de seus pensamentos,  
 me parecem avizinhar-se a este grande modêlo.

Ou á sombra de um plátano , ou de um louro ,  
 Dos olhos doces lagrymas saltaram ,  
 E no sensível coração me erguiam  
 Terna saúde , ou co'a innocencia e mágoas  
 Dos nossos paes primevos , ou c'o quadro  
 Dos singelos costumes dos pastores.  
 Vate immortal ! quanto mais ólho o campo ,  
 Mais em mim de teu canto a estima augmenta !

Mãe do prazer, da liberdade filha ,  
 Doce alegria , o campo é teu imperio !  
 N'elle dominas soberana amavel ,  
 Nunca odiada e suspirada sempre.  
 Quando entre as nymphas tuas , tropa linda ,  
 A candura , a innocencia , a paz , a incuria ,  
 E a , por desdita nossa , hoje tam rara  
 Sancta amizade , vens folgar nos prados ;  
 Debaixo de teus pés s'enflora a terra ,  
 Vestem as selvas galhardia ufana ,  
 E nas altas montanhas , fundas gruttas  
 Onde natura se mostrou medonha ,  
 O proprio horror surri ! doce alegria,  
 Qu'errados vão satellites do fausto ,  
 Que no motim te buscam das cidades ,  
 Onde o mesmo prazer enoja e cança !  
 N'esses brilhantes circulos de amigos ,  
 Que um momento ligou , sólta um momento ;  
 La onde o coração fallar não ousa ,  
 E as vozes d'arte a atraíçoar s'esmeram !



Ou aos pés de bellezas petulantes  
Que em prémio d'um sorriso fementido,  
De fracos corações latria exigem !  
Ou pondo sôbre um dado os bens e a honra ,  
Ou nos da corrupção dourados templos ,  
Onde o crime s'ensina e aprende o crime,  
Dictos theatros,\* que infernal malicia ,  
Por que os mortaes perverta , eleva aos ares !

J. M. DA COSTA E SILVA, o *Passoio*.

\* Os apologistas do theatro chamam-lhe — *grande escola de moral* — Confesso que não posso perceber como um lugar (onde se ajunctam pessoas de todo sexo, condição e idade ; onde jogam, commovendo o espectador, as paixões mais violentas e perigosas; onde desenfreadamente se faz a satira de classes e nações, e de quando em quando soam alguns dictames da verdadeira moral, pronunciados per pessoas que os deshonram e contradizem) possa merecer esse nome.

.....

## O CREPUSCULO DA TARDE.

VOLTA DO CAMPO. — O CEMITERIO D'ALDEIA. —  
A MORTE.

---

Mas do sol os flammivomos ethontes  
 Cubertos d'alva espuma, e fatigados  
 Do comprido gyrrar, o passo abrandam ;  
 E manso e manso pelo mar s'escondem.  
 Pelo acceso horisonte assema ao longe  
 O mimoso crepusculo da tarde ;  
 Roupas trajando azues bordadas de onro ,  
 Vem na esphera ostentar seu curto imperio :  
 Zephyros brandos , placidos favónios  
 Entórno ao seu monarcha adejam , voam.

La deixa o valle balador rebanho  
 De mansas oves \* que n'alvura excedem  
 Neves septentrionaes : d'aqui parece  
 Um longo mar que empóla , e que toldaram

\* Do latim *ovis*, ovelha.

Os ventos a bramir de fofa espuma:  
 De boninas ornada o seio e as tranças  
 A candida serrana as acompanha ,  
 E rindo escuta do amator vaqueiro  
 Toscas finezas , naturaes requebros.

Tudo larga do campo , e tudo busca  
 De seu alvergue o asylo : ao nosso alvergue  
 Vamos tambem; Lientard , teus mestres dedos  
 Extrahindo o matiz dos sons do cravo ,  
 De Marcos e Hasse as arias portentosas  
 Co'a voz divina tornarás mais bellas :  
 Eu doudo de prazer de ouvir teu canto ,  
 Sôbre teu hombro repousada a fronte ,  
 Do mundo e de mim proprio heide esquecer-me.  
 Oh ! quanto é doce um magico sorriso  
 Ver adejar nas rosas de teus labios !...  
 Como ardo e me transporto se em mim fitas  
 Olhos, onde ternura Amor fuzila !...  
 Não te posso render grandezas , sceptros ;  
 Mas tenho um coração em que dominas ,  
 Pequeno imperio sim , mas sem rebeldes ;  
 Branda cithara as musas me temperam ,  
 Heide teu nome eteraisar com ella.

Mas que novo espectaculo nos olhos  
 De subito nos dá !... Da aldeia o templo  
 Subindo aos ares co'as idoças tórres :  
 O adro soturno que deroda cerca

Tumulos toscos , funeraes cyprestes ,  
 Talvez plantados pela mão devota  
 Do fundador da igreja que hi repousa      Cr .  
 Sem inscripção que um ai lhe lucre ás cinzas :  
 A branda viração que abana os ramos ,  
 Que o reflexo pathetico da lua  
 Deixa passar a custo , onde se acouta  
 O mocho infesto lúgubre piando ,  
 Doce melancholia acordam n'alma !.... \*

Porém teu braço tremulo e teu rosto ,  
 Para a terra apontado , assás me inculca  
 Que a solidão e o sítio te apavoram !...  
 Oh! não temas , meu bem !... na sepultura  
 Não se aninha a maldade : nunca os mortos      P .  
 Guerra aos vivos fizeram : paz constante  
 Tem alli seu imperio : alli não soam  
 Sussuros venenosos da calúnnia :  
 Nem se affia o punhal que beba sangue  
 Do atraído amigo ; antes aquelles  
 Que em ódio n' ésta vida deliravam ,  
 La misturam seu po , se abraçam na urna.  
 A morte , que figuram tam medonha ,  
 Tam fera , tam cruel , é branda amiga ,  
 É redempção ao misero que soffre ,  
 Ao varão justo oppresso ou mal punido ,  
 É como o pôrto após a tempestade !...

\* Versos cheios de poesia de imagem.

Um sereno Catão sem susto a invoca ,  
 Livre em seus braços Césares insulta.  
 A seu bafo Pacheco em pobre leito \*  
 Despe a miseria , ingratos reis absolve.  
 Outrora, como a ti, negras ideias,  
 Que na infancia bebi, me figuravam  
 Na morte o maior mal , não me animava  
 Um epitaphio a ler; estremecia  
 Ao som pesado dos funéreos psalmos :  
 Mas alfim do Thamisa o serio vate \*\*  
 Minha illusão desfez, co'elle na vida  
 Olhei males reaes , afiz-me ás trevas ;  
 Pago-me de scismar\*\*\* entre os sepulcros.....  
 A muda solidão e o pavor sancto  
 Fundas meditações me assomam n'alma ;  
 Ólho rasteira campa involta em musgo ,  
 Digo comigo : — Aqui talvez repousa  
 Algum novo Camões !... outro Bocage !...  
 Um que levasse heroes a estranho mundo  
 Per máres nunca d'antes navegados , \*\*\*\*

\* O valorosissimo Duarte Pacheco , tão célebre na historia da India , pela defeza de Cochim , e outras gentilezas marciaes , que chegam a parecer incriveis , morreu desgraçadamente n'um hospital.

\*\* Young.

\*\*\* Voz pouco poetica : Francisco Manuel disse no Oberon , cant. II , pag. 47 :

Hugo *scisma* Bagdad , e ver-se n'ella.

\*\*\*\* Verso de Camões.

Outro que estemporaneo aos ceos voasse  
 Sôbre versos de fogo !... abandonou-os  
 A sciencia, a fortuna !... em flor murcharam !...  
 Vou mais ávante ; os restos talvez pizo  
 De um Nuno sustedor de solio incerto !...  
 Mas talvez juncto d'elle em paz descança  
 Um Mafoma impostor !... talvez se unisse  
 Áquelle casco um monstro , que esperava  
 Para a terra ensopar em sangue humano  
 Que uma nação maniaca , de novo  
 Degollasse seu rei ! ambos a parca  
 Inmaturros ceifou a bem do mundo !

Mais ao longe imagino que a verdade  
 Me aponta um mansoleo , me diz : « Humanos ,  
 Aqui se acaba tudo ! ruem , morrem  
 Imperios , gerações e monumentos ! \*  
 Foi sábia um tempo a capital do mundo ,  
 Pobre aldeia sem nome é hoje Athenas ;  
 Escrava bruta de senhor mais bruto :

\* *Giace l'alta Carthago : a pena i signi  
 De l'alte sue ruine il lido ser la ;  
 Moionno le citta , moionno i regni  
 Cobri i fausti , e le pompe arena e erba!*

Tasso, Jerus. lib. cap. xv. est. 20.

*Veras el Tiempo con la diestra ayrada  
 No ay imperio mortal , que non consuma.*

LOP. DE VEG. CARP.

Onde Sophia reinou , onde a virtude  
A inercia o barbarismo despotizam !...  
Que é da torrente de mortaes selvagens  
Barbaros como as feras de seus montes ,  
Que o romano colosso derrubaram ?  
O nada os deu , ao nada outra vez foram.  
D' Epheso o templo um louco \* o poz em cinza !  
E a morte estranha o homem !... não , querida,  
Eu não a estranharei !... d'ha muito afeito  
A contemplá-la eston !... sci que outro em breve  
Hade vir meu logar tomar no mundo !...  
Então debalde do amator sem vida  
Igneos beijos darás nos labios frios !...  
Chamas por elle.... e te responde ao longe  
Lugubre sino que o convida á terra !...  
Nunca mais o verás, a um teu suspiro,  
Suspiros mil e mil lançar do peito !...  
Adeus , jogos de amor !... adeus , prazeres !...  
Ledos passeios , namorados versos !...  
Tudo co'elle caminha á sepultura !...

J. M. DA COSTA E SILVA, *o Passeio.*

\* Este louco e perdido foi Herostrato, o qual queimou o templo de Diana Ephesia, so por adquirir fama immortal no mundo.

## AS AVES\*.

Em que te occupas, diligente Lanio,  
 Quando ja de mil flores coroada  
 A estação dos amores se adianta?  
 Ja te vejo rasgar os leves ares,  
 E sentindo aquecer o rubro sangue,  
 Cêdes tambem de amor ao vivo impulso.  
 Sim, es tu... não me engano... a natureza\*  
 No teu rosto character mui distincto  
 Estampou, com mão firme e vigorosa,  
 Fazendo-o menos curvo, e interrompendo  
 A constante subtil pulida margem  
 Com mui visivel falha; e vigorando-o  
 Com assassino duplicado dente.  
 Não te demores, aproveita os dias

\* Eram tantos os rasgos de genio, tantas as belezas poeticas, e tantas as difficuldades vencidas n'esta obra, que eu julguei dever, se não acabar, aomenos corrigir e aperfeiçoar, quanto em mim coubesse, este producto verdadeiramente original de um genio poetico, para honra do auctor, e da lingua portugueza.

STOCLER.



Em que ferve o prazer, e Venus bella  
 D'entre as vagas do mar, onde acolhida  
 No seio de Amphitrite repousava,  
 Ergue a frente cercada de deleites.  
 Olha como respira docemente,  
 E nas azas dos zephyros levada,  
 Seu halito fecundo se insinúa  
 Nas entranhas da terra amortecida:  
 Como, depois do inverno triste e languido,  
 Remoça o orbe vigoroso e ledô.  
 Já nos campos, nas asperas florestas  
 Ao ninho esperançoso te convidam  
 As árvores, no verde altivo cume  
 Afiançando providente abrigo.

Não eram estes os cuidados ternos,  
 Que na amorosa errada phantasia  
 Imaginavas nescia, ó Nyctimene.\*  
 Suberbo throno a perfida fortuna  
 Parecia guardar-te; eis derepente  
 Da noite sob o manto escuro e denso,  
 Envolta foges agoirando males,  
 E te esquivas á luz do sol brilhante.  
 Nas frouxas garras do lascivo incesto,  
 Perdeste a delicada antiga fórma;

\* Donzella thessalonica, que tendo demasiada-  
 mente amado a seu paç, foi metamorphoseada em  
 coruja.

A occulta mão , que o crime enfreia e pune ,  
 De escuras pennas revestiu-te o corpo  
 Na cabeça disforme la te rasga  
 Os olhos que , por grandes , mais te afeiam ;  
 Nem se erguem sôbre o curvo rosto as plumas ,  
 Que airosas n'outras aves o rematam :  
 Frouxas e reclinadas a guarnecem ,  
 Afrontando as obtusas corneas ventas ,  
 E entre todas te fazem conhecida.

De Creta sôbre as praias lastimosas ,  
 Aonde pela vez primeira o canto  
 Horrivel, que entoaste , foi ouvido ,  
 Desgrenhando as madeixas de ouro fino ,  
 Longos annos gemendo memoraram  
 Teus erros, e teu fado miserando,  
 As compassivas nymphas e as napeyas.  
 Mal podem consolar-te ufanas plumas ,  
 Que recurvadas na cabeça imitam  
 Da tortuosa orelha o fino talhe :  
 Embora a teu querer obedientes  
 Ora se abaixem , ora se levantem :  
 Não cabe em vãos ornatos da desgraça  
 Mitigar o pungente acerbo golpe :  
 Que te vale ter sido consagrada  
 Á casta deusa que ao saber preside ,  
 Se te deslumbra os olhos vergonhosos

\* Minerva.

A luz clara do dia , e torpe objecto  
 Exposta jazes á picante mofa  
 Dos passaros mais debeis e mesquinhos ?

Tal é per toda parte o teu destino ,  
 Quer nos campos da Ausonia negras azas  
 Agites , ou nos rijos pés despidos  
 De plumage te firmes ; quer ostentes  
 Alvo corpo` nas frigidias montanhas ,  
 Onde o baixo Laponio contrafeito ,  
 Miseravel sustenta errante vida.  
 Embora vingues dilatados máres ,  
 E de Hudson \* nas rochas procellosas  
 Assentes o teu ninho , ou la nas terras ,  
 Onde o seu throno nebuloso o inverno  
 Firmou sóbre montões de fria neve  
 E esteril gêlo ; terras desditosas  
 Que um capitão brioso , hallucinado ,  
 O ousado Magalhães \*\* ao mundo antigo  
 Patentes fez , tentando nova estrada,  
 Que per ignotos rumos conduzisse

\* Estreito da America nas terras arcticas ao norte da terra de Labrador, descoberto per Hudson inglez em 1602.

\*\* Fernão de Magalhães, cavalleiro portuguez, (que descontente d'el-rei D. Manuel, se tinha passado para o serviço do imperador Carlos V) descobriu o estreito, que d'elle tomou o nome na America-meridional, em o anno de 1519.

Os emulos da patria a disputar-lhe  
 O dominio e riquezas do Oriente :  
 Vingança torpe, de renome indigna!

Ja pela mão de Ceres conduzidos  
 Abandonavam as incultas brenbas  
 Os homens d'antes barbaros e rudes ;  
 E qual de abelhas diligente enxame ,  
 Com discreto trabalho melhoravam  
 Os fructos que bravios dava a terra ,  
 E as ricas fontes da abundancia abriam.  
 Ja das artes emfim a que mais vale ,  
 Aquella que fixou e que sustenta  
 O sociál estado , começava  
 A libertar os homens da bruteza  
 Que nas asperas serras os detinha ;  
 Quando das chammas do sulphureo Etna ,  
 Em voragens involto de atro fumo ,  
 Rompeu e viu o dia o deus do Averno.  
 Amor, que então nas apraziveis praias  
 Da Sicilia aportára , mal o avista  
 Maligno se surrí , e com destreza  
 No arco embebe\* envenenada setta ,  
 Com que lhe vare o duro indocil peito.

\* Afirmo Francisco Manuel, que viu um manuscrito de um sermão de Vieira, onde para escolher a mesma phrase — *embebe a setta no arco* — havia 23 entre-linhas de 23 phrases, que antes d'esta lhe discontentaram. O que não me admira, quando

Mal o tiro desfere, e ve turbado  
 O implacavel Plutão, que ancioso exhala  
 Um profundo suspiro; a mão erguendo,  
 Com o dedo lhe aponta astucioso  
 Proserpina de Ceres filha amada,  
 Que festiva traçava e graciosa  
 Mil innocentes jogos com as nymphas,  
 Suas ledas amaveis companheiras:  
 Vê-la, abraçá-la, e com despejo insano  
 Roubá-la, foram actos de um momento  
 Para o deus que domina o Estygio lago.  
 Mas ja soam os miseros lamentos,  
 Os suspiros, as lagrymas queixosas  
 Da magoada Ceres, que buscava,  
 Attonita e convulsa a cara filha.  
 Debalde pressurosa os desabridos  
 Climas percorre\* aonde o frio norte

contemplo que a sua prosa é a mais correcta de todas as prosas portuguezas.

\* Bemque este verbo não se ache no dictionario de Moraes, usou d'elle Leonel da Costa, na vida de Terencio, a paginas xxxv, vertida em portuguez pelo dito Leonel; a qual vida, em testa de quatro comedias do auctor latino, com o texto em frente, sahiu á luz em Lisboa, no anno de 1788.

Eis a passagem acima allegada:

• Sendo (Terencio) convidado que se sentasse a ella (meza) ceiou junctamente com elle; e, acabada a ceia, foi percorrendo pelas mais (comedias) não sem grande admiração de Cério. •

No gèlo enrija as ponteagudas azas :  
 Debalde a esses passa aonde Cook\*  
 Ousado quanto humano , com mão firme  
 Fixou do mundo a derradeira méta:  
 Debalde a sua amavel Proserpina  
 Chama , vertendo amargurado pranto :  
 Nenhuma voz responde a seus clamores :  
 Nenhum vestigio encontra , que avivente  
 Em sua alma a esperança amortecida.  
 De novo entre gemidos volta aos campos ,  
 Onde Arethusa em fonte transformada,  
 Per desvios conduz as claras aguas ,  
 Como se inda fugisse á petulancia ,  
 Com que Alpheu abraçá-la pretendia.  
 Os olhos, onde as lagrymas pulavam ,  
 Lançando acaso á limpida corrente,  
 Ve ainda boiando sôbre as ondas  
 O cinto virginal de Proserpina ;  
 E como se a perdéra n'esse instante ,  
 Volvendo ao ceo o rosto magoado ,  
 Fere co'as tenras mãos o niveo peito ,  
 E sólta aos ares insoffridos brados.  
 Ja quasi maldizia a terra ingrata ,  
 Em que tanto pezar a sossobrava ;  
 Quando Alpheu , d'entre as águas levantando  
 A limosa cabeça , lhe dizia :  
 « Modera , ó deusa , a tua dor ; e sabe

\* Viajante e escriptor inglez.

Que no Tartareo reino o sceptro empunha  
Do teu materno amor o doce objecto :  
Eu a vi , de Plutão entre os nervosos  
Negros braços , entrar no seio escuro  
Da terra que se abríra ; e conduzida  
Ser per elle aos abysmos. So de Jove  
A voz omnipotente póde agora  
Arrancá-la do reino de Summano. »  
Disse ; e a deusa subindo ao alto Empyreo ,  
A Jupiter expõe o infame roubo ,  
Com lagrymas de dor pungente e viva.  
Condoído o pae terno lhe promette  
Que a filha lhe será restituída ,  
Se com fructos do Averno , suavizado  
Ainda não tiver a fome ou sêde.  
Lei dura ! mas do fado irrevogavel  
No livro dos destinos decretada.  
Afouça Ceres desce ao lago Estygio :  
Mas póde acaso affiançar prudente  
Quem a fôrça conhece e o vivo impulso  
Dos appetites no femíneo sexo ,  
Que de um formoso fructo os attractivos  
Não hão de escurecer per um momento  
De acerbos mágoas a impressão penosa ?  
Proserpina gentil , semque a pungente  
Materna saúde lhe empecesse ,  
Ou de Plutão a barbara bruteza  
De invencivel horror a penetrasse ,  
Tinha provado nos jardins que cercam

Do austero Dite o magestoso paço ,  
 Succosos bagos de roman viçosa ,  
 Que a rubra côr da vívida granada  
 Pelas fendas da casca aos olhos mostra.  
 Ascálapho somente a tinha visto  
 Saborear o delicado pomo ;  
 Ascálapho que filho era de Orphene ,  
 Entre as nymphas do Averno a mais formosa.

Tal da Ethiopia nas adnstras côrtes ,  
 Entre as esposas dos brutaes monarchas ,  
 Por linda se vantagem a que reúne  
 Á negra côr do ébano lustroso  
 Olhos , aonde o fogo de amor brilha ,  
 E dentes que na alvura sobrepujam  
 O polido marfim : assim de Ascálapho  
 No Averno a mãe gentil se avantajava  
 Ás outras nymphas de infernal belleza ,  
 E Plutão jnncto d'ella , mnitas vezes ,  
 Das fadigas do throno se esquecia.  
 Até ao vê-la o duro Rhadamanto  
 Se diz que os feros olhos ameigava :  
 Mas era van , travêssa , e sem disvelo  
 Tinha educado o filho , que imprudente  
 O segredo fatal revela , quando  
 Ja entre os meigos braços a mãe terna  
 Reconduzia a suspirada filha.  
 Indignou-se do Erebo a sob'rana ,  
 E nas aguas do torvo Phlegethonte



Ensopando flexível teuro hyssopo ,  
Lhe aspergiu a cabeça que disforme  
E emplumada ficou : a um lado e outro  
Seis recurvadas pennas se levantam ,  
As humanas orelhas parecidas ;  
Quiz fallar, e do resto adunco rompem  
Somente tristes agouzeiros pios ,  
Que frequente com rouca voz repete :  
Vai os braços mover, e sôbre os ares  
O levantam pintadas longas azas  
De pardo-escuro e ruiço colorido :  
Em vez de pés, so dedos guarnecidos  
Acha de agudas encurvadas unhas :  
Desde então as nocturnas sombras ama ;  
E do Averno fugindo sôbre a terra  
O vôo dirigiu ; onde lhe chamam  
Mocho , presago de funestos males.  
Ora habita edificios carcomidos ,  
Ora cavernas de medonhas rochas ,  
Ou cavos troncos de árvores antigas :  
Sempre nos montes vive, e priguiçoso ,  
O unico signal que testemunha  
Sua antiga grandeza , é a vaidade  
Com que em ninhos alheios deposita  
Os proprios ovos , para ver seu custo  
Prosperar a voraz infausta prole.

A. P. DE SOUZA CALDAS , *as Aves.*

O HOMEM.\*

NO ESTADO INSOCIAL. — DE FAMILIA. — SOCIAL.  
 — NASCIMENTO E PROGRESSO DAS ARTES  
 E SCIENCIAS. — EGYPTO. — ROMA.

Da culpa é primogenita a ignorancia ,  
 D'ella romperam carregadas sombras ,  
 Que os claros horizontes enluctaram  
 Da razão que no berço em luz nascêra :  
 Qual dos corruptos pantanos s'eleva  
 Exbalação mephitica , que abafa  
 E que embacia o sol , toldando os ares.  
 O rei da criação , tu foste , ó homem ;  
 Ficaste escravo em carcere profundo :  
 A doce habitação do Eden viçoso ,  
 Ond'um instante so tiveste o solio ,  
 Perdeste para sempre ; errante e triste ,  
 Tu foste ser habitador dos bosques ,  
 Dando o suor e lagrymas á terra ,  
 Que indocil a teu braço entre os abrolhos  
 Te dava apenas misero sustento ,

\* Relativamente ao poema , de que extrahi os seguintes pedaços , leiam-se aa paginas LV e LVI d'êsta collecção.

Que disputaste ás feras rebelladas :  
Fugiu-te qual relampago a ventura.  
Qual ephemera flor que brota e marcha :  
Assim vemos nascer na primavera  
Resplandecente o sol , risonho o dia ,  
Que subito negrume em nuvem densa  
Aos olhos rouba a luz , e a paz aos ares ;  
Tal o destino do mortal primeiro ;  
Nascendo viu a luz serena e pura ;  
Raiar a viu... esvaecer-se logo.  
Houve entre o berço e tumulto um so dia.  
E tanto pôde em nós seu erro e crime ,  
Que temos por herança o mal e a morte :  
Para nós foi desterro o qu'era patria ;  
A um dia d'ouro seculos de ferro  
Se viram succeder ; fechada noite ,  
Profunda escuridão pousou na terra ;  
De mistura co'as brutas alimarias \* ,  
O rei da criação nos bosques vive.

Estado insocial , embora acclame  
Teus falsos bens , chymerica igualdade,  
O sabio hypocondriaco eloquente  
Que a sciencia combate , e a vida emprega  
Das artes todas no profundo estudo ,  
Que os homens aborrece , e os homens busca ,

\* Deu-lhe dous elephantes , e uma *alimaria* que se  
chama Ganda.

ALBUQUERQUE , comment. tom. iv. pag. 98.

Que adora a solidão martyr da glória,  
 E Timão so quer ser sendo Aristippo.  
 Se elle comigo pela marge' immensa  
 Do Amazonas medonho os homens vira  
 Humanos na figura, em tracto feras,  
 Nus sem cultura, barbaros sem patria,  
 Então chamára á liberdade sua  
 Mais penosa que o carcere e que os ferros,  
 E so menos cruel que o jugo injusto,  
 Que esses, que elle illustrou, cobardes soffrem\*.  
 Pelos vastos sertões sem lares gyram,  
 Qual onça insocial, so pasto buscam,  
 Nos lacerados membros palpitantes  
 He seus mesmos iguaes (e, de assustada,  
 Doce mãe naturéza os olhos tapa)  
 A crua fome, e a gula ávida cevam.  
 N'elles é morta a luz do intendimento;  
 Contra a injúria do ar lhe ensina apenas,  
 Qual brada ás feras machinal instincto,  
 A mal vestir enregelados membros  
 De hirsutas pelles de animaes que matam.  
 Gente errante, infeliz, não sente apêgo  
 Á terra em que nasceu; repousa e dorme;  
 Onde a seus olhos lhe fenece o dia,  
 Lança-se em terra, a languida cabeça  
 A um tronco, quasi um tronco, encosta e dorme.  
 Se o sol surgindo as palpebras lhe toca,  
 Frouxo, indolente o barbaro desperta.

\* O tyrannico e usurpado governo de Bonaparte.

Ora um tigre veloz o despedaça ,  
 Ora co'a hervada frecha vara um tigre ;  
 Co'a mosqueada pelle os membros çobre ,  
 Se o frio agudo os membros lhe retalha.  
 Sente o calor ? indifferente a deixa ;  
 Não se ouve um pranto, lagrymas não correm,  
 ( Feudo que á morte a natureza paga )  
 Se no boçojo extremo a vida foge ,  
 O cadaver esqualido na terra  
 Jaz , ou no ventre da medonha Hyena ;  
 Nenhuma pia mão seus olhos fecha ,  
 Nenhuma boca os ultimos suspiros  
 Lhe toma , e lhe conserva : assim nos bosques  
 Viveu per muitos seculos o homem ;  
 Assim vive o Tapuia errante agora  
 Pelos sertões da America opulenta ;  
 Elle o primeiro annel d'inda não finda ,  
 Para o perfeito , progressão dos entes ;  
 Tem limites no hruto o instincto , e nunca  
 Dos homens a razão pára n'um ponto ! \*

D'este barbaro estado a raça humana  
 Foi dando passos vagarosamente  
 A estado social : barbara usança  
 Em costumes mais doces se transforma ;  
 Laço moral os homens presentiram ;

\* Ésta pintura do homem selvage é desenhada com summa propriedade e energia.

Co'as mutuas precisões a fôrça unida  
 Rebate as furias de aggressor injusto ;  
 Este o primeiro original ensaio  
 De um pacto social , da lei primeira ,  
 Clara expressão de universal vontade ,  
 Que de todos ao bem sujeita todos ,  
 Que de um nas mãos, ou, se lhe apraz, de muitos,  
 Depositára executiva fôrça.  
 Eis a fonte das leis , do imperiò a origem ;  
 E nada mais teus calculos nos dizem  
 Em aureo estylo , mysantrópo illustre ,  
 Pintor illuso do mortal que ignoras ,  
 Pois ás brenhas da America não foste  
 Ver do contracto social a origem ;  
 Foi so obra dos seculos. E quantos ,  
 Quantos houve mister para que as luzes  
 Reconcentradas n'alma s'evadissem !  
 ( N'alma as amortecéra a mão do crime ,  
 Em grosseira ignorancia o homem tendo. )  
 Porém qual fogo ardente , ou chamma activa ,  
 Que nos veios reconditos da pedra  
 Occulta jaz , mas subito scintilla  
 Do rijo ferro ao golpe repetido ;  
 Tal da humana razão o ethereo lume  
 Permaneceu per seculos sem brilho ;  
 Mas era enfim razão , bemcomo é fogo  
 O sol indaque involto em pardas nuvens ;  
 Do tempo a immensa successão de todo  
 As sombras desterrou ; e a natureza

Com grande esforço os ferros despedaçam.  
 Passa o homem do bosque á sociedade;  
 As precisões reciprocas soccorro  
 Pediram aos mortaes; e occulta fôrça  
 Irresistivel sympathia os laços  
 Da ventura commum com leis aperta:  
 E ja, não rude habitador das brenhas,  
 Nem surdo á voz da natureza, o homem  
 Sente do imperio paternal o jugo  
 Incognito atélli, pois se dos peitos,  
 E braços maternas se desprendia,  
 Findava a dependencia, aãõr findava,  
 Ia ao longe buscar pasto e guarida.

Foi da excelsa razão primeiro ensaio  
 A affeição paternal, e a lei primeira;  
 E na mesma caverna o esposo, a esposa,  
 (Dulcissima união!) co'os tenros filhos  
 Da humana sociedade a ideia mostram.  
 Do imperio ou reino o archétypo foi este.

A indústria natural se desenvolve;  
 De sêccas folhas, de quebrados troncos  
 A primeira choupana ao ar se eleva;  
 Das brandas aves o mimoso ninho;  
 Das feras o covil foi seu modêlo;  
 Contemplando o castor industrioso  
 Dos largos rios nas virentes margens  
 Formando habitação, ergue a morada,

E aperfeiçoa mais commodo alvergue ;  
 Das ferteis plantas espontaneos fructos ,  
 Olhando ao perto a próvida formiga ,  
 Para a quadra opportuna ajuncta e guarda.

Salve , primeiro braço , que intentaste  
 Rasgar o seio da fecunda terra !  
 Obedeceu-te a natureza , e veste ,  
 A teu aceno formosura estranha .  
 A tam nobre suor agradecida ,  
 Do maternal regaço entorna em ondas  
 Seus fructos e seus dons , que os votos enchem  
 Do ja não fero agricultor primeiro .  
 Salve , feliz mortal , tu so de estatuas ,  
 Tu foste digno so de nome e fama :  
 Chame-te Osiris \*\* fabuloso Egypto ,  
 Ou Triptolémo a Grecia aduladora ; \*\*\*  
 Fosses quem fosses tu , digno es por certo  
 Do respeito dos seculos , mais qu'esses ,  
 Que fizeram gemer , curvar co'o péso  
 De imperios vastos a mesquinha terra !

Per degraus mais e mais a indústria cresce :  
 A sebe fecha os campos , defendidos  
 So das feras então , depois dos homens ;

\* Veja-se a primeira fabula de J. La Fontaine.

\*\* Filho de Jupiter e de Niobe.

\*\*\* Filho de Celéo , rei de Eleusis e de Metanire.



Quando avareza vil , cubiça insana  
 Quiz dar jus á rapina , e jus á fôrça ,  
 Fundando o imperio da razão nas armas.  
 Das várias estações ja sente a volta  
 Cultivador ságaz , reflecte e segue  
 O passo igual da natureza activa.  
 Brotam das plantas fructos espontaneos ,  
 A indústria os amacia , os multiplica ;  
 Crescem as precisões , e a luz recresce  
 Frouxa , debil téalli , de humano ingenho.  
 A doce agricultura , o brando armento\*  
 Foi da indústria mortal primeiro emprêgo ;  
 Assim nos falla oraculo divino !  
 Hobbes \*\* profundo , e triste embora diga  
 Involto em sombras , que o primeiro estado ,  
 Ou prinitiva condição dos homens ,  
 Fôra so dura guerra e roubo e morte.  
 Onde tudo é commum , commons os fructos :  
 Era ignota a vaidade , ignoto o luxo.  
 Dava a terra o sustento , e hirsutas pelles  
 De extiuctos animaes davam vestido.  
 Os raios accenden da injusta guerra  
 O deslumbrado idólatra da glória ;

\* Gado grosso e vacum, Usou d'este termo Sa de Menezes , na sua Malaca :

Qual pelo prado vagaroso *armento* ,  
 Segue o suberbo touro não domado.

\*\* Auctor philosopho inglez.

Quanto distante da innocente vida  
 De ingenuo agricultor ! Pesou no mundo  
 Desmedido podèr de Assyrio imperio !  
 Então louca ambição , cubiça infausta,  
 A torpissima fronte aos ceos alçaram ;  
 A espada então foi lei , direito a fôrça.  
 Hobbes profundo , triste , erraste , erraste.  
 De Genebra o philosopho \* contigo  
 O fio despedaça , e áquem se fixa  
 Do ponto onde começa , onde eu diviso  
 A progressão moral do ingenho humano.

Eis véem da sociedade as artes uteis ;  
 O acaso de um volcão no extincto seio ,  
 Em cuja boca seculos cahissem ,  
 Para apagar de todo o activo incendio  
 Foi descobrir metaes ! Funesto encontro !  
 De um raio , ou de um volcão roubando o fogo,  
 Sôbre alizada pedra o ferro estendem.  
 Ah ! miseròs mortaes ! Não foi por certo  
 A cortadora lamina fulgente ,  
 O rígado pavez , e a brava chuça,\*\*  
 Primeira producção da indústrria vossa ;  
 Foi pesado alvião , foi lizo arado ;  
 Este do ferro primitivo emprêgo.

\* J. J. Rousseau.

\*\* Arcos e sagittiferas aljavas,  
 Partazanas agudas , chuças bravas.

O seio se rompeu da meiga terra ,  
 Em pouco se cubriu de louras messes ;  
 E no empinado outeiro ao sol opposto,  
 Os vicejantes pampanos s'enlaçam.

Éstas da idade d'ouro as artes foram.  
 Nunca os humanos outras estudassem!  
 Nem passaria o Grânico Alexandre,  
 Nem fôra Augusto fulminar no Euphrates.  
 Inda existira Arbella, e erguera Tyro  
 Das azuladas ondas a cabeça.  
 Nos campos de Pharsalia, abrindo os sulcos,  
 Nunca topára o lavrador co'os ossos \*  
 Do orgulhoso Romano que disputa,  
 N'uma batalha so, do mundo o throno.  
 Nem fôras Magalhães, n'um fragil pinho  
 Buscar n'um mar ignoto a glória, a morte.  
 Inda existiras, Mexicano imperio!  
 Souberas, Indostão, que havia o Tejo,  
 Sem d'elle ver o ferro, e heroes da guerra.  
 A natureza em primitivo estado  
 De seus fructos, seus dons, e seus thesouros,  
 Pompa frugal fazia, então singelo

\* *Scilicet et tempus veniet, cum snibus illis  
 Agricola, incurvo terram molitus aratro,  
 Exesa inveniet scabrâ rubigine pila,  
 Aut gravibus rastris galeas pulsabit inanes,  
 Grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.*

Era o sabor que as iguarias tinham.  
 Não manchava o mortal profana dextra  
 Dos animaes pacificos no sangue :  
 Á vida so bastava o fructo , a planta.  
 Não foi por certo do nascente mundo  
 Outro o ingenuo sustento , e so com elle  
 Se volvia mais pura a longa idade ;  
 Nem conhecia a pallida doença :  
 Vinha a morte , qual vem tranquillo somno ,  
 E cortava sem dor da vida o fio ,  
 Antes que o duro cataclysmo ou golpe  
 Do braço vingador cubrisse a terra  
 De um sem limites turbido Oceano ,  
 Que as ondas arrojou sôbre escarpadas  
 Altas cimas de inhospitas montanhas ;  
 Desatados em chuva os turvos ares  
 Ao mar , sem freio ja , dobraram furias :  
 Miseranda catastrophe do globo ,  
 Que inda os vestigios lastimosos guarda !  
 São pregões do diluvio essas , que esconde  
 Marinhas producções no seio a terra ;  
 Não successão das epochas e estados ,  
 Porque em milhões de seculos passára ,  
 Como dizes , Buffon \* este arrancado  
 Á gran' massa do sol planeta nozso.  
 Antes do horrendo universal castigo ,  
 Os ingenuos mortaes contentes viam

\* Eximio naturalista francez.

Correr a longa idade alheia aos males  
 Que ora tanto o periodo lhe encurtam;  
 E vagarosamente as Parcas duras  
 Iam fiando seculos Titonios,  
 On dias d'ouro do nascente mundo.  
 Agora saciada a cega fome  
 Co'a carne e sangue de animaes extinctos,  
 Mais prompto o fado vem, e asinha \* a morte.

Ligeira se mudou do mundo a scena,  
 Qual dava e quer a ingença natureza;  
 A mão do luxo abate a choça humilde,  
 Que, ou respeita, ou ignora o raio acceso,  
 E vai tirar dos montes empinados  
 Com sacrilego insulto as duras pedras:  
 Foi soberba, e não foi sonora lyra,  
 Quem fez chegar os marmores a Thebas,\*\*  
 Não tem tal fôrça a fôrça da harmonia;  
 Foi so louca ambição, foi so vaidade,

\* Este erudito auctor espargue per todos os seus poemas, com larga mão, novos, antiquados, compostos e latinos termos, sem lhe importar o que dirão os praguentos. Oh nunca a mão lhe doa! E continue sempre a desprezar censuras de leigos na materia.

FRANCISCO MANUEL.

\*\* Diz a fabula que Amphion edificou os muros d'essa cidade com o suave som de sua lyra. As pedras sensiveis a ésta melodia, per si mesmas se accommodavam em seus lugares.

Quem nas campinas do soberbo Euphrates  
 Quiz ir roçar os ceos com tórre immensa,\* } !  
 E os raios accender na eterna dextra.  
 Então lisonja aos despotas sombrios  
 Da terra profanada eleva aos ares  
 As immortaes pyramides, que affrontam,  
 E até cansam dos seculos a roda\*\*;  
 Pelas margens do Nilo, onde transpondo  
 O leito natural o Egypto inunda,  
 Vejo de espaço a espaço estes insultos  
 Feitos do tempo á mão, da morte á fouce.  
 Tirou so morte o movimento ao corpo,  
 Inda a fórmula alli está, e existem mumias;  
 Inda, a favor do barbaro sepulcro,  
 A cinza quasi organisada observo.  
 Quanto dista a pyramide da choça!  
 O ingenho humano estende os horisontes:  
 Tudo no estado social se apura!  
 Sôbre as azas dos seculos as artes,  
 Como um rio caudal, na terra espraíam;  
 O Genio as leva ao término perfeito;  
 Os Phenicios primeiro se atreveram  
 A pôr á vista as vozes debuxadas,\*\*\*

\* A torre de Babel.

\*\* *Sa masse indestructible a fatigué le temps.*

DE LILLE.

\*\*\* *C'est d'elle<sup>1</sup> que nous vient cet art ingénieux*

<sup>1</sup> Phénicie.

E com signaes pasmosos a deixaram  
 Sempiternas nos olhos e memoria :  
 Certo , se haviam ja rudes choupanas  
 Transformado em dourados alizares : \*  
 Da terra oriental déspotas muitos  
 Tinham sôbre oppressão fundado imperios ,  
 Que o tempo devorou , deixando o nome  
 Nas permanentes paginas da história ,  
 E a lembrança nos restos espalhados  
 D'essas vastas metropoles , que a areia  
 Cobre e descobre no confuso Nilo.  
 Sacro analysta do nascente mundo  
 Na sciencia symbolica , e nas lettras  
 Illustrado era ja , quando Erithreas  
 Ondas rasgou mysteriosa vara ; \*\*  
 Ja então sôbre os marmores estavam  
 Esculpidos os symbolos das artes.  
 Escriptura enigmatica mostrava

*De peindre la parole et de parler aux yeux ;  
 Et par les traits divers des figures tracées ,  
 Donner de la couleur et du corps aux pensées.*

BARRIUF.

Ou , como disse o grande Corneille :

*C'est d'elle que nous vient le fameux art d'écrire,  
 Cet art ingénieux de parler sans rien dire ,  
 Et par les traits divers que notre main conduit ,  
 Attacher au papier la parole qui fuit.*

\* Guarnições de madeira nas portas e janellas.

\*\* A vara de Moysés.

Da terra o vasto gyro, e as leis dos astros,  
 Proficuos utensís de agricultura,  
 Do tempo a successão, dos equinoxios  
 O constante periodo marcado.  
 E se na terra a medicina existe,  
 A serpe alli e os simplices estavam.  
 Da difficil sciencia, que os extensos  
 Tumultuosos máres avassalla,  
 E enlaça agora os hemispherios ambos,  
 Alli primeiro o archétypo s'admira,

Tanto estender o círculo das luzes  
 No estado social o genio pôde!  
 Foi correndo da rustica choupana  
 Per gradações sem número ás suberbas  
 Muralhas de Babel, de Tyro ao fasto,  
 E gigantescos porticos que aos olhos  
 De incredulo Volney\* triste e confuso  
 Mostram na areia os restos de Palmyra,  
 Do Arabico pastor guarida apenas,  
 Que á sombra ingrata de lascadas pedras  
 Leva o tímido armento, e pastoreia  
 Na relva escassa o soffredor camello.

Mas o luxo dos reis, a glória, a fama  
 A que anhela o podêr, dos reis a pompa  
 Aos miseros mortaes lançon cadeias,

\* Escripitor francez, que publicou uma obra intitulada: *As Ruínas*.



E fez servir á vaidade o genio.  
D'estes ferros servis rebentam luzes ;  
Da Eypcia escravidão nasceram tantos  
Monumentos das artes e sciencias  
Que a Grecia depois viu, e agora Roma,  
Se a terra onde s'ergueu de novo escava.

Oh portentoso Egypto ! em ti contemplo  
Em ti diviso e estudo a especie humana ,  
E me sei conhecer na origem minha ,  
No primitivo e social estado !  
Primeiro agricultor, depois ouvindo  
A interna voz da sábia natureza  
Que une homens iguaes, qu'imperio outorga  
Á lei que é voz de universal vontade ,  
Que á virtude dá prémio , ao crime a pena ,  
Que o privado intéresse ao bem de todos  
Manda sacrificar. Em ti das artes  
Ao templo excelso as bases se lançaram,  
Em ti foram subindo , em ti de todo  
No maior lustre os seculos as viram.  
O Persa adorador do sol ou fogo ,  
Em ti religião buscou por certo.  
De ti com armas de Sesostris \* foram  
Té do adusto Oriente á plaga extrema,  
Onde o Chim se recata as artes todas.

\* Este grande homem, per conquistas, subiu ao throno do Egypto, e obteve o primeiro lugar entre os legisladores té então conhecidos.

Das leis , dos cultos teus vejo os vestigios  
 Pelo vasto Indostão , pasmoso Egypto!  
 Do indagador á vista a natureza  
 Em ti mostrou primeiro o seio immenso  
 Da sciencia , que os ceos contempla e mede ,  
 E segue o gyro dos fulgentes astros ;  
 O astronomico Chaldeu de ti porcerto  
 As regras ; o compasso , a luz obteve ;  
 E onde soberba Babylonia aos ares  
 A frente alevantou , na estiva noite  
 Começou de volver ao ceo seus olhos.  
 Da vasta Thebas a muralha ingente  
 Deu a ideia a Semíramis dos muros ,  
 Dos suspensos jardins qu'inda hoje a fama  
 Entre as do mndo maravilhas conta.  
 Do seio da opulencia e glória tua  
 Vasta imaginação desprega os vôos,  
 Em tuas obras immortaes a próva  
 Vejo do humano espirito sublime  
 Que o taciturno atheu rebate e chama  
 Um mais perfeito instincto, e mais activo  
 Que esse, que mostram brutos uniformes.  
 Meu ser é mais , é mais ; lampeja um lume  
 Reflexo do immortal sôbre o meu rosto.  
 Tanta nos versos meus philosophia,  
 Tanta imaginação nos sons cadentes, \*

\* Aqui olvidou o auctor aquelles notaveis versos de Horacio na Arte poetica.

. . . . . *An omnes  
 Visuros peccata putem mea? tutus, et intrâ*

Não são de inerte mechanismo effeitos.  
 Meu estro me conduz á egypcia Thebas ;  
 N'una cidade um reino ! abre cem portas  
 E aguerridos exercitos vomitam ; \*  
 Do seio á terra os porphydos se arrancam ,  
 E o braço do mortal os affeiçôa  
 Em pedestaes , que solidos sustentam  
 Esfinges , bustos , respirantes bronzes.\*\*  
 Aqui pasmado, attonito contemplo  
 Os restos, os signaes do immenso lago  
 Onde egypcio podêr depositadas  
 As aguas tinha do fecundo Nilo,  
 Que a falta íam supprir da natureza ,  
 Se de montes incognitos a neve  
 Descoalhando-se ao sol não dava ao rio  
 Os que inda tem prodigiosos éstos.\*\*\*  
 Este espantoso círculo parece

*Spem veniæ cautus. Vitavi denique culpam ;  
 Non laudem merui.*

\* Lançam, arrojam de si :

Postoque o paço altivo das suberbas  
 Portas não vomitou das casas todas  
 A grande multidão dos que saúdam  
 Logo pela manhan.

LEONEL DA COSTA , pag. 140.

\*\* *Excudent alii spirantia mollius æra :  
 Credo equidem , vivos ducent de marmore vultus.*

VIRGILIO.

*La toile est animée, et le marbre respire.*

VOLTAIRE.

\*\*\* Enchentes.

Ser obra so de artifice divino,  
 Não de indústria mortal e humano esforço.  
 A ferrea mão dos seculos vorazes  
 Não pôde inda (qu'injúria!) a massa enorme  
 Desfazer das pyramides suberbas!  
 Jaz Thebas em ruína, em cinza Memphis,  
 Jaz sôbre culto Egypto agreste Egypto;  
 E do saíio antiquario a mão teimosa  
 Das incultas areias desenterra  
 Cem columnas de porphyro lascadas,  
 Restos de antigos porticos: um d'elles  
 Vale, ó Roma immortal, tudo o que a furia  
 Do Godo assolador em ti deixára,  
 E se acabou co'os Wandalos do Sena;\*  
 Montão de estragos, templos sôbre templos  
 De teus monstros, teus reis, vaidade e luxo.  
 Voluveis grãos de tórridas areias  
 De Amasis, Meris e Sesostris cobrem  
 Aureos palacios, e suberbas torres;  
 E as immortaes pyramides disputam  
 Ao mundo a duração,\*\* phanaes eternos  
 Entre a sombra dos seculos plantados,  
 Per cuja cima o tempo apenas roça,  
 Voando de continuo as ferreas azas.

Tiveram perfeição no Egypto as artes,

\*Os Francezes.

\*\* Esta mesma ideia acha-se reproduzida duas vezes.

Declinaram por fim , por fim morreram ;  
Que a sorte em tudo dos mortaes é ésta !  
So contra a lei da morte é quasi eterna  
Da sapiencia a luz. As bases firmes  
Da geometria ao templo se lançaram  
No portentoso Egypto. A geometria  
Abre da vasta natureza as portas ,  
E leva a seus alcaçares o sabio.  
Com ella ao sol ardente eu meço o globo ,  
Com ella so podeste achar dos astros  
As sempiternas leis , profundo Kepler ; \*  
E com ella o philosopho se lança  
Na immensa ellipse excentrica do triste ,  
Inda incognito a nós , cometa errante.  
Se eu geómetra sou , não é por certo  
Isto que pensa em mim , materia inerte ;  
Sem ti no templo da philosophia  
Não queria Platão que temerario  
Entrasse o ente pensador ! Tu mostras  
As leis que observa em movimento o corpo  
Ao martyr Galileu : Buffon contigo  
As epochas marcou da natureza ,  
E nas mãos os pinceis tu lhe ensopaste  
Com que animou prodigiosos quadros.  
Descartes so contigo o gyro aos astros  
Dentro dos leves torbilhões signala :  
No cahos da catóptrica tu foste

\* Astronomo alemão.

Quem o trilho da luz lhe marca e mostra.  
 Sem ti Newton que fôra? E quem Lalande\*  
 Quando da terra levantado espia  
 Globos a mais a mais no espaço immersos?  
 Ao lado vais de Condamine; e sôbre\*\*  
 O levantado Chímboração lança  
 Aos pólos e equador profundas vistas,  
 E d'este nosso domicilio, a terra,  
 Mostra atélli a incognita figura.  
 Tu do arduo Apenino entre os cabeços  
 Meditabundo Bóscovick \*\*\* conduzes;  
 Comtigo tira a portentosa linha  
 Que marca, e determina, e mostra acerto  
 As annuaes variações da terra  
 Em seu moto veloz do sol emtórno.

Comam embora os seculos vorazes  
 Os meditados calculos, as linhas  
 Do extatico Apolonio: \*\*\*\* aureo compasso  
 Abriste a Viviâni; \*\*\*\*\* oh maravilha!  
 Risca, mede, calcúla, inventa e acha  
 Quanto ao grego geómetra faltava;  
 Quando acaso feliz nos desenterra

\* Astronomo francez.

\*\* Um dos mathematicos francezes que foram ao círculo polar, e á grande cordilheira na America-méridional, determinar a figura da terra.

\*\*\* Mathematico raguzano.

\*\*\*\* Geómetra egypcio.

\*\*\*\*\* Mathematico florentino.

D'entre barbaro po volume antigo  
 Os assombrados seculos admiram  
 Da Oenotria terra no profundo sabio  
 Quanto o grego philosopho escrevêra!  
 Tu somente ao Geógono demonstras  
 Quanto sôbre o nivel de extensos máres  
 Se levantem ignivomos cabeços  
 Que da atmosphaera nos limites guardam  
 A labareda na espantosa cima,  
 E na fragosa espádua a neve eterna,  
 Quaes Bridone foi ver no Etna abrazado\*.  
 Comtigo ao lado seu piloto insomne  
 Per entre as sombras da fechada noite,  
 E n'um mar de escarceos cuberto e cheio  
 A ver um mundo antipoda seguro  
 Leva o fragil baixel e observa os astros.  
 Até comtigo em pelago profundo  
 De sombras metaphysicas se lança  
 O lusitano hebreu; e errando é grande!  
 Tu d'alma racional pura substância,  
 Tu da nobreza de meu ser és próva!

Da sapiencia os luminosos raios,  
 Quaes os raios do sol no ustorio espelho,  
 Com maior fôrça reverberam n'alma;  
 O mortal se descobre, e se contempla  
 Ao clarão d'êsta luz; dentro em seu peito

\* Verso duro.

Da voz do omnipotente escuta os echos ,  
 Que tu , revelação , que tu fizeste  
 Depois mais claro ouvir ; voz que lhe intima  
 A lei que uma so vez dictara o Eterno ;  
 Constante lei da natureza é ésta ,  
 E nunca opposta á voz da sapiencia :  
 D'ambas teem sido unisonos os brados.  
 Ella as paixões indomitas enfreia ,  
 Entre o bem e entre o mal limites marca ,  
 Do honesto e justo as raias assignala.  
 Ella a espada firmou nas mãos de Themis,  
 E lhe equilibra imparcial balança.  
 Digna sciencia so do estudo humano ,  
 Que liga a terra áos ceos , e os ceos á terra ,  
 Que á ambição delirante á vil cobiça  
 Açaima a furia , os impetus reprime.

Quanto póde atinar mesquinho humano  
 Co'as sendas da verdade e da virtude  
 Antes que a luz do ceo baixando ao homem  
 As densas trevas d'alma lhe espancasse ,  
 O Egypto possuiu ; foi este o berço  
 Da sapiencia que na Argiva terra  
 Ao fastigio chegou , como inda admiro  
 Dos sabios seus nos immortaes volumes.  
 Grande no Egypto foi , maior na Grecia  
 Se descobre o mortal ; e aqui mais nobre  
 Eu contemplo o meu ser. Novo Anaeharsis  
 Co'o pensamento rapido passeio



Do divino Platão nas aureas salas ,  
 E de Epicuro nos jardins viçosos ,  
 Á sombra vou do portico da Estóia ;  
 Já de Académo \* nos vergeis me embrenho ,  
 De mim se apossa vivo entusiasmo ,  
 Foge a sombra dos seculos , e paro !  
 Eis banhado de luz na Grecia vejo  
 O vasto mar da humana sapiencia !  
 Da etherea , da immortal substancia d'alma  
 São próva as producções da Grecia docta ;  
 Não é dado ao mortal subir mais alto ;  
 Tudo além d'este ponto é cego abysmo :  
 Intransgredivel méta ao ser pensante .  
 O Eterno assignalou. Cook atrevido  
 Assim do clima austral rompendo o seio  
 Parou , retrocedeu co'o lenho ovante,\*\*  
 Quando de eterno géllo e sombra eterna  
 Barreira insuperavel se lhe antolha.

No pelago ideal do *bello* engolpha  
 O extatico Platão , sua alma , e chega  
 Dos entes todos á fecunda origem ;  
 N'ella conhece um Deus, quanto sem sombras  
 Dos mundos no espectaculo se mostra.  
 Parte do veu que envolve a natureza,

\* Philosopho atheniense.

\*\* Triumphante : é propriamente o latino *ovans* participio presente do verbo *ovo*, transportado per Camões para o idioma. É mui significativo e sonoro.

Aos olhos de Aristoteles se rasga,  
 E mais além do perystilo pôde  
 Do grande templo entrar : nem dado a elle,  
 Nem dado a ti , géometra britanno ,  
 Foi descobrir o sanctuario augusto.  
 Aomenos foi o genio de Estagyra  
 Achar um fio ao cego labyrintho  
 Do humano entendimento. Ó Locke, é esto  
 O phanal que te guia , é teu modelo !  
 Aos ceos se lança e conta os meteóros ;  
 O quadro se debuxa , e a causa ignora ,  
 Como vós todos a ignorais ainda ,  
 Philosophos do Sena , Arno e Tamiza.  
 Nas trevas metaphysicas descobre  
 A pouca luz que a análise nos mostra ,  
 A ás luzes philosophicas ajuncta  
 Energico pincel que exprime ao vivo  
 Quanto Buffon nas paginas divinas  
 Ao mundo depois deu , e á eternidade.  
 Leis aos vates dictou ( se ha leis ao estro  
 Que o homem leva além da esphera do homem)\*  
 Pelas veredas da razão dirige  
 O dom maior que a natureza outorga  
 Do humano affecto a despota eloquencia.

\* Que bellos commentarios não fariam a estes dous  
 versos alguns grammaticões , e perluxos philologos !  
 mas eu tenho , que para o estro poetico e o gôsto ,  
 são nullas todas as leis.

Expurga o coração , fórma os costumes;  
 Quanto diz a Nichómaco é grandeza ,  
 São tímbrés , são brázões da especie humana.  
 Indá ãgõra ser árbitro da eschola  
 De Peripáto o genio merecêra ,  
 Se não embaciasse arabe fumo  
 A grega e durá luz do texto intacto ;  
 Qual desejaste , ó gran' Policiano , \*  
 A sinuosa logica dictando  
 Á assombrada Florença , á Italia , ao mundo!  
 A moral co'a politica enlaçaste ,  
 Immortal Phocião , aos reis dizendo  
 Que so tem bases na justiça o throno.

O moto vário dos rotantes globos  
 Encontra Philolau:\*\* e elle o primeiro  
 Que o sol, astro central, declara immobil.  
 Nas laminosas trémulas saphyras  
 Que recamam da noite o veo sombrio ,  
 Descobre ardentes sóes , descobre centros  
 De mil ignotos planetarios mundos.

Em quanto vai nas solidões do espaço  
 Té no infinito se perder, Cleanthes \*\*\*  
 Dá mais uteis lições , virtude inspira ;  
 ( Respeito o varão justo , admiro .. sabio )

\* Sabio toscano.

\*\* Philosopho pythagorico.

\*\*\* Philosopho grego.

Doctos fórma Platão, Socrates probos,  
 E julga um crime a preferencia dada  
 Á fragil vida sôbre o pejo e honra; *molles?*  
 Da virtude foi victima, e colloca  
 Nos mores bens da natureza a morte.  
 Da fonte da sciencia as artes brotam;  
 So conhecemos pelo nome Athenas;  
 Existe em seu logar mesquinha aldeia,  
 Que o feroz Ottomano ignora e piza:  
 Beija apenas com lagrymas Delille  
 Involtas d'hera e po lascadas pedras  
 Do templo de Minerva inuteis restos.  
 Mas vives, vivirás, Meonio vate;\*  
 Sábia Athenas é po, Corintho é nada,  
 Eterno vai teu canto, e nos teus versos  
 Vais disputando a duração c'o mundo.  
 Quanto seja o mortal inda hoje mostras;  
 Teus quadros, teus pinceis respeita o tempo.  
 Entre o medonho estrepito das armas  
 Ao Macedonio heroe prendeste os olhos.  
 A teu sublime ingenho a natureza  
 Sem veos se mostra e desabrocha o seio; *desabrocha*  
 Tiveste bustos, inscripções e templos,  
 Cidades sette o berço te disputam;  
 Por que és seu filho, a Grecia ind'hoje é grande;  
 Dou-te maior brazão, verteu-te um Pope! \*\*

\* Homero.

\*\* Alexandre Pope traduziu da lingua ingleza a

As azas pelo espaço ind'hoje vejo  
 Que altisonante Pyndaro\* sacode;  
 Não longe d'elle vão transpondo os tempos  
 De Mitylene os ínclytos alumnos:  
 Alceu que os hymnos immortaes entoa,  
 A desditosa Sapho\*\*, amor das musas,  
 De um desgraçado amor victima infausta.  
 Com fluctuantes roupas magestosas,  
 Com torvo aspecto, na sanguinea dextra  
 Com buído punhal, sombria e triste  
 Levantá a voz d'Eurípides\*\*\* a musa;  
 Pinta o fado dos reis, da sorte os golpes:  
 E das paixões tumultuante imperio.  
 Festival Aristophanes\*\*\*\* debuxa  
 Os vícios e os baldões de indocil vulgo,  
 Té dos sabios o orgulho e as vans ideias:  
 Treme a seu riso amargo ind'hoje o vicio.  
 Luzes, trovões, relampagos brilhantes  
 Da boca facundissima desfecha  
 Assustador Demosthenes\*\*\*\*\* e salva  
 Do precipicio a patria vacillante.

Iliada em verso; toda a Inglaterra subscreveu para a impressão, e obteve mais de cento e vinte mil cruzados.

\* Poeta lyrico grego.

\*\* Poetiza grega.

\*\*\* Tragico grego.

\*\*\*\* Poeta comico atheniense.

\*\*\*\*\* Orador atheniense.

De médo enfiam despotas tyrannos ;  
 Rebate de Philippe a espada , as farias :  
 So d'estes louros a eloquencia póde  
 Cingir, ornar victoriosa frente.  
 Se em colossal architectura excede  
 O fabuloso Egypto á Grecia docta ;  
 Ésta o vence no gôsto e na belleza.  
 De Corintho os cinzeis respiram vida ,  
 Animam bronzes que o guerreiro indocto  
 A cinzas reduzin ; ( não foste 'ó Mummio \*  
 Filho do Tibre aqui ! ) Zeuxis, Apelles \*\*  
 Rivaes da natureza, aos olhos fallam  
 Na portentosa poesia muda.

Tanto a esphera mortal s'estende e illustra  
 Entre o grego saber !... Como em pulidos  
 Crystaes que uniu Buffon do sol a chamma  
 Reverbéra mais forte activa e clara ,  
 Da avassallada Grecia assim ressurte  
 No vasto imperio da potente Roma  
 Luz , que espalhou revérberos mais vivos.  
 Nas duras artes da sanguinea guerra  
 Roma a Grecia excedeu ; e excede a Grecia  
 Nas artes divinaes que a paz fomenta.  
 Voaram pelo globo altivas aguias ;  
 A Lusitania as ve, o Hydaspe as teme ,

\* Consul romano , que trouxe a Roma muitas es-  
 tañas , e outras preciosidades gregas.

\*\* Famosos pintores gregos.

Chegam do Elba á foz , do Nilo á fonte.  
 Onde Roma fulmina o estrago , a guerra ,  
 Das sciencias co' a luz e imperio chega.  
 Qual dos guerreiros seus na excelsa fronte  
 Co' as triumphantes mãos não prende e enagstra  
 Os verdes louros de Minerva e Marte ?  
 Quando a espada depõe , sustenta a penna  
 O immortal Scipião \* ; se lança os ferros  
 Ao vencido Perseu \*\* , d'entre os despojos  
 So Paulo Emilio\*\*\* quer das doctas artes,  
 Da sciencia os depositos , aquelles  
 Volumes que Platão sagrára aos evos.  
 Quem ha que opponha a Tullio\*\*\*\* a Grecia, o mundo?  
 Tullio o maior brazão da especie humana !  
 Tu mesmo, ó vão Lucrecio\*\*\*\*\*, e tu, Vanini,\*\*\*\*\*  
 E tu que igualas o mortal á planta ,  
 Que instincto no mortal so ves dos brutos,  
 Ó La-Metrie\*\*\*\*\* phrenetico , contempla,  
 Ve se a materia combinada póde  
 As grandes obras produzir d'um Tulliol  
 Reúne de Demosthenes o genio  
 Ao genio de Platão e Estagirita ,

\* Consul romano.

\*\* Rei de Macedonia.

\*\*\* General romano.

\*\*\*\* Orador romano.

\*\*\*\*\* Poeta latino.

\*\*\*\*\* Atheu italiano.

\*\*\*\*\* Medico philosopho francez.

Se é profundo Epicuro\*, inda mais entra  
 Da natureza no sacrario immenso:  
 Se de consul a púrpura arrastrando,  
 Magestoso na voz, no gesto augusto,  
 Nas mãos de Themis encadeia os raios,  
 E os inflados reos salva da morte;  
 So dobra o coração do invicto Cesar,  
 Se á patria dá Marcello, ao mundo o justo  
 Mais que Aristides\*\*, virtuoso honesto;  
 Se ao feroz Catilina\*\*\* o crime afeia,  
 O imperio firma e liberdade a Roma:  
 Nem Górgias\*\*\*\* nem Pericles\*\*\*\*\* contemplaram  
 Tanto dos labios seus pendente o mundo!  
 Mas inda mais em Túsculo o respeito.  
 E s'entre os labios de Theophrasto\*\*\*\*\* tinham  
 Deposto o favo as atticas abelhas  
 Com brando eloquio\*\*\*\*\* amenizando austeras  
 Veredas da razão; se luz profunda  
 De Xenophonte\*\*\*\*\* nos escriptos brilha;  
 Ambos excede Tullio, e excede a todos  
 Quando entre heroes e consules disputa;

\* Philosopho grego.

\*\* General Athenlense.

\*\*\* Celebre romano.

\*\*\*\* Orador siciliano.

\*\*\*\*\* Ilustre atheniense.

\*\*\*\*\* Philosopho grego.

\*\*\*\*\* Eloquencia; do latim *eloquium*.

\*\*\*\*\* Escriptor grego.



E sóbe onde inda além não póde agora,  
 Sôbre as azas dos seculos levada,  
 Remontar-se , subir philosophia !

Na progressão do que é perfeito nunca  
 O ser humano se suspende e pára.  
 Eu vejo após um Cicero , de Nero\*  
 O generoso mestre, o sabio, o forte:  
 De Zeno , de Xenócrates \*\* austero  
 Alumno , e vencedor no ingenho e vida  
 Mais sublime que Socrates \*\*\* na morte:  
 Recebe o vaso da cicuta , e cala  
 Profundo Phocião ; Seneca \*\*\*\* entorna *still*  
 O quente sangue das rasgadas veias ;  
 Tem ja no rosto a morte , inda disputa ,  
 E entrando nos umbraes da eternidade  
 Demonstra que é ventura o golpe extremo.  
 Tullio me assombra , sim , mas tu me ensinas,  
 Ó dos estudos meus sublime emprêgo :  
 Tudo o que sou te devo ! E se a fortuna  
 Avara para mim , risonho encaro,  
 Se muito abaixo da volúvel roda  
 Existo por estado , e muito acima  
 Por coração magnanimo me elevo ,

\* Imperador romano.

\*\* Philosopho grego.

\*\*\* Philosopho atheniense.

\*\*\*\* Philosopho romano.

Se os bens, se os males seus desprezo e pizo,  
 Se as solidões da Libya e o Tejo ameno .  
 São para mim morada indifferente;  
 Se com semblante igual me vira o mundo  
 Ou n'um profundo carcere, ou n'um throno,  
 Se os mesmos ceos descubro em toda a parte,  
 Se em toda a parte pizo a mesma terra,  
 Se descubro no escravo e no monarcha  
 Um individuo so da especie humana;  
 A teus escriptos immortaes o devo:  
 Á mente luz me dão, valor ao peito.

J. A. DE MACEDO, *Meditação.*

## A CREAÇÃO.

Quam longe estou da terra ! Eis se esvacco  
Engolphada no ar... Entusiasmo,  
Pára , detem-te aqui... admira um pouco  
Ceo que outro ceo circunda , e todos cheios  
De immensa luz , revérbero brilhante ,  
Que outros sóes fulgentissimos derramam.  
Inda me alongo mais ; rapido voo  
Mais que a fuga do rapido cometa ,  
Me leva pelos ceos onde não chega ,  
Nem fugindo per seculos , um raio  
Do fulgurante sol. Do espaço eu toco  
A extremidade incognita aos humanos ,  
Onde a luz desfallece , onde se perde  
De orgulhosos philosophos o estudo.  
A congerie dos ceos , dos sóes , do todo,  
Um ponto se me antolha e brilha apenas ;  
Qual aeronauta ve d'além das nuvens  
Assomar no horisonte a argentea lua  
Toda involta no eclipse , em veosombrio.  
O que espaço não é , nem é materia  
Além do immenso círculo dos mundos ,  
É throno , onde se assenta eterna causa.  
Eis o Deus que a Moysés inspira , ensina ,

Auctor da natureza , auctor de tudo ;  
 Aos degraus de seu throno a fe se eleva ,  
 Vai da razão seguida humilde e muda ;  
 Philosophia é so docil escrava  
 Da luz que revelada illustra os homens.  
 Sôbre um throno immortal preside , existe  
 Ó que existe per si : sen nome soa ;  
 Ergue-se Newton , curva-se a seu nome.  
 Sem Deus em quem repouse o homem se perde.  
 A criação mysterio impenetravel  
 Ficarâ para sempre á mente humana.  
 São confusas hypotheses , problemas  
 Tudo o que Roma disse , e ouvira Athenas.  
 Sôbre as ruínas das sciencias todas  
 Alça a voz um propheta , e explica tudo :  
 ( Oraculo immortal minh'alma abastas ! )  
 « Creou Deus no principio os ceos e a terra. »  
 Mortaes , eis a verdade ; o mais... deliriô.  
 Não rompe o intendimento a sombra escura  
 Do nada onde o senhor continha os entes ;  
 Da confusa razão fragil compasso  
 Não pôde medir tanto. Amaina as velas  
 O vogante baixel da intelligencia  
 Quando , ao chegar dos terminos prescriptos,  
 Co'este immenso Oceano entesta , e pára.  
 Um Deus assim fallou ; de um Deus que falla  
 Em prodigios sem fim descubro as próvas.  
 Se repugna á razão materia eterna ,  
 Um Deus lhe deu principio , um Deus a chama

Do nada; e repentino o nada é todo.  
Na perenne fluxão da eternidade  
Deus um ponto marcou; e existe o mundo.  
E, se do immenso espaço a essencia ignoro,  
Deus o espaço formou; ja n'elle os astros  
Á voz do eterno Auctor scintillam promptos;  
O moto lhes prescreve; a lei lhe escutam,  
E nas prescriptas orbitas se movem,  
Té que á voz do immortal suspenda o tempo  
As, que teve até agora, immensas azas.  
Chama as constellações; no espaço brilham,  
No logar que lhes deu inda hoje existem.  
Arde aqui Berenice, além nas frias  
Plagas do norte as Ursas\* não banhadas  
Nas inquietas ondas do Oceano,  
Phanaes que estão mostrando o pólo aos olhos  
Do navegante intrepido nas ondas.  
Na parte opposta a fúlgida coroa  
Pelo antarctico ceo fulgura accesa.  
Manda surgir zodiaco brilhante;  
Ris subito apparece e traz no seio  
Globos, astros de luz, e á voz suprema  
Pelo espaço s'estende, o espaço cinge  
No portentoso círculo que fórma;  
Doze porções iguaes marcam seus signos,

\* Vimos as *Ursas*, apesar de Juno,  
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

Per onde os olhos crêem que o sol brilhante  
Absolva a regular supposta marcha.

Ao longe os claros ceos , ao longe o espaço

Mil thesouros de luz guardam no seio ;

Porém a terra opaca inerte e fria ,

Do sol, astro central, inda não sente

O fogo animador, clarão suave

Que fórma o dia , o mundo afformoseia.

Eis chega o quarto instante; o sol scintilla;

Traz n'uma nuvem d'ouro a frente involta ;

A nuvem se rasgou , mostra-se o mundo.

No firmamento subito se espalha

Nova luz, nova pompa; ao longe os globos

Formam emtórno d'elle o gyro eterno ,

Que incessante produz a opposta fórça.

O sol os chama a' si , do sol se apartam,

E assim descrevem regulares curvas.

Aos desertos do espaço a ellipse estende

Este , e gyrando vai frouxo e tranquillo;

Outro quasi envolvido , e quasi immerso

No gran' disco do sol se mostra aos olhos.

Entre elles corre a terra escura e triste ,

As leis universaes dos globos segue

Que obedecem ao sol , qual centro e foco :

No vário moto seu fórma as diversas

Fecundas estações ; constante volta ,

Que é brado da existencia, é próva eterna ,

Que um saber immortal preside ao mundo.

Do seu amor, da providencia sua

Foi o globo da terra objecto e termo.  
Em grandeza ou volume a vence Urano;  
É menor que Saturno e inda que Jove,  
Que de claros satélites se escoltam;  
É maior o clarão do indocil Marte,  
Do pensativo astrónomo tormento.  
So parece menor Mercurio e Venus;  
Mas assim mesmo escura os ceos a invejam.  
Deus a manda surgir, e é massa inerte,  
É d'aspecto uniforme e muda e fria;  
Mas á voz do Immortal se esparge a vida;  
O seio se lhe rasga, o mar fluctúa;  
Da plana superficie os montes sobem;  
Alguns co'a fronte altiva as nuvens rasgam:  
D'outros borbulham crystallinas fontes,  
Que, pouco a pouco em rios engrossadas,  
Vão fugindo da terra aos turvos máres.  
No revoltó Oceano, ond' hoje as ondas  
Furiosas mugindo aos ceos se lançam,  
Quaes montanhas d'espuma ond' hoje os ventos  
Como implacaveis déspotas pelejam.  
A paz então reinou; zephyros meigos,  
Pelos ares subtis equilibrados,  
Da líquida campina a face encrespam.  
Conduz seu doce assópro as salsas ondas,  
Tocam brandas na praia, e brandas fogem.\*

\* Note-se como a poesia n'estes versos dá corpo e vida a tudo!

Do rei universal dos seres todos  
 É nua a habitação, nenhuma pompa  
 Nenhum manto soberbo a enroupa e veste :  
 Ella mesma o produz ; o Eterno o manda.  
 A fôrça vegetal se desinvolvo  
 De um verde perennal se arreja\* e cobre:  
 De fresca relva os campos se tapizam ;  
 E subito rompendo as brandas flores  
 Ao ar elevam calyces mimosos,  
 D'onde incantados halitos derramam.  
 Ondeiam sem cultura as louras messes,  
 De plantas collossaes se cobre o monte,  
 Alça entr'ellas a coma o cedro altivo,  
 Cruzam-se, enlaçam-se os vírentes ramos,  
 Formam tufado bosque e a sombra entorçam,  
 Asylo ao pensador, asylo ao vate.  
 Menos suberbas árvores se cobrem  
 Entre flores gentis de opimos fructos,  
 Que prestes colherão seres mais nobres.  
 Eis a terra fecunda, eis os thesouros

\* Atavia, adorna, enfeita, etc. Algumas pessoas, pouco versadas em nossos classicos, tacharam este verso de indecente em poema serio. Bem serios são os Lusíadas, e todavia Camões escreveu :

Escandinavia ilha que se arreja  
 Das victorias que Italia não lhe nega.

E Sa de Menezes na Malaca :

.... Flores, com que a Aurora a fronte arreja.



Que no immudavel germe inda persistem.  
Surge maior prodigio ; os ceos risonhos  
Divisam nova scena , objectos novos.  
Eis de seres organicos se cobre  
A fecundada terra ; eis nova vida  
Nos espontaneos movimentos mostram :  
A fórma é vária , o número infinito.  
A formosura , o talhe , o gesto... assombram !  
O suberbo quadrupede campeia ,  
E bate a terra , e corre impetuoso.  
O ignorado reptil seu corpo arrasta  
Em complicados tortuosos gyros.  
Brandas aves no ar se agitam ledas ,  
E se equilibram nas voluveis azas ;  
Do nativo elemento o imperio deixam ,  
E a mais extenso flúido s'entregam.  
Segue-lhe o vóo ao longe o insecto alado ,  
Bemcomo flor que os zephyros despregam ;  
Insano atrevimento ! Eis cai prostrado ,  
De nada vale a còr que as azas vestem !  
O mar profundo e vasto os peixes cortam ;  
Numerosos exercitos de seres  
Das ondas cidadãos , na especie vários.

Entre os entes organicos , que tomam  
Logar que a lei na creação lhes dera ,  
Inda aos ceos não dirige a fronte augusta  
Humana creatura ; inda debalde  
Pelo terreno alvergue os ceos fitavam.

**Avidas vistas que o monarcha buscam.**  
**Eis subito apparece , e sôbre o globo**  
**Movendo magestosamente os passos ,**  
**Seu pôder annuncia , e sceptro empnha :**  
**Na frente ingenua e livre um raio assoma**  
**Da substancia immortal; resurte viva**  
**Dos olhos seus celeste intelligencia :**  
**Pelos labios de purpura desliza**  
**Doce brando sorriso : os entes todos**  
**No mortal pensador seu rei conhecem;**  
**Traslado é do Senhor e imagem sua;**  
**Feliz se o não levasse atroz suberba**  
**A querer ser rival ! Nunca descêra**  
**Do solio á escravidão , do sceptro aos ferros !**  
**Ethereo sópro a máchina dirige ,**  
**Assôpro animador simples e activo :**  
**Produzido uma vez eterno existe ;**  
**Pensa , prevê , recorda-se , reflecte ;**  
**N'um ponto sobe aos ceos desce n'um ponto :**  
**Cogitação perenne essencia é sua :**  
**Imperceptivel laço ao corpo o prende ;**  
**Na mesquinha prisão rasteja o Eterno ,**  
**Té que sólto uma vez rêtorne aos astros.**  
**Tal foi do braço do Motor eterno \* .**  
**Extrema producção , e último esmérô.**

\* A palavra *eterno* está tres vezes repetida n'êsta pagina.

Na grande maravilha um Deus conheço,  
O quadro do universo o mostra aos olhos;  
Verdade revelada as sombras vence  
Que o circoscripto intendimento ennoitam.  
Tudo reclama um Deus, tudo o publica,  
E desde o berço ao tumulto do dia,  
A terra, o mar, os ceos, bradam que existe.  
Deu leis á natureza, e as leis subsistem.  
Materia, espaço, movimento e tempo  
Pende do aceno seu. Co'a voz somente  
Tirou do nada a máchina do mundo;  
Invisível, presente, abrange o todo:  
É sua duração a eternidade.  
D'este círculo immenso o centro é tudo,  
E os limites s'escondem no infinito.  
Produz a seu sabor a tempestade,  
Do mar amotinado enfreia a sanha;  
E seus decretos immudaveis guiam  
Do raio estragador rodeio e golpe.  
De seu imperio á voz, morrem, renascem  
O dia, a noite, as estações, os annos.  
So elle esmalta nos viçosos prados  
A tenra flor, encurva e doura as messes.  
Elle no rico outomno aos doces fructos  
Perfeita madurez, sabor reparte.  
Desde o vasto elephante ao verme humilde,  
D'aguaia volante ao paludoso insecto,  
Tudo consegue movimento e vida,

Ou tudo se confunde, acaba e perde :  
Se elle um aceno faz, se a fronte inclina,  
Se o sobrólho carrega, os montes fumam,  
Inflamam-se os volcões, vacilla a terra.  
E se a face serena ao mundo amostra,  
A pintura dos ceos se aviva e brilha.

J. A. DE MACEDO, *Meditação.*

---

**O CASAL DO LAVRADOR.\***

---

Quando os homens errantes, como as feras,  
Dos fructos do carvalho se nutriam;  
Quando, de um arco e settas sempre armados  
Viviam de seguir pelas montanhas  
As indomitas feras, ou co'as redes  
As aves em ciladas apanhavam,  
As gruttas, as cavernas contra as chuvas,  
Contra os ventos crueis e contra as neves  
Eram o seu abrigo; sem cuidado  
Sôbre o futuro, á nutrição de um dia  
Votavam d'esse dia o so trabalho.

Errantes na extensão dos frescos prados,  
Mais pacificos sob as leves tendas,  
Os primeiros pastores se abrigaram,

\* Relativamente ao poema, de que extractei estes lugares, eis o que o Snr. C. X. escreveu nos *Annaes das sciencias, das artes, e das letras*, impressos em Paris:

• Este poema nos parece recommendavel pela facilidade da composição, correcção e movimento do estylo, exacção das ideias, clareza dos preceitos, viveza e verdade das descripções, e ligação natural dos episodios com a materia. •

Sem ter fixa a morada , o tempo , os pastos ;  
 O int'resse dos rebanhos tam somente  
 Os movia a acampar e a retirar-se.

O cultor, obrigado a viver sempre  
 Juncto ao solo\* que arára, a defender-se  
 Do rigor da estação, e a pôr seguras  
 Das injúrias do ar provisões ganhas  
 Com fadiga e suor, foi o primeiro  
 Que levantou asylo permanente.  
 Fixando em terra despojaços troncos,  
 Ealaçando-os com mais flexiveis ramos,  
 Uma cabana erguen, aonde o colmo  
 Cobriu filhos e esposa : ás mesmas rézes  
 Um abrigo erigiu ; mas bemdepressa  
 A chuva , o vento , o tempo inexoravel  
 A fraca habitação lançou per terra.

Desde então os humanos trabalharam  
 Em cimentar com massas pegajosas  
 As duras pedras , em formar paredes  
 E mais firmes asylos\*\*... . . .

\* Do latim *solum* , o chão , a terra :

Fica n'este meio a cidade Dofar, *solo* d'onde  
 ha o melhor e mais incenso de toda ésta  
 Arabia.

BARROS, dec. I. liv. 9. cap. I.

\*\* Ésta palavra ja se acha onze versos acima : além  
 de *abrigo, habitação, morada*, inda o auctor podia  
 servir-se de *acolheita, guarida, retiro*, etc.

De risonha collina em branda encosta ,  
 De Nayades saudaveis refrescada ,  
 Vizinha a um solo\* grato aos pomareiros  
 E grato aos hortelões , ónde Pomona  
 E Vertumno floream com vantajem ,  
 Ditoso te contempla se podéres  
 Da tua habitação lançar as bases ;  
 Longe da vizinhança das lagoas ,  
 Focos de corrupção , que o ar viciam :  
 Longe dos valles humidos e frios ,  
 Onde um ar nebuloso pouco a pouco  
 Da vida diminue o lume escasso ,  
 E o saudavel vigor aos membros tira :  
 Logares onde os tristes habitantes  
 Sôbre o pallido rosto impresso trazem  
 De um clima ingrato o desastroso cunho :  
 Onde os fracos mortaes languidos sempre  
 Não lhes é dado emtórno á frugal meza  
 Ver assentar-se a prole numerosa ,  
 Honra das cans, e da velhice amparo.  
 Foje tambem de um sítio aonde as fontes,  
 De lympha escassas, no calor do estio  
 Recusam aos rebanhos a bebida ,  
 E ás hortas e pomares a frescura.

Exposições se encontram desabridas ,  
 Que se devem fugir\*\* , d'onde luctando

\* Outra vez *solo*?...

\*\* Repetição escusada.

Em viva guerra os indomados ventos,  
 Parecem desterrar a prole humana.  
 Alli as tempestades furiosas,  
 C'os troncos mais robustos investindo,  
 Os derribam per terra; alli no inverno  
 Aquilão regelado, que assobia,  
 Fere, opprime o cultor, offende as rézes,  
 E á morte certa o seu rebanho entrega.

Uma vez escolhido o logar proprio,  
 Com methodo começa os tens trabalhos.  
 De um pequeno cultor o pobre asylo  
 Não iguala dos ricos a morada.  
 Aquelle que pequenos campos ara,  
 Menor curral precisa e menor tecto,  
 Menos tendo a cubrir; porém a ordem,  
 Boa disposição, util limpeza,  
 A singela elegancia, necessarias  
 São tanto á humilde choça dos pastores,  
 Como á morada do colono rico.  
 Cadaum proporciona na grandeza  
 Os edificios seus aos seus trabalhos,  
 Bemcomo ás producções das terras suas,  
 E um plano regular dirige o todo.

Vê com que ordem a abelha industriosa  
 De branda cera as cellas organisa,  
 Com que ordem juncto ás limpidas correntes  
 O castor seus asylos edifica,





Com que cuidado as aves amorosas  
 Entre os ramos das árvores copadas ,  
 E no seio da terra as providentes  
 Formigas o sustento depositam  
 Em ordenadas covas resguardado. \*

Quanto fólgo\*\* de ver\*\*\* os louros trigos ,  
 Producto da cultura cuidadosa ,  
 Em um limpo celleiro recolhidos ;  
 Pelo ar conservada ao grão de Ceres  
 Seccura e fresquidão , com que elle folga ;  
 Bem construídos branqueados muros ,  
 Ao rato roubador impenetraveis ,  
 Onde fendas não ha em que se abriguem  
 Os malignos insectos roedores ;  
 De finas redes de tecido arame  
 As pequenas janellas guarnecidas ,

\* Bella applicação !

\*\* Este verbo acha-se quatro versos abaixo.

\*\*\* Tambem o verbo *ver* está tres vezes n'estas paginas. Porque motivo repete o auctor tam amiudé os mesmos termos? ( como póde notar quem ler todo o poema ) é a caso por falta de synonymos correspondentes ás vozes de que usa? mas facil é substituir ao dicto verbo, os seguintes: *considerar, contemplar, dividir, enxergar, examinar, reparar, etc.* Que prova isto pois, senão a celeridade com que escreveu e imprimiu? E é este o estylo a que o Snr. C. X. chama *correcto*? Ah *nonumque prematur in annum*, quando serás seguido!....

Com caixilho int'rior de rala téa.  
 Que vedar possa á borboleta a entrada.  
 Se alli per varios tubos, té o meio  
 Do grão amontoado, o ar circúla,  
 Em perfeição guardados largos annos  
 Os trigos podem ser, sem que os ataquem  
 Funestos males que lhes poupa a indústria,  
 A indústria, mãe fecunda das riquezas.  
 Quantas vezes colheitas abundantes  
 De trigos e cevadas, que aos cultores  
 Dera um terreno grato e generoso,  
 Quantas, tenros legumes preciosos,  
 Producto de fadigas e trabalhos,  
 São a prèsa do rato malfazejo,  
 Chegam a corromper-se, ou devorados  
 N'um momento se vêem per mil insectos :  
 Do incauto colono penas justas !  
 Oh quanto irrita o ceo, fatal descuido  
 Que entrega á corrupção, que perder deixa  
 Bens ao sustento humano destinados !  
 Oh quantas vidas da miseria ás garras,  
 Poderiam roubar somente as perdas,  
 Que a van priguiça causa aos lavradores !

Do teu suor o prémio, o dom dos numes  
 Não exponhas portanto a anniquilar-se :  
 Mas, segundo os teus meios, ergue ao lado  
 Do tecto, aonde habitas, um celleiro  
 Em que segura tenhas a abundancia.

Dos palheiros alli tambem levanta  
 O reparado abrigo, aonde aquelle  
 Que attentamente cuida de seus gados,  
 Provisão guardará de palha e fenos,  
 Sustento necessario, e mais que todos,  
 Ao boi, como ao cavallo proveitoso.

Qual abelha rainha emtórno á cella  
 Espaçosa e real, manda se formem  
 Per toda a parte os bem dispostos favos,  
 E d'alli rege o povo industrioso  
 Nos diversos empregos e trabalhos:  
 Em quanto parte, volitando\* ao longe,  
 Extrahe o succo das cheirosas flores,  
 Parte prepara o mel e a cera branda:  
 Umas da nova prole attentas cuidam,  
 Ou mortos corpos do cortiço lançam,  
 E o resto, contra os zangãos conspirado,  
 Da colonia extermina um fardo inutil:  
 Tal, digo, o lavrador dos seus cercado,  
 Providente os trabalhos distribue,  
 Banindo o ocio da indústria imigo.  
 Além faz conduzir o mato ás covas,  
 E ás rézes estender um novo leito;  
 Aqui faz padejar de um lado ao outro  
 O trigo no celleiro amontoado;

\* Voar amindo, voejar, etc. Vem do latim *volitare*.

Umaz vezes percorre os seus palheiros ,  
 E reparar os faz das frias aguas ;  
 Outras, manda abrigar do tempo iroso  
 Os uteis instrumentos , que descançam.

Porém \* canto , dos varios edificios  
 Em isolar cogita as varias partes ,  
 Afim de prevenir do incendio o estrago.  
 Une da natureza a simples graça  
 Com as obras da arte. Oh quanto é doce  
 Aos olhos , descançar sobre a verdura  
 Das árvores viçosas , que interrompem  
 Aqui , alli, os muros branqueados !  
 Quanto agradavel a frescura e sombra  
 Das verdes copas no calor do estio ,  
 Quando de um puro gaz os ares enchem,  
 E uma aura impura próvidas embebem ;  
 Na primavera mil fragrantés flores  
 Ver pender em festões; no outomno os fructos ,  
 Gratos ao paladar, colhêr nos ramos ;  
 Attrahidos das árvores co'a sombra  
 Os mimosos cantores das florestas  
 Véem alli fabricar os brandos ninhos ,

\* Os nossos bons poetas sempre evitaram começar uma narração qualquer com a conjunção *porém* no princípio do verso. Acham-se exemplos em contrário nas Georgicas, canto I. pag. 20 e 32; canto II. pag 59; canto III. pag. 88, 94, 109; e canto V. pag. 171, 180 e 185.

E mil concertos variados soltam  
Emtórno á casa , que o cultor habita.

Em tam feliz asylo , amada Nize ,  
Ve na serena paz correr seus dias  
O que isento do ocio e van cubiça ,  
Faz do tracto rural o seu estudo.  
Os primeiros humanos imitando ,  
Cultiva cuidadoso a terra grata ;  
Se lhe lembra deitar-se á fresca sombra  
De frondoso carvalho sobre a relva ,  
Os rios brandamente murmurando ,  
As aves descantando nas florestas ,  
Tudo o convida a socegados somnos.  
Se não queima a seus pés a dependencia  
Da lisonja o incenso , se o não cercam  
As pompas e as grandezas , ao seu lado ,  
Habita a doce paz , vive a abundancia.

Do diurno trabalho fatigado ,  
Folga de ver ao descahir da tarde  
O pastor, que tocando a doce avena  
As ovelhas conduz ; no cheio tarro  
Aquelle lhe apresenta o branco leite ,  
E a esposa os niveos queijos e a qualhada.  
Mais tarde os lentos bois trazendo assomam  
Reclinada a charrua ao jugo présa ;  
Mugindo além as vaccas criadoras ,  
Dos novilhos seguidas apparecem ,

Que exp'rimtando as inda tenues forças,  
 Uns c'os outros em lucta ja se ensaiam ;  
 Os rafeiros c'o gado , que preservam  
 Do lōbo roubador, no pateo entrando,  
 Lhe véem as mãos lamber, e emtórno saltam.\*  
 Um recreio innocente finda e c'roa  
 As horas q̄estinadas ao trabalho.  
 Depois de recolher as mansas rézes,  
 O guardador , ao som das tesas cordas,  
 Cantando dança em gyros c'o as pastoras.  
 Emtanto a par da espósa , rodeado  
 Dos tenros filhos , lavrador ditoso  
 Ensinando-lhes vai c'o proprio exemplo,  
 Linguagem expressiva , a limitarem  
 Os desejos a gozos innocentes,  
 A desprezar o orgulho , a ambição louca,  
 Oppostos sempre á solida ventura.

L. S. MOZINHO DE A. *Georgicas.*

\* Ésta bella pintura , por sua amavel e vera simplicidade , deleita e incanta em summo grau.

## CYBELE.\*

Musa, singela musa, que ao meu lado  
Á sombra das florestas recostada,  
Com o nome de Nise docemente  
Fazes ouvir ao echo os sons da frauta;  
Musa, a quem deram ser, e a quem conservam  
Enlaçados amor e a natureza,  
Ah, dobra do meu canto a melodia!  
Chegae d'este lugar, vinde oh colonos,  
Do meio d'estas árvores frondosas,  
Que entre as nuvens a activa fronte escondem  
Do lado d'este arroio crystallino,  
Que vem de penha em penha murmurando  
E de um contínuo orvalho enchendo as plantas,  
Sôbre esta verde relva que matizam  
Calyces, \*\* e corollas de mil côres,

\* Esta prosopopeia da terra ou Cybele é nova em poesia portugueza.

\*\* O *calyx* na maior parte das flores, é o tegumento externo dos órgãos sexuaes, de côr verde, ou menos corado que a *corolla*.

Per entre as quaes se esquivava caprichosa  
 A leve borboleta, em quanto activa  
 Abelha, que sussura, extrae seu nectar;  
 D'este throno singello, que a meu lado  
 Lhe elevou a natnra, vinde ouvi-la;  
 É sim Cybele, é ella quem vos falla.

Antigos torreões, capiteis, fustes \*  
 A frente, como outrora, não lhe adornam;  
 Uma c'roa de flores e de fructos,  
 De mil tenras folhagens que teceram  
 As Graças ledas, sobre os seus cabellos  
 Ao vento soltos, hoje se divisa;  
 Mollemente na relva reclinada,  
 Meio-apartado o fino veo que a cobre,  
 Deixa aos olhos mirar\*\* seu lindo seio;  
 Seio fecundo que alimenta os cntes!  
 Que lindas côres, graças, que figuras,  
 Que producções aos olhos não descobre  
 O seio desnudado de Cybele!  
 Vêde mil animaes que emtórno a cercam,  
 Cadaqual se desvela em ameigá-la,  
 Ella a todos surri e a todos lança  
 Carinhosa e suave, o olhar materno.  
 Mas com que extremo, com que expressão doce

\* O cano ou corpo e tronco da columna entre a base e o capitel.

\*\* Voz prosaica.



A vós a mãe commum os olhos lança,\*  
A vós cultores, seus dilectos filhos!  
« Ornae cada vez mais, ornae meu seio,  
Ella vos clama, que aos cuidados grata  
Eu juro sempre ser; para instigar-vos  
À indústria e ao cuidado, fui eu mesma  
Quem o meu seio revesti de abrolhos:  
Hoje pois a vós toca, oh filhos caros,  
De mais beilos adornos revestir-me.  
Ah deixae, deixae erros e phantasmas;  
Deixae o luxo, que do orgulho filho,  
Me ultraja e me assassina; vãos thesouros  
Cessae de procurar, e de arrisear-vos  
Aos p'rigos e aos trabalhos por colhê-los;  
Em mim, em mim tereis, com pouco esforço,  
Da riqueza real, dos bens a posse.  
No regaço da paz, e da abundancia  
Eu vos farei viver, grata aos desvelos  
Que praticardes sem cessar comigo. »

L. S. MOZINHO DE A. *Georgicas.*

\* Acha-se tres versos atrás. Toda a repetição que não compõe uma graça é defeito.

A GRUTTA DE SILENO.\*

De Naxo nas montanhas, que povoam  
 Per toda a parte verdejantes cepas,  
 Uma grutta se ve de toscas penhas;  
 De um lado e outro crÿstallinas fontes,  
 Brandamente sahindo de entre as lapas,  
 Sussurram com doçura; as lentas vides,  
 De Apollo aos raios, com viçosas folhas  
 A entrada impedem, e subindo ao cume  
 Dos alamos frondosos que a guarnecem,  
 Pendem em mil festões per toda a parte.

\* Este lindo episodio mereceu ser, em parte, traduzido em versos francezes per um homem de gosto; eis a dicta versão :

*Vois-tu cette ile ? au pied de ces riants côteaux  
 Que la vigne embellit de ses riches rameaux,  
 Vois-tu dans le rocher cette grotte champêtre ?  
 Asyle sombre et frais, là jamais ne pénètre  
 Du midi dévorant la dangereuse ardeur.  
 L'ombre en cache l'entrée ; et de sa profondeur,  
 A travers les cailloux une onde toujours pure  
 Jaillit, fuit et s'échappe avec un doux murmure.  
 Un air suave y règne, et sur ses bords fleuris*

Uma relva mimosa e sempre verde,  
 De varias lindas flores esmaltada,  
 Lhe fórma o pavimento: alli da calma  
 Jamais penetra a fórça, um ar suave  
 De continuo temp'rado se respira  
 Entre as heras, que a par das negras bagas  
 Mostram lustrosas folhas sempre-verdes.  
 No mais profundo d'este fresco asylo  
 Guarda o ebrio Sileno o doce mosto,  
 Seu amor, seu desvelo e seu cuidado.  
 Esculpidas estão na penedia  
 As insignes victorias do Thebano,  
 Quando tirado per malhados tigres,  
 Entre o bando das férvidas Bacchantes,  
 A Asia sujeitou, e em vez de lança  
 Na dextra maneava um verde thyrsos.  
 Vão após o seu carro foliando  
 Os Satyros galhudos e os caprinos

*De mousse et de gazon s'étend un verd tapis,  
 Où Zéphyre se joue amoureux de l'ombrage.  
 Le lierre à l'arbuste enlaçant son feuillage,  
 Grimpe de branche en branche, habile à se lier.  
 Plus loin s'élançe aux cieus l'élégant peuplier;  
 Et le pampre à Bacchus présentant ses offrandes,  
 Jusqu'à son faite monte, et retombe en guirlandes.  
 De son nectar chéri Silène dans ces lieux  
 Conserve prudemment le dépôt précieux;  
 Du brûlant Sirius pour prévenir l'injure,  
 Il oppose à ses feux un rampart de verdure.*

Faunos de verdes heras enramados.  
Cem amphoras, que ainda aroma exhalam,  
Cem torneados vasos e cem pelles  
Pela grutta esparzidas se divisam.  
Imitemos Sileno em seus cuidados;  
Seja o seio da terra quem resguarde  
Os succos que nutríra a superficie.

L. S. MOZINHO DE A. *Georgicas.*

---

## OS PASTIOS E OS GADGS.

---

Entremos n'esse reino numeroso ,  
De que o homem, qual rei, o sceptro empunha ;  
E para o ajudar em seus trabalhos  
Dos animaes a fôrça aproveitemos.  
Tire o boi, o cavallo o nobre péso  
Da cortante charrua; nas campinas  
Pascendo a mansa ovelha adube os campos;  
Emquanto nos outeiros atrêpando  
A cabra roedora, ja co' as crias,  
Ja com o branco leite nos premeia.

Ah ! quando chegarão a ver meus olhos  
Os cultores de Luso na abundancia?  
Quando verei\* os campos, que ora cobrem  
Moitas selvagens, mil inuteis plantas,  
Em verdejantes prados convertidos,  
Apresentar a face da riqueza,  
Da cuidada fecunda agricultura,  
Do corpo social vigor e nervo?

Surgi da molle incuria, agricultores,

\* *V'er e verci!* é forte repetir!..

## DESCRITIVOS, DIDACTICOS, etc. 117

Sarjae esses terrenos pantanosos,  
Unde ora crescem juncos e espadanas :  
O trevo lhes lança, lança-lhes gramas,  
Que apenas cultivais em curto espaço ;  
Cubri, cubri os aridos outeiros  
De onohrychis c'o germe prodnctivo,  
E os terrenos mais frescos co' a luzerna ;  
Então, e então somente, em vosso aprisco  
O gado abundará ; então somente  
Nos curraes entrarão gordos novilhos,  
Após as fortes mães, ledos brincando ;  
Somente então as crinas sacudindo,  
Leves cavallos rincharão nos campos ;  
Somente então, em vez da magra fome,  
Off' recerão ditosas as aldeias  
A face do prazer, e da abundancia.  
So produz o terreno cultivado :  
É sem gado impossivel a cultura,  
E o gado nutrir so prados podem.

Tu pois, que o nobre emprêgo tens em sorte  
De cultivar a terra, attento cuida  
Pastagens em formar. Duas especies  
Ha de prados : n'uns d'estes a natura  
Per si mesma produz as verdes plantas ;  
Porém se a arte a ajuda, se nos baixos  
E quasi pantanosos, vallas abre,  
Se terra allí conduz para elevá-los,  
Se os grãos, que dos palheiros se retiram,

Cuidadosa alli lança; oh que vantagem  
Produzirá trabalho tam pequeno !  
São contudo estes prados inferiores  
Aos altos e elevados , onde as hervas  
Menos aquosas são , mais nutrientes ,  
É sempre para os gados mais saudaveis.  
Muito melhor , se a indústrria formar soube  
Nos sitios elevados providente  
Reservatorios de agua , que no estio  
Matem a sêde ás abrasadas plantas ;  
Alli tambem convem de quando em quando  
Dos bons fenos lançar os grãos fecundos ;  
Distribuir de quando em quando adubos ;  
As moutas arrancar e toda a planta ,  
Que ou com os ramos seus suffoca as hervas ,  
Ou com a sombra espessa as damnifica ;  
No contórno formar vallados fortes ,  
Que prohibam a entrada dos rebanhos  
Nas epochas não proprias ; seja quando  
Hervas que para feno se destinam ,  
Na sua florestencia são cortadas ;  
Seja depois das chuvas copiosas ,  
Quando com as pizadas , o chão molle  
Se tornar desigual : com taes desvelos  
Os prados naturaes bom pasto criam....

Mas ja correr diviso nas campinas  
O formoso animal ,\* que abrindo a terra ,

\* Certa occasião em que o Sr. M... ( como pro-

C'um golpe de tridente, á luz do dia  
 Deu das ondas o nume soberano.  
 Tu, conquista completa dos humanos,  
 Cavallo docil vivo activo e forte,  
 Dos quadrupedes rei pela elegancia ;  
 Em quem da escravidão não póde o jugo  
 Destruir o valor, manchar a audacia.  
 Aquí cheio de po e branca espuma,  
 Salpicado de sangue, horrído estrago  
 Debalde te rodeia, arremessando  
 O peito aos p'rigos, o clarim da glória,  
 O retinir das armas mais te animam :  
 Intrepido a afrontar a morte voas,  
 Com teu senhor os louros repartindo.  
 Aquí per entre as lanças te arremessas,  
 Allí ouves zunir de Marte o raio;  
 Mas no centro do horror submisso e docil,  
 Da mão, que te conduz, a lei procuras.  
 Erguido o collo, as ondeadas clinas  
 Sóltas vaidoso ao ar, o freio mordes  
 Com orgulhosa audacia; e o chão que pizas  
 Com a ligeira planta apenas tócas,  
 Quando da paz serena no regaço

fessor de agricultura.) antepunha a este episodio o do boi; o Snr. N., ( ex-major de cavallaria ) o atalhou, dizendo com vehemencia: *O cavallo...!* Snr. M.. *o cavallo...!* O certo é

. . . . . Que quem não sabe a arte não a estima.



Em nobres jogos teu senhor conduzes.

Além, ao peitoral lançando o peito,

Com ligeireza e brio ufano arrastras

Das bellas nymphas os dourados carros.

Mais baixa a frente, menos leve o passo,

Prêso á charrua traças ao colono

O productivo rêgo, ou com a grade

Cobres o grão fecundo, ou per mil modos

Ao lavrador uteis serviços fazes.

Companheiro do heroe em seus combates,

Servo do cidadão nos seus prazeres,

D'alta pompa dos grandes lustre e ornato,

Alivio do cultor em seus trabalhos,

A toda a parte teu serviço estendes;

Do homem para o bem, viver so sabes...\*

Oh tu, que ver desejas bons novilhos

Entrar no curral teu; pastagens busca

Altas e séccas; para mãe escolhe

De pequena cabeça e corno breve,

De vivo olhar, de larga espada e peito,

De collo grosso e dilatado bojo.

A criadora vacca, e la no tempo

\* Ésta descripção do cavallo (aliás bella) pouca novidade offerece em poesia: é quasi toda imitada da pintura que Buffon fez do cavallo, e das de alguns poetas francezes, que não citámos, por não alongar a nota. Tem além d'isso o inconveniente de ser longa em demasia; o que afrouxa a ideia.

Em que ella dá mugidos amorosos ,  
 Na florente estação , então a entrega  
 Ao seu suberbo amante , o qual ter deve  
 Tres , até nove annos ; com firmeza  
 Pizar os campos levantando airoso  
 Um collo grosso , uma cabeça breve  
 De negras curtas armas adornada :  
 Sôbre os joelhos seus pender diviso /  
 Sôlta papada do robusto peito ;  
 Entre as carnudas pernas vigorosas  
 Lhe desce até o solo a longa cauda ,  
 E emquanto c'o mugido os ares fere ,  
 Dos negros olhos flammae lhe chammejam....  
 De ciume incendiado , quantas vezes  
 O suberbo animal \* o imigo busca ,

\* Todo este episodio do boi é imitação do de Virgilio , nas Georgicas , livr II. :

*Atque ideo tauros procul atque in sola relegant  
 Pascua, post montem oppositum et trans flumina lata ;  
 Aut intus clausos satura ad præsepia servunt.  
 Carpit enim vires paulatim, uritque videndo  
 Femina; nec nemorum patitur meminisse, nec herbæ  
 Duleibus illa quidem illecebris, et sæpe superbos  
 Cornibus inter se subigit decernere amantes.  
 Pascitur in magna sylva formosa juvenca :  
 Illi alternantes multâ vi prælia miscent  
 Vulneribus crebris ; lavit ater corpora sanguis,  
 Versaque in obnixos urgentur cornua vasto  
 Cum gemitu, reboant sylvæque et magnus Olympus.  
 Nec mos bellantes unâ stabulari ; sed alter*

Olha-o de longe, e com a mão potente  
 Em torbilhões da terra o po levanta;  
 Muge, ameaça, e qual o ardente raio,  
 Fero procura a singular peleja!  
 Já as frentes cornigeras se encontram;  
 Já a ponta o contrário dilacera;  
 Urros de dor, mugidos de vingança  
 Já temerosos echos mil repetem;  
 Em borbotões na terra o sangue corre;  
 Raiva e ciúme os animaes respiram.  
 Mas o vencido em po e em sangue involto,  
 Perdida a força, extincta quasi a vida,  
 Ao contrário a final cede a victoria:  
 E em quanto com o collo levantado,  
 Este suberbo a recompensa busca,  
 Co' a frente baixa, com o olhar em fogo,  
 O vencido dos campos triste foge,  
 E so, entre os remotos fundos valles

*Victus abit, longèque ignotis exulat oris:  
 Multa gemens ignominiam, plagasque superbi  
 Victoris, tum quos amisit inultus amores;  
 Et stabula adspectans, regnis excessit avitis  
 Ergo omni curâ vires exercet, et inter  
 Dura jacet pernox instrato saxa eubili,  
 Frondibus hirsutis et caries pastus acuta:  
 Et tentat sese, atque irasci in cornua discit  
 Arboris obnixus trunco, ventosque lacessit  
 Ictibus, et sparsâ ad pugnam proludit arenâ.  
 Post, ubi collectum robur viresque receptæ,  
 Signa movet, præcepisque oblitum fertur in hostem.*

Occulta o opprobrio, e a vingança estuda.  
 Vingança sanguinosa, em que embebido  
 O animal se nutre, contra os troncos  
 Já a ensaiar começa o corno agudo,  
 E parte em lascas o ferido lenho.  
 As fôrças e o vigor enfim restaura,  
 Renova-se-lhe a raiva, e já bramindo  
 Corre ás planicies, e o rival procura....  
 Nem deixarei ficar no esquecimento  
 O passivo serviço, os uteis dotes  
 Do jumento, do pobre unico alívio;  
 Da mais vasta porção da humanidade,  
 Que langue \* na penuria, elle somente  
 O trabalho e fadiga é quem supporta.  
 Se com elle a natura foi avara  
 De graça, de belleza, e de elegancia,  
 Co' a sobriedade, c'o vigor, c'o geito

\* Vem do francez *languir*, ou primitivamente do latim; v. g: (*amore languéo.*) Tem boas authoridades em poesia.

Triste *languia*  
 O deus de amor

DINIZ, tom. III. pag. 203.

*Langué* a triste em esteril rocha alpina.

DOM. MAX. TORRES, pag. 60.

Deita a vista sagaz e carrancuda  
 Aos ermos, onde *langué* o Paladino.

FRANCISCO MANUEL, tom. XI. pag. 89.

Com que os maus passos vence, co' a dureza ,  
 Que lhe faz afrontar o sol e as neves ,  
 Assás o indemnizou. Como seu dono ,  
 Condemnado á penuria e ao trabalho ,  
 O tojo hirsuto, o cardo, as duras folhas ,  
 As vergonteadas das árvores , a relva ,  
 Toda a especie de grão , todo o legume  
 Lhe serve de alimento ; longa vida ,  
 Inda apezar de um trato aspero e duro ,  
 Chega o triste a contar.....

Não mais, não mais de agricolas manadas; b. d.  
 Adeus por uma vez tenazes leivas ;  
 Adeus forte charrua , bravos touros ,  
 Ageis cavallos , vigorosos mulos ;  
 Adeus enfim amados lavradores.  
 Nas margens de um regato humilde certo  
 Flexiveis canas , com que brinca o vento ,  
 Per entre ellas ligeiro volitando ;  
 Co' a branda cera os varios canaes uno ;  
 De Pan á imitação , correndo os labios  
 Co' a doce frauta , agora ante mim chamo  
 Das rusticas malhadas os pastores.

Vinde , oh mansos rebanhos , ao meu lado  
 Saltem sôbre a verdura os cordeirinhos ,  
 De pedra em pedra os cabritinhos saltem.  
 Balae emtorno a mim , mansas ovelhas ,  
 Trincae os ramos, cabras roedoras ;

E em quanto o deus capripede me guia  
 Os accentos e a voz no humilde metro ,  
 Ah! vem juncto de mim , oh Nize amada ,  
 Acompanhar c'o teu men doce canto....

Porém tu , que as inquietas duras cabras  
 Tens a teu cargo, ao pasto , em quanto o fresco  
 Orvalho sobre as plantas se demora ,  
 Na manhan as conduz; a um tal rebanho  
 Não so apraz pascer nos largos campos ,  
 Ou nas doces encostas das collinas ,  
 Antes prefere a cabra pendurar-se  
 Dos elevados cumes das montanhas ,  
 Dos serros , das selvagens penedias ,  
 Das escarpadas rochas , das barreiras  
 Dos fundos horrorosos precipicios ;  
 Desde a mais tenra infancia as mães seguindo ,  
 Trepam de pedra em pedra os cabritinhos ,  
 E folgam de escolher entre os rochedos  
 Os novos rebentões de agrestes plantas\*....

L. S. MOZINHO DE A. *Georgicas*.

\* Eis os lugares que me pareceram dignos d'entrar n'êsta escolha. O auctor das *Georgicas* carece ainda daquelle variada, magestosa e concisa dicção que tanto sobresaí nos escriptos de nossos antigos poetas, e nos dos modernos de melhor nota. Accresce, ser o metro das *Georgicas*, em partes, monótono, prosaico e languido. Vislumbra n'êsta obra pouca philosophia, e poucos episodios; so abunda em preccitos :

mas muitos d'elles que assás prestariam emum tractado em prosa, são grande defeito n'uma composição poetica, onde o espirito requer o leuem per veredas um pouco desviadas, e lhe apresentem objectos que não aguarda. Ora o poeta deve pretender menos profundar uma sciencia, que attrahir a ella os olhos embellezando-a: isto practicou Virgilio, e practicaram depois d'elle os seus bons imitadores, bem persuadidos *de que o espirito raramente goza duas vezes o deleite de aprender a mesma cousa; mas o coração pode gozar duas vezes o prazer de sentir o mesmo abalo.*

Ouso pois rogar ao Snr. Mozinho que, antes que publique uma nova edição das Georgicas, leia muitas vezes estes versos da poetica do sabio Vida:

*Atque ideo ex priscis semper quo more loquamur  
Discendum, quorum depascimur aursa dieta,  
Præcipuumque avidi rerum populamus, honorem.  
Aspice ut exuvias, veterumque insignia nobis  
Aptemus. Rerum accipimus nunc clara reperta,  
Nunc seriem, atque animum verborum, verba quoque ipsa.  
Nec pudet interdum alterius nos ore locutos  
Cum verò cultis moliris furta poetis,  
Cautius ingredi, et raptus memor occulte versis  
Verborum indicium, atque ordine falle legentes  
Mutato: nova sis facies, nova prorsus imago.  
Munere (nec longum tempus) vix ipse peracto  
Dicta recognosces veteris mutata poetæ.*

Metamorphoses.\*

O CRYSTAL E O TOPAZIO.

Inda no seio da espumosa Thetis  
 Às atrevidas proas se occultava  
 Da madre terra a quarta parte nova ;  
 Quando em seus campos graciosa nymphã  
 Seguindo as feras fatigava os bosques.  
 Crystallia era o seu nome, e a mais formosa  
 Que até hoje pizou o novo mundo.  
 Mais alvos do que a neve que nos Alpes  
 Congela o frio vento , eram seus membros ;  
 Nas lindas faces , na engraçada boca,

\* O erudito e laborioso editor das obras de Diniz ,  
 impressas em Lisboa no anno de 1814 , nada refere  
 acerca do merecimento d'estas metamorphoses. Não  
 possúo tampouco auctor algum de nome que as haja  
 avaliado. Parece-me, todavia, não ser este o genero  
 em que Diniz se distinguia.



Dos cravos, e das rosas a côr viva :  
Dos olhos doce incanto lhe brilhava ;  
E sôbre o collo de alabastro fino  
Em crespos fios de ouro lhe ondeava  
O comprido cabello sôlto ao vento.  
Amor travêso, que em seus olhos mora,  
Tam vivās chammas d'elles despedia ,  
Que n'elles sem allívio se abrasavam  
Os tristes corações de mil amantes.  
Emfim era Crystallia tam formosa  
Que inveja á mãe de amor fazer podia.

Um dia que de agudo dardo armada  
Com seus cães denodada perseguia  
Um mosqueado tigre na floresta ,  
A viu passar um rustico Silvano,  
( Quanto melhor lhe fôra se a não víra! )  
Que habitava o horror d' aquelles matos.  
Topazio se chamava ; e era tido  
Entre os sylvestres deuses do contôrno  
Pelo mais sabio em grande acatamento.  
Viu-a; e vê-la e adorá-la foi o mesmo.  
Desde este ponto o triste um so instante  
Não deixou de seguir suas pizadas.  
Em vão tentou com lagrymas e rogos,  
Em vão com tristes dons mover o peito  
Da dura nympha, mais que os montes dura.  
Em bravissima costa alto rochedo  
Tam firme não resiste ás duras vagas

Do mar que em flor \* rebenta em suas abas; Ercy  
 Como a fragueira nympha resistia  
 Ás tristes mágoas, ao continuo pranto  
 Do importuno Topazio. Quantas vezes  
 Dos mortaes invejou o triste a sorte,  
 Desejando acabar a infeliz vida!  
 Mas a lei dara pelo fado escripta  
 Em rígido diamante, lhe embargava  
 Este misero allívio. Quantas vezes  
 Ao Amor se queixou da ingrata nympha!  
 Mas o travesso deus, que por delcrite  
 Os corações amantes atormenta,  
 Que de pranto, e de sangue se não farta, S. P. S.  
 Outras tantas se riu de suas queixas.

\* Sempre me agradou ésta locução antiga, que, infelizmente, vai ja cahindo em desuso. Não o merece, bemcomo muitas outras, por imitativas e elegantes. Foi usada pelos melhores Ingenhos portuguezes. Citarei so dous;

As aguas arrebetando *em flor*, de dia eram da cor do pez feias e escuras; e de noite quebravam em fogo.

LUCENA, liv. v. cap 20.

As ondas eram tañm suberbas, que rebentavam *em flor*, quebrando-se cruzadas com a fôrça do temporal.

JACINTO FREYRE, pag. 172.

Desenganado enfim de achar remedio  
 Servindo e suspirando, a seu tormento ;  
 Tentar manhoso a fôrça determina.  
 Ah rustico Topazio, a que te arrojas !  
 Tem-te insano , suspende a dura fôrça !  
 Suspende , que infeliz te precipitas !  
 Ternos suspiros , lagrymas ardentes,  
 Brandos rogos , invicto soffrimento  
 As fortes armas são, que so sujeitam  
 Rebeldes corações de ingratas nymphas.  
 Ai ! que se ellas não bastam , nada basta.

Juncto de um claro rio que corria  
 Bordando com mil gyros a campanha  
 De fragrantes boninas, se elevava  
 Um frio bosque de árvores sombrias,  
 Onde os campestres deuses n'alta noite  
 C'os Faunos foliões tecer costumam  
 Ligeiras graciosissimas choréas.  
 Aqui as verdes folhas encrespando  
 Serena viração c'o fresco bafo,  
 Aqui cantando nos confusos ramos  
 Mil passaros de mil diversas côres,  
 Doce paz, doce somno derramavam.  
 Aqui pois uma sésta, fatigada  
 De seguir pelo mato as bravas feras,  
 De suor, e de sangue salpicada,  
 A repousar Crystallia se retira.  
 N'um ramo dependura o eburneo arco,

N'outro o buído dardo, e sôbre a aljava ,  
 Innocente do mal que alli a espera ,  
 O lindo rosto mansamente inclina.  
 Em breve espaço lisonjeiro somno  
 Os membros lhe occupou. Então Topazio ,  
 Que idonea occasião anda espiando  
 Para suas traições ha longo tempo ,  
 Com ella arremetteu , e os tenros braços  
 Com seguras cadeias que tecêra  
 De floridas vergonteadas , manso, manso  
 A uma árvore vizinha lhe prendia.  
 Seguro da victoria, e em voraz fogo,  
 Que as entranhas lhe corre, todo ardendo,  
 O Silvano insoffrido se dispunha  
 De seus desejos a tocar a méta;  
 Quando a nympha accordou, e ao ver-se préza,  
 Do lascivo Topazio ao ver a furia,  
 Desbotadas do rosto as vivas rosas,  
 Palpita , e semiviva aos ceos levanta  
 Os bellos olhos, porque as mãos não póde;  
 E com cortada voz assim exclama :  
 « Oh deuses ! se entre vós algum assiste  
 Que dos tristes mortaes cuidado tenha ,  
 D'uma innocente môva-vos a sorte,  
 A virginal pureza defendei-me. »  
 Disse , e subitamente ( caso estranho ! )  
 Os delicados membros se lhe gelam ,  
 E em transparente pedra se convertem ,  
 Sem que da antiga alvura nada percam.

E qual candido jaspe, a quem deu vida  
De Polycleto ou Phidias\* a mão destra,  
Tal fica a bella nympa. Largo espaço  
Espantado do subito prodigio  
Immobil fica o misero Topazio:  
Mas logo que em si torna, sôbre o collo  
Do adorado crystal se precipita:  
Com terno pranto o rega, e ardentes beijos  
Na fria pedra suspirando imprime.  
Logo em crueis imprecações horrendas  
Se volve contra Amor, d'um tigre hyrcano,  
De uma marpesia rocha filho o chama;  
O seu arco detesta e suas frechas.  
Depois ao ceo se torna, e em seus delirios  
De quando em quando repetir se ouvia  
Com ternas vozes de Crystallia o nome.  
Emfim taes cousas fez, taes cousas disse,  
Que os deuses lastimados de seus males,  
A dar-lhe algum remedio se moveram.  
Louco, sem tino á pedra se voltava,  
E os pés endurecidos se lhe travam.  
Os braços estendidos se endurecem.  
Frio gêlo lhe corre pelas veias,  
E o sangue pouco e pouco lhe coalha.  
Crystallia quer chamar, e a fria lingua  
Dobrar não póde. Emfim d'êsta maneira  
Ficou tambem o misero Topazio

\* Célebres estatuarios gregos.

Todo em pedra tornado, que inda guarda  
Na côr a pallidez do afflicto rosto :  
E juncto d'um penedo outro penedo.\*

DINIZ.

\* Verso de Camões.

O CAUHY.

Juncto das verdes margens , que talhando  
O Paraíba vai com suas aguas ,  
Um mancebo vivia o mais famoso  
Entre os outros d'aquelles arredores  
Em brandir com destreza o cūrvo arco.  
Cauhy era o seu nome ; e as suas manhas ,  
Seu valor , e seu brio de mil nymphas  
Eram doce attractivo ; mas de todas  
As que dentro no peito mais sentiam  
Lavravar este cuidado , uma Itaubira  
Por nome tinha , e a outra era Itaúna.  
Eram ambas iguaes na formosura ,  
Ambas no amor iguaes , iguaes na idade.  
Mas o frecheiro deus , que a seu capricho  
Os que amam faz felices e infelices ; \*\*  
Quiz que Itaubira então fosse a ditosa,  
De seus olhos vibrando a setta ardente

\* Este termo foi modernamente censurado de pouco nobre; comtudo, acha-se nos Lusíadas, canto vi. est. 54.

Várias gentes e leis e várias manhas.

\*\* Verso prosaico.

Que de Cauhy feriu o isento peito.  
 De um e d'outro os quebrados ternos olhos,  
 De suas almas foram os primeiros  
 Interpretes subtis, que declararam  
 O vivo incendio em que ellas se abrasavam.  
 Mas depois que ao amor cedeu o pejo,  
 E que ousaram fallar-se; que ternuras  
 Vós solitarios montes, não lhe ouvistes !  
 Entre trespassos \* mil e mil caricias,  
 Polos raios do sol ambos juraram  
 De se amarem fieis até á morte ;  
 E á promessa fieis, até á morte \*\*  
 Com o mesmo fervor ambos se amaram.  
 D'êsta arte longo tempo venturosos  
 Em doce paz, em doce amor viveram ;  
 Até que o vil ciume cruelmente  
 Sua doce affeição perturbar veio.  
 Quanto, oh infame monstro, mais ditosa  
 Sôbre a terra seria a raça humana,  
 E quanto de invejar a feliz sorte  
 Dos que amam, e igualmente são amados,  
 Se não fôras na terra conhecido !  
 Juncto das praias que Helle \*\*\* fez famosas

\* Ésta palavra, que so póde aqui tomar-se na accepção afrancezada de *transporte*, parece-me impropria.

\*\* Repetição pouco elegante.

\*\*\* Filha de Athamante rei de Thebas, e de Nepheles, a qual fugindo com seu irmão Phrixo, do ódio e



N'uma escabrosa furna onde morada  
 A fria Noite tem, se alverga o monstro;  
 A quem assobiando horrendamente  
 Em feia confusão ceruleas cobras *hissina*  
 Guarnecem a cabeça, e no pescoço  
 E descarnados braços se lhe enroscam,  
 E o triste coração estão roendo.  
 Per entre as cegas carregadas sombras  
 Que a caverna, qual denso fumo, inundam,\*  
 Mal se distinguem sem cessar voando  
 Espantosas visões, cruéis cuidados:  
 De cem partès soar ao mesmo tempo  
 Tristes queixas se escutam, tristes prantos,  
 E contra Amor imprecações horriveis,  
 Que as naturaes abbobadas ferindo,  
 Retumbam tristemente, enchendo os peitos  
 De espanto, e de pavor. Feras suspeitas,  
 Vaõs receios, fallaces apparencias,  
 E ás vezes vis traições, feios enganos  
 Os seus ministros são, suas espias,  
 Por quem o quanto sôbre a terra passa  
 Entre os amantes sabe, e per quem soube  
 A sincera união, a paz gostosa

traições de sua madrasta Ino, e indo para passar o  
 Ponto em o carneiro de ouro que seu pae lhe dera,  
 cahiu no mar; o qual por ésta occasião se ficou alli  
 chamando Hellesponto.

\* Bella metaphora!

Em que os dias passavam desfructando  
 D'um recíproco amor todas as glórias  
 Itaubira e Cauby. \* Então disposto  
 A turbar dos felices o descanso,  
 Um dos duros ministros que o rodeiam,  
 Raivoso chama, e chammejando \*\*-intíma,  
 Que as azas despregando veloz parta,  
 E da terna Itaubira o brando peito  
 Com uma fria cobra, que impaciente  
 Arranca da cabeça, o peito fira.  
 Voa a fera suspeita, e invisibil,  
 O que o monstro lhe manda, fiel cumpre.  
 Itaúna, que bemque desprezada, \*\*\*  
 De seu peito lançar amor não pôde,  
 Escapar não deixava vigilante  
 Uma so occasião de apresentar-se  
 Sempre louçan do amado môço aos olhos :  
 E postoque Cauby, como quem tinha  
 Á formosa Itaubira a alma entregue,  
 E com ella as potencias e sentidos,  
 Em tal não attentava ; a nympha bella  
 A quem o coração ferido havia  
 A barbara suspeita, estimulada  
 Pelo excesso que observa em Itaúna,

\* Toda esta pintura ( sem ser nova ) é admiravel.

\*\* *Chama e chammejando* formam uma ambiguidade pouco euphonica.

\*\*\* Verso duro.

Começou a temer dentro em seu peito  
 Da rival a belleza, e do mancebo,  
 Postoque sem motivo, a inconstancia;  
 E desde este momento principia  
 ( Ah funesto momento ! ) as acções todas  
 De Cauhy a espiar attentamente.  
 Um dia pois, que o descuidado môço  
 Na selva a caçar foi como soia,\*  
 Ella per entre o mato o foi seguindo.  
 Cauhy, depois de haver veloz cançado  
 As mais ligeiras feras na carreira,  
 Com seu sangue manchandoervas e flores;  
 Do calor, e do excesso fatigado,  
 A respirar um pouco se retira  
 N'uma sombria lapa, que se esconde  
 No mais denso da selva, onde rebenta,  
 Com suave murmurio borbulhando,\*  
 Um grande jorro de agua crystallina.  
 Itaubira que o doce amante vira  
 Embrenhar-se na selva, dentro n'alma  
 Crecer sente a suspeita, que lhe finge  
 Que Itaúna a Cauhy alli aguarda:  
 E para ver se é certo o que receia,

\* *Costumava ( solet lat. )*

Nunca por Daphne, Clycie ou Leucothoe,  
 Te negue o amor devido, como *soe*.

CAMÕES, Lus. cant. III. est. I.

\*\* Verso onomatopico.

Para aquelle lugar dirige os passos.  
 A sua turbação, sua impaciencia,  
 A pressa com que corre, \* lhe não deixam  
 No ruído attentar, de que era causa,  
 Movendo impetuosa as bastas ramas  
 Da intrincada floresta. N'este tempo  
 O mesquinho Cauhy alborotado  
 Do subito rumor, e presumindo  
 Que d'elle origem era alguma fera,  
 Das armas lança mão. Ah cego môço!  
 Quanto melhor te fôra, se essas settas  
 Nunca houvesse tam destro arremessado!  
 Mas quem pôde fugir de seu destino!  
 Toma o arco Cauhy, e n'elle a setta  
 Promptamente embebendo, o tiro aponta  
 Para onde o gran' rumor alçar-se ouvia.  
 Veloz a setta voa, e emcontiente  
 Os ouvidos lhe fere um ai piedoso,  
 Que de Itaubira ser se lhe figura.  
 Então largando as settas, prompto corre  
 Ao lugar d'onde a triste voz saíra.  
 Mas qual seu espanto foi, quando passada  
 Da desastrada frecha a nympha encontra!  
 Sobre a terra jazia rociando  
 As árvores e flores que a rodeiam,  
 De seu sangue com as roxas espadanas;  
 E entre crebros soluços exhalando

\* Especie de pleonasma.

Da triste vida os últimos respiros.\*  
 Itaubira, Cauhy lhe brada afflicto,  
 E a nympha á fôrça abrindo os turvos olhos,  
 Que da morte a pesada mão cerrava,  
 N'elle per um pequeno espaço os fita,  
 E a cerrá-los eternamente volve.  
 Coado, frio, e qual marpesia caute\*\*  
 Fical immobil Cauhy per algum tempo;  
 Mas tornando em si, desesperado  
 Corre a arrancar do peito de Itaubira  
 A despiedosa frecha; porque acabe,  
 Com ella o coração atravessando,  
 Juncto da amada nympha a amarga vida:  
 Mas ao tirá-la viu (cousa espantosa!)  
 Que o sangue, que do peito lhe corria,  
 Em crystallino humor se transformava:  
 Via que a pallida nympha pouco a pouco  
 Se ia derretendo, e em claro arroyo  
 Toda se convertia. Então absorto,  
 Primeiro que de todo o lindõ corpo  
 A antiga fôrma perca, a abraçá-lo  
 Pela postrema vez, chorando, corre.  
 Mas ja entre seus braços não aperta

\* Bocejo, bafo.

O chão raspado das escamas sóa  
 E o *respiro* que negro sahe da estygia  
 Garganta inquina os bafejados ares.

ALMEIDA, Poes. tom. 1. pag. 136.

\*\* Rócha.

Mais que o crystal, que entre elles lhe escorrega  
 Então em pe se alçou, e reflectindo  
 Que dos deuses era obra este portento,  
 Aos deuses roga que jamais permittam  
 Que do amado crystal elle se aparte.  
 Annuíram os numes aos seus votos;  
 Pois os ligeiros pés subitamente  
 Á terra se lhe pegam, e na terra  
 Profundamente se lhe vão cravando,  
 Em torcidas raízes convertidos.  
 Os braços se lhe estendem, e se mudam  
 Em retorcidos ramos que de folhas  
 Em ramos vestem suas mãos tornadas.  
 Os cabellos se erriçam, e em vergontas,  
 Da mesma folha ornadas, se convertem.  
 Asp'ra cortiça lhe envolveu o corpo;  
 E de Itaubira ao repetir o nome  
 A boca lhe tapou, e a lingua trava.  
 D'êsta sorte Cauhy o antigo nome,  
 E sob a nova fórma inda parece  
 Que da antiga paixão se não esquece;  
 Pois se a par d'agua brota; sóbre a mesma,  
 Como para abraçá-la, os ramos curva.

DIZIZ.

\* A rima n'estes dous versos foi descuido do auctor.

## ARENÊO E ARGIRA\*.

Estro de Ovidio seguirei teus vãos,  
Se não me é dado emparelhar contigo.

Depois que de Thessalia o rei piedoso \*\*  
As pedras converteu na especie humana,  
Quando ja pela fragil natureza  
De novo a corrupção lavrado havia,  
A moral corrupção, que gera os crimes;  
Quando para viver cumpria ao homem  
Suando exercitar custosa indústria,  
La perto do Penêo, tam caro ás musas,  
N'um retiro assombrado de mil plantas,  
Tinha o rude Arenêo seu tosco alvergue.  
Apenas cinco lustros numerava,

\* Esta metamorphose prova que o genio creador não fóra a partilha do bardo do Sado. Quem como interprete marchou sempre a par de Ovidio, não pôde, como imitador, segui-lo senão mui de espaço. A invenção d'este poema é vulgar e pouco interessante, e haverá crítico a quem elle pareça mal conduzido. Mas a poesia do estylo o fará sempre ler com gosto.

J. M. DA C. E SILVA.

\*\* Deucalion.

Era de alta estatura , e de agil corpo ,  
 De estranha robustez , feições grosseiras ,  
 Olhos ardentes e cabello escuro.  
 Phebo lhe ennegrecêra as mãos e as faces  
 No fragueiro exercicio em que lidava ,  
 Seguindo e derribando ou ave ou fera  
 Com settas que jamais o objecto erraram.  
 Extinctos os irmãos , os paes extinctos ,  
 Na agreste solidão vivia o môço ,  
 Ora subindo as empinadas serras ,  
 Ora os confusos bosques indagando ,  
 Em quanto o fulvo sol nos ceos luzia ,  
 E apenas desdobrava a muda noite  
 Sobre os ares subtis seu véo lustroso ,  
 Volvia á choça o rustico mancebo ,  
 De sanguineos despojos carregado.  
 So n'isto , por effeito do costume ,  
 Embebido trazia o pensamento ,  
 Ignorava as paixões da natureza ,  
 Até desconhecia a mais ardente ,  
 A mais incantadora , a mais funesta.  
 Mas ah tyranno Amor! ou cedo ou tarde  
 É forçoso aos mortaes soffer teu jugo ;  
 Amor, tu és um mal que fere a todos :  
 Longa experiencia contra ti não vale ,  
 Ou virtude , ou razão , so vale a morte.  
 Viste o ledô Arenéo no lar campestre ,  
 Viste-o sem ti , cruel , gozar mil fructos  
 Das suadas asperrimas fadigas ,



E, isento de memorias importunas,  
 Molles somnos gostar no leito hervoso.  
 Súbito, enraivecido, impaciente  
 De que inda alguém feliz no mundo houvesse,  
 Olhaste de travez o alegre môço,  
 Males dignos de ti depois lhe urdiste.  
 Em venatorias artes doctrinada,  
 Annexa ao coro da immortal Diana,  
 Corria a bella Argira o valle e o monte.  
 Nos olhos tinha a cor formosa e viva  
 De que se veste o ceo na primavera;  
 Á descripção dos zephyros as tranças,  
 As tranças, per si mesmas enfeitadas  
 Com lucidos anneis, com anreas ondas,  
 Se ao sol se expunham, como o sol brilhavam;  
 Eram, lácteo jasmim, purpúrea rosa,  
 Tam alvas como vós, e tam coradas  
 Da loura semidéa as brandas faces;  
 Candido pejo, virginal sorriso  
 Nos labios lhe pousava entre os amores,\*  
 (Amores que inspirava e não sentia)  
 Tinha de neve as mãos, de neve as plantas,  
 E o seio tentador mais bello ainda  
 Que o da cypria deidade, e não tocado.  
 O frio, o vento, o sol jamais ousaram  
 Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa : : :  
 Realçava estes dons a flor da idade,

\* Que bellissima poesia!

E ao ver-se aquelle assombro, oh natureza,  
 Estranho então se achou que o teu sublime  
 Ingenhoso poder chegasse a tanto.  
 Descendente de origem mais que humana,  
 ( Tambem não longe de thessalio rio )  
 De mil dignos amantes cubiçada,  
 E ás conjugaes delicias insensivel,  
 Não quiz ir de hymeneó no altar brilhante  
 Sacros votos firmar co' a voz e a dextra,  
 Illesa conservando a flor suave,  
 Que, invólta em brandos ais, colheis, Amores.  
 Com éstas perfeições, com éstas graças  
 Tramou vingança crua o paphio nume  
 Ao livre caçador, que, errando um dia  
 Em ermo bosque de viçosos loiros,  
 Argira via luzir per entre a rama,  
 Argira, que das nymphas se perdéra,  
 E que á benigna sombra de um loireiro  
 Repousava do acerrimo exercicio,  
 Temendo a força do apollineo raio  
 Que ardia no azulado ethereo cume;  
 E tendo a par de si na hervosa terra  
 O luzente carcaz, vasio, em damno  
 Das selvaticas feras que avistara.  
 Morno suor em crystallinas gotas  
 Pelo virgineo rosto escorregando,  
 Resplandecente aljófar parecia;  
 O canção, o calor nas lizas faces  
 As rosas e os incantos lhe avivava :

Tal, e menos formosa, a casta Cynthia,  
 Depois de ter vagado as agras serras,  
 Descança do arvoredado ao fresco abrigo,  
 Ou entre o lindo coro, ou solitaria.\*  
 Dest'arte alli jazia a virgem bella,  
 Quando o incauto Arenéo, que mal presume,  
 Que mal crê per si mesmo ir enredar-se  
 No laço, com que Amor sagaz o espera,  
 Curioso, amparando-se das plantas,  
 Vai manso e manso, e per detrás de um tronco  
 ( Sem que o sentisse o perigoso objecto )  
 No perigoso objecto os olhos firma.  
 Desgraçado! imprudente! ah que fizeste!  
 Ei-lo acceso, ei-lo attonito, ei-lo absorto,  
 Ei-lo incantado e tremulo e perdido:  
 Repentino fervor lhe escalda o peito,  
 Lhe aneia o coração, lhe tinge o rosto.  
 « Que assombro, oh ceos! que divindade é ésta!  
 ( Comsigo o môço diz ) será dos bosques  
 A deusa pudibunda, irman de Phebo?  
 No trage, no carcaz, e em formosura,  
 Em gestos o parece... oh ceos! oh deuses!  
 Que incanto! que belleza!...eu ardo...eu morro.»  
 N'isto arrancando um férvido suspiro,  
 Assusta a clara nympha, que, volvendo  
 Os olhos derepente ao som queixoso,  
 Te ve, misero amante, e, visto apenas,

\* Que amabilissimo quadro!

Sólta um ai , lança mão do eburneo coldre ,  
 E vai per entre as árvores fugindo  
 Mais prompta , mais\* veloz , do que os ligeiros  
 Silvestres brutos de ramosas fronteas.  
 Qual ficaste Arenéo , vendo esconder-se  
 Aos olhos teus o incanto de tens olhos !  
 Longa perturbação prendeu-te as plantas ,  
 Sem côr, sem voz, n'um extasis, n'um pasmo ,  
 Qual devia infundir-te o raro objecto ,  
 O deixaste voar ; depois , sabindo  
 Do lethargico espanto em que jazias ,  
 Seguiste accelerado a doce causa  
 Do teu mal , dos teus ais, mas ja foi tarde ;  
 Ja co' a turba gentil se tinha involto  
 Das alvas companheiras , e com ellas  
 Voltado ao bosque da latonia deusa.\*\*  
 Quam saudoso, frenetico , anhelante  
 O infeliz Amador se acolhe aos lares !  
 Allí arde , allí geme , allí pranteia ,  
 Allí , sempre em cruel desassocêgo ,  
 Desvelado, e carpindo , as noites perde .  
 Apenas as manhans no ceo roxeiam ,  
 Em vez de proseguir o usado officio ,  
 Torna ao sitio funesto , onde espreitara

\* A repetição do adverbio *mais* , torna pesado este verso, que devia imitar a velocidade da nympha fugindo.

\*\* Diana.

O caro enlevo de seus olhos tristes ,  
 Torna, mas sempre em vão, não ve nem rasto,  
 Que ao das queridas plantas se assemelhe.  
 Dias e dias no lugar damnoso ,  
 E pelas densas matas circumstantes  
 Pragueja contra si, delira e freme;  
 Até c'um fero impulso ás vezes tenta  
 Amolado farpão cravar no peito;  
 Mas acode a benefica esperança ,  
 E com destro pincel na fantasia  
 Lhe pinta de mil jubilos vindoiros  
 A scena, o quadro, a seductora imagem :  
 De faustas illusões lhe doura a mente ,  
 Finge-o nos braços da risonha amada ;  
 E assim lhe inova o soffrimento exhausto.  
 Mas nem sempre, esperança incantadora ,  
 Tens arte que hallucine os desgraçados.  
 Cançou de se fiar o ancioso amante  
 Nas vans consolações, nas vans promessas  
 Com que adoçavas o ácido veneno  
 Da teimosa paixão que o perseguia ;  
 Cançou de se fiar, e abandonado  
 Ao agro desengano o peito afflicto,  
 A raiva em languidez se lhe converte.  
 Sempre encerrado na colmada estancia ,  
 A gemer e a chorar, de dia em dia  
 O afanoso \* Arenêo se vai finando.

\* Afadigado, cansado, etc. O dictionario de No-

Amor, que do aureo throno, onde promulga  
 As despoticas leis, ve toda a terra,  
 Todos os corações, poz n'elle os olhos:  
 Viu-lhe a consternação, viu-lhe os tormentos,  
 E piedoso uma vez, e arrependido  
 Dos dainnos que forjara ao môço triste,  
 Mudou de condição, quiz dar-lhe allívio.  
 Eis, qual ave de Jove, estende as azas,  
 Eis esvoaça, e parte, e chega, e pouosa  
 Ante o tugurio de Arenêo choroso,  
 Que, á porta reclinado, involto em ancias,  
 Com roucas preces invocava a morte.  
 « Esmorecido amante, ( o deus lhe clama )  
 Que desesperação, que vil fraqueza  
 Tomou posse de ti! que é da ousadia,  
 Com que per entre as selvas acoosando  
 Cerdosos javalis de agudas prêsas  
 Mil e mil vezes afrontaste a morte?  
 Fragil mulher te afraca, e te consterna!  
 Eia, recobra alento. Eu sou de Venus  
 O filho omnipotente, inevitavel,  
 Eu mando em corações, em pensamentos,

racs não aponta auctor classico que usasse d'este epitheto; nem eu me acordo de o ter visto em nenhum: talvez Bocage o compoesses; porque n'outra parte disse:

Qual *afanoso* Orestes  
 Das furias acoosado.

Eu sou auctor de bens , auctor de males ,  
E se dispuz teu mal , teu bem disponho.  
A dura negação que d'antes víra  
No rude genio teu para seguir-me ,  
E e desuso em que estou de achar quem próve  
Dissabores sem mim, sem mim prazeres ,  
Me instou a machinar-te o precipicio ,  
E logo da melhor de quantas nymphas  
Á densa das florestas se votaram ;  
Mas notando porfim como em teu peito ,  
Pouco a pouco a paixão vai sendo morte ,  
Quero atalhar-lhe o tragico progresso ,  
E contigo applacado , affabil , pio,  
Seccar teus prantos , serenar teus dias  
De lugubre tristeza anuveados.  
Vem, que eu te guio ao idolo que adoras,  
Que rastejaste em vão per esses bosques.  
Á hora, em que te fallo , á hora amena ,  
Em que o férvido sol no mar se apaga ,  
N'um fresco e puro lago é seu costume,  
Por effeito da calma , e do conção,  
Banhar sosinha os delicados membros ;  
Que, em virginal modestia requintando,  
Nem permite ás silvestres companheiras  
Olhar-lhe nus os candidos thesouros ,  
E so tendo findado a lida agreste,  
E dicto a deus ás mais, demanda o lago.  
Approvo que lhes negue a doce vista  
Das altas perfeições , de que é ciosa ;

So compete essa glória aos meus mimosos,\*  
 So a ti, meu valido, a ti somente.  
 Não receies o enfado, a resistencia,  
 O desdem pertinaz da inculca virgem,  
 O aférro, com que exerce as leis de Cynthia:  
 São brãndas as que dou, crueis as d'ella.  
 Meu fogo, meu poder, teus ais, teus prantos,  
 A natureza, os ceos por ti combatem,  
 Que pem Jove immortal de mim se esquiva.  
 Reina em muito a Fortuna, Amor em tudo:  
 D'ella os bens, os bens d'elle extrabe a audacia,  
 O acanhado temor convem que expulses;  
 Exhaure os mimos, a ternura, as preces,  
 E se os mimos, se as preces, se a ternura  
 Baldadas forem, não o seja a fôrça.  
 Obstaculos não ha, que amor consinta,  
 Todos, todos per mim serão vencidos;  
 E se um de meus farpões, arremessado  
 Contra a nossa inimiga iusana e bella,  
 Não vai ferir-lhe o coração rebelde,  
 Dispô-lo a teu favor, e amaciá-lo,  
 É por te não roubar a immensa glória,  
 O gdsto de a render, sem que eu te acuda

\* Favoritos, protegidos, etc.

De Lusitania as musas mais fermosas  
 Vos devem, a tal conta, eterno canto;  
 Que será se de vós forem *mimosas*?

BERNARDES, Lima, pag. 242.



Com toda a força minha. Ria, não tardes,  
Vem, que é proprio o lugar, e Amor te guia.»  
N'isto, o facho invisivel sacudindo,  
E com elle roçando-lhe no peito,  
Desusado vigor, ardencia estranha  
Ao froxo coração lhe communica.  
Ja folga, ja se apresta, ufano e ledo  
O cubiçoso amante, e segue o nume,  
Quasi igualando na carreira o vôo.  
Por milagre de Amor, que o guia, em breve  
Vence a longa distancia, avista o lago.  
Jaziam na raiz de alpestre serra  
As incorruptas aguas transparentes,  
De que o vasto depósito arenoso  
So tinha pouco fundo aope das margens.  
Deserto era o lugar, fechado emroda  
De mistas densas árvores, e idoneo  
Ao tímido pudor da virgem bella.  
Antes de a divisar per entra as plantas  
Amor e o socio, sem que os visse Argira,  
Havia a casta nympha retirado  
Do lago venturoso as alvas carnes,  
E repostas as ligeiras vestiduras:  
Assim do immaculado amavel corpo  
A vedada recondita belleza  
Teus olhos, Arenéo, não profanaram.  
Co' a vista immobil nas immoveis aguas,  
Á margem ceterior do lago ameno  
Abstracta reflectia a semidéa:

( Era a meditação talvez presagio  
 Do eminente perigo ) ainda em terra  
 O formoso carcaz lhe reluzia,  
 Per onde agudas settas apontavam.  
 Amor, para frustrar-lhe a resistencia,  
 A distracção da nympha aproveitando,  
 Mais veloz que o relampago, e mais leve  
 Que os favonios subtís, adeja, furta  
 Os nocivos farpões no rico estojo,  
 ( Tudo é facil a um deus, não foi sentido )  
 Torna com elle, occulta-o entre o mato,  
 E diz com mansa voz, com voz suave  
 Ao mancebo ( que attonito ficára  
 Da vista incantadora ) o que deseja  
 Alli tens. Sólta o freio a teus suspiros,  
 As lições, que te dei, vai pôr em uso.  
 Cála-se, e ja co' a mente em mais empresas,  
 D'elle se aparta, some-se, voando.  
 D'éstas palavras Arenéo pungido,  
 Ápressa para a nympha os passos move.  
 Ella, ao sentir pizadas, volta os olhos,  
 E, vendo-o ja propinquo, receiosa,  
 ( Qual se fôra de um satyro assaltada )  
 Á aljava quer lançar as mãos de neve,  
 Mas da aljava o signal so ve na areia,  
 E, em subito furor arrebatada,  
 Indaque ao caçador pende dos hombros  
 Carcaz do seu diverso em côr e em fórma,  
 Se hallucina, se abstrahê, baldões profere,

De infame roubador, de vil o accusa.  
 « Não , não sou roubador ( elle a interrompe )  
 Sou teu amante , escravo de teus olhos ,  
 Víctima da ternura , e proseguindo ,  
 Com vivissimo ardor lhe expõe , lhe affirma  
 As ancias , as saudades , os delirios ,  
 Os males que soffreu , depois que a vira ,  
 Ousa mais : de consorte a mão lhe pede ,  
 Da austera irman de Phebo as leis condemna ,  
 Jura que a lei de Amor so é ligada ,  
 So conforme á razão e á natureza ;  
 Blasona , ostenta de afouteza , e de arte ,  
 Outro Orion \* se diz , e per mil modos  
 Quer attrahir a indomita donzella ,  
 Insta , para apiedar-lhe o genio duro .  
 Ella , que ouviu suspensa , e como absorta  
 As ternas expressões do audaz amante ,  
 So , e não tendo alli com que puni-lo ,  
 ( Ja suspeitosa de amoroso insulto )  
 Em fogo os olhos , arrugada a testa ,  
 Com raiva lhe gritou : « não mais , insano »  
 E á fuga se dispoz ; mas o mancebo ,  
 A que um tal desengano as ancias dobra ,  
 Quasi fóra de si , lhe impede o passo ,  
 E , depois que outra vez deu uso aos rogos ,  
 Aos requebros , e aos ais , porém sem fructo ,  
 As ternuras vertendo em ameaças ,

\* Caçador famoso na antiguidade.

Carregado o semblante, a voz pesada :  
 Insensivel ! feroz ! oh penha ! oh tigre !  
 Oh barbara inimiga ! ( o cego exclama )  
 Se a amor não cedes, cederás á raiva.  
 Annue a meu desejo, a meus extremos,  
 Ou..... convulsa de horror ao som terribil  
 D'éstas vozes crueis, a semidéa  
 C'os vagos olhos todo o sitio corre :  
 Ve d'um lado a lagoa, a serra ingente,  
 E o frenetico amante do outro lado,  
 Ve que fugir não póde e n'este apêrto,  
 ( Fitos nos ceos os maviosos lumes )  
 « Oh leis augustas da immortal Diana !  
 Sanctas leis do pudor ! dever sagrado !  
 A vós me sacrificio. » Assim fallando,  
 Arremessa-se ao lago a malfadada  
 Co'a pressa, com que o raio a nuvem rompe.  
 Ao vê-la baquear,\*\* sumir nas aguas,  
 Subito acode o môço arrebatado.  
 O brunido carcaz, e o arco arroja,  
 Lança-se após a nympa, e mergulhando,  
 ( Que as ondas qual delphim cortar sabia )  
 Depois de estar occulto alguns momentos,  
 O lindo corpo amado extrahe sem alma.  
 Eis, com elle nos braços sôbre a areia,

\* Olhos.

\*\*Não sei porque alguns hypercriticos estranharam este verbo em Bocage ! elle é tam onomatopeico, e

Á desesperação, e á dor se entrega:  
 Ve-se auctor da tragedia lastimosa,  
 Sem lume os olhos ve, que lhe eram vida,  
 Ve na face macia e puro seio  
 Formosa a pallidez, formosa a morte;  
 Chora, soluça, applica os froxos labios  
 Á gentil muda boca, e n'ella imprime  
 Beijos... ah! beijos bem diversos d'esses,  
 Com que o soffrego amor se aprax, se incanta;  
 Até que supportar ja não podendo  
 O péso da miserrima existencia,  
 N'um transporte, n'um impetu invencibil,  
 Co' a mão convulsa pelo peito enterra  
 Pontiagudo virote, e cabe, e expira  
 Juncto da nympha, que morrendo, abraça.  
 Foi seu ai derradeiro a Amor voando,  
 Da catastrophe atroz foi dar-lhe aviso,

tem tam boas authoridades, que não merece esquecer-se.

Alli ( os portuguezes ) *baqueados* no chão,  
 se deixaram estar.

Couto, Dec. vi. liv. 2. cap. 8.

Chegando ao lugar determinado se *baquearam*  
 em terra, para não ser vistos dos mouros.

JACINTO FREIRE, pag. 147.

. . . . . Pela terra

A recheiada meza *baquearam*.

Diniz, Hys. pag. tos.

É o nune enganador, que acceso andava  
 Com guerra, em que alta glória obter podia,  
 Mal que ouviu no suspiro o triste annúncio,  
 Desistiu por então da grande empreza,  
 E ao theatro volveu do caso acerbo.  
 La, no horrendo spectaculo attentando,  
 Collige dos signaes e circumstancias,  
 Que de Argira o rigor e a pertinacia  
 Foram causa fatal da morte de ambos.  
 Dá-se por gravemente injuriado,  
 A sua omnipotencia a si convoca;  
 Avizinha-se aos dous, e por castigo  
 Da fera ingratição, do amargo insulto  
 Em feia ran loquaz converte a nympha,  
 Para que no lugar, onde acabára,  
 Para que, ás mesmas horas, em que altiva  
 Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os góstos,  
 Começasse a rogar, porém vanmente,  
 Com voz descompassada aos ceos vingança,  
 Tendo sempre em memoria azeda e viva  
 O seu antigo ser, e o lance infausto.  
 Já se vai apoucando o niveo corpo,  
 Despe a côr, perde a fórmula, e recebendo  
 Nova respiração, vozeia e salta  
 No lago crystallino. Amor emtanto  
 Pago, ufano de si, de estar vingado,  
 C'um ar piedoso a vista apenas lança  
 Ao mancebo infeliz, e o deixa e vóa:  
 Tam mesquinha em Amor é a piedade!

Indo a cruzar um prado, acaso à dextra  
 Dirige os olhos, que o luar lhe ajuda,  
 E descortina\* sobre a relva amena  
 A gozar da frescura em ocio brando  
 Delia\*\* formosa co' as sequazes nymphas,  
 Já descontentes de tardar-lhe a sócia.  
 C'um íntimo despeito as olha, as mede,  
 E por dar-lhes pezar, por dar-se glória,  
 Librando-se nas azas côr de fogo,  
 Narra-lhe em breves empolados termos  
 Qual fóra a morte, a punição de Argira,  
 E nos ares, a rir, desaparece.  
 De lagrymas se banha o bello coro  
 Apenas ouve o deploravel caso:  
 Eis que de Apollo a irman lhes diz que a sigam,  
 E com ellas caminha ao fatal sítio,  
 De vingativo impulso estimulada.  
 Chega, observa na areia as tristes próvas  
 Da tragedia cruel, olha o virote  
 No peito de Arenéo todo entranhado,  
 E d'isto não contente, e ainda irosa  
 Da acção de Amor, e intrepidez do amante  
 Co' a nympha mais prezada, e mais pudica

\* Descobre, observa, etc.

Os arredores do arraial sejam bem descortinados pela vista.

PEDREGACHE. tom. II. pag. 87.

\*\* Diana.

De quantas pelos bosques a acompanham,  
 Para a desaggravar, para vingar-lhe  
 Tanto a transformação, como a virtude,  
 ( Reparar não podendo o damno injusto,  
 Porque as obras de um deus nenhum desmancha\*)  
 Portentosas palavras murmurando  
 Contra o corpo sanguento, o piza, o muda  
 Na ave importuna, que prevê desastres,  
 Diffunde agouros, aborrece o dia,  
 E, quando vem do lóbrego Occidente  
 A fusca noite semeando horrores,  
 Ou nas arvores pousa, ou entre as fragas,  
 Onde, em quanto arrancais, oh rans llimosas,  
 Enfadoso clamor que atrôa os ares,  
 ( Do que era, e do que amou saúdosa ainda )  
 Até que aponta no horizonte a aurora  
 Em voz desconcertada está carpindo  
 Seu miserando amor, seu negro fado.

BOCAGE.

\* *Neque enim licet irrita cuiquam  
 Facta dei facisse deo.*

OVIDIO, Met. liv. III.



---

## A PALMEIRA.\*

---

Do undante Nilo a rubida Pomona  
 Houve um filho e uma filha, ambos d'um parto;  
 Elle Oreno chamado, ella Palmira.  
 No ponto do seu triste nascimento  
 Sinistros corvos roucos grasnos deram,  
 Negro amentado lobo hui<sup>u</sup>ou<sup>u</sup> tres vezes,  
 E igneo meteoro ardeu sóbre seus lares:  
 Os paes cheios de horror de agouros tantos,  
 Querendo os fados precaver, consultam  
 Sóbre o destino dos recentes gemios.  
 O equóreo vate que apascenta as focas.  
 Este, depois que préso em rijos laços  
 Horriveis fórmas por soltar-se toma\*\*,

\* Julgo que o leitor imparcial não achará nas minhas metamorphoses menos verosimilhança e invenção que nas de Ovidio; n'ellas involvo a moral, mostrando o castigo da avareza, da indocilidade, da lascivia, do perjurio, e outros crimes tam nocivos á sociedade.

O AUCTOR.

\*\* *Est in carpathio Neptuni gurgite vates,  
 Cæruleus Proteus, magnum qui piseibus æquor  
 Et juncto bipedum curru metitur equorum.*

Do nublado futuro o veo rasgando,  
A fatidica voz assim desata :

« Se ha pouco os olhos no universo abristes ,  
Quaes vossos crimes são, tenros infantes ,  
Para o ceo contra vós chover desgraças !  
N'um louco terno amor ardereis ambos ,  
Que além da morte passará convosco :  
Sustos , horrores , oppressões , desastres ,  
Nunca abater farão vossa constancia.  
Fugi , fugi um do outro , ó desditosos !  
Porque logo que virdes coroado  
Vosso impudico incestuoso affecto ,  
O extremo golpe soffrereis da parca ,  
E os proprios deuses mostrarão piedade ,  
De vosso triste desastrado termo. »

*Hic nunc Emathia portus, patriamque revisit  
Pallena : hunc et nymphæ veneramur, et ipse  
Grandævus Nereus : novit namque omnia vates,  
Quæ sint, quæ fuerint, quæ mox ventura trahantur  
Quippe ita Neptuno visum est, immania cujus  
Armenta, et turpes pascit sub gurgite phocas.  
His tibi, nate, prius vinclis capiendus, ut omnem  
Expediat morbi causam, eventusque secundet,  
Nam sine vi non ulla dabit præcepta, neque illum  
Orando flectes : vim duram et vincula capto  
Tende: doli circum hæc demum frangentur inanes.  
Ipsa ego te medios eùm sol accenderit æstus,  
Cum sitiunt herba, et pecorijam gratior umbra est,*

Disse , e escapando aos laços que o prendiam ,  
 Per entre as vagas subito se esconde.  
 Os ternos paes de mágoa e dor feridos  
 Ouvindo a sorte dos gentis infantes ,  
 As leis pretendem prevenir dos fados ;  
 Esperam que dous lustros se completem ,  
 E á casta Delia a tenra filha votam ,  
 E o filho exulam para estranhos climas.  
 Mas quem foge aos decretos do destino ?  
 Quem póde contra o fado oppor barreiras ?  
 D'um sympathico amor victimas ambos ,  
 Ambos feridos per crueis saudades,  
 Afim de se gozarem tudo empredeim. L.  
 A triste ausencia , das paixões verdugo ,  
 Mais as chammas de amor lhes sópra n'alma.  
 Quantas vezes Palmira n'alta noite

*In secreta senis ducam, quo fessus ab undis  
 Sc recepit; facile ut somno aggrediare jacentem.  
 Verum ubi correptum manibus, vincisque tenebis,  
 Tum varia illudent species, atque ora fetarum:  
 Fiet enim subito sus horridus, atraque tigris,  
 Squamosusque draco, et fulva ceruice leona;  
 Aut acrem flammæ sonitum dabit, atque ita vincis  
 Exidet; aut in aquas tenues dilapsus abibit.  
 Sed quanto ille magis formas se vertet in omnes,  
 Tanto, nate, magis contende tenacia vincula;  
 Donec talis erit mutato corpore, qualem  
 Videris, incepto tegeter eum lumine somno.*

VIRGILIO, Georg. liv. IV.

Em busca do fraterno ausente amante,  
 Errando per medonhos densos bosques,  
 Foi dos lascivos satyros corrida!  
 Quantas vezes ligada a rijos troncos,  
 Sendo colhida na teimosa fuga,  
 Provava as íras da feroz Diana!  
 Ora exposta ao calor do intonso Phebo,  
 Quando aprumo dardeja os igneos raios;  
 E ora vendo rasgar seus alvos membros  
 Com flagellos de silvas espinhosas!  
 Ja suspensa nos ramos pelas tranças,  
 Ja cuberta de injúrias, e de affrontas!  
 Povém seu genio indomito e constante,  
 Ao péso sotopósto dos tormentos,  
 Em vez de se abater, fôrças tomava.  
 Emtanto Oreno, de si proprio alheio,  
 Morto de amores, de saudades morto,  
 Ais impacientes com fervor soltava:  
 A um louco phrenesi de amor entregue,  
 Foge do lar que o exula\* de quem ama,  
 E intenta prescrutar o mundo inteiro,  
 Até que a nympa, por quem arde, encontre.  
 A precipicios horridos exposto,  
 Exposto á furia de famintas feras,  
 Ja barreiras transpõe, montes alpestres,  
 Ingremes serras cruza, aridas brenhas,  
 Inhospitos sertões, areiaes ardentes,

\* Desterra, expelle, etc.: vem do latim *exul*.

Até que as vagas por limite encontra :  
Mas sem que ao péso de oppressões se abata ,  
Fazendo a Venus sacrificios , votos ,  
Ei-lo em fragil baixel se entrega ás ondas :  
Com longos remos fere o mar, levando  
O acaso por govérno , o amor por norte.  
Denso negrume emtanto enlucta os ares,  
Sóltas procellas furiosas brãmam ,  
Rebenta o mar em flor na aguda proa  
Do curvo lenho que os tufões sossobram ,  
E em negras rochas , onde as vagas fervem ,  
Em mil pedaços se lhe torna o lenho :  
Mas sem que o triste na constancia afroxe ,  
A fragil vida salva sóbre um remo :  
O vento o arroja sóbre as fundas praias  
Que ás fugas do seu bem termo teem pósto.  
De novo cruza serranias arduas,  
De novo arrosta ignotos precipicios :  
Mas ja o ponto lastimoso chega  
Esripto no volume da ímpia sorte ,  
Em que se hão de cumprir as leis do fado.  
O louco amante, de si proprio alheio,  
Tristeza e gósto sente n'alma a um tempo.

Guiado pela mão do atroz destino ,  
Entra n'um verde solitario bosque  
Onde Palmira fatigada á sombra  
Da nova fuga descançava os membros.  
Morpheu na ideia á misera pintava

Entre scenas de mágoa o terno amante,  
 E tanto horror lhe dava o sonho horrivel,  
 Que erguendo a voz bradava: *Oreno, Oreno!*  
*Oreno, Oreno* os echos repetiam;  
 E Oreno, ouvindo resoar seu nome,  
 De susto e gósto esfria e titubeia;  
 Nova esperança lhe alvoroça o peito;  
 Triste alvorôço\* o coração lhe assusta:  
 Corre, procura, indaga o bosque inteiro,  
 Até que a nympha suspirada encontra.

Que transporte! que susto! que alegria!  
 Elle subito a abraça, elle a desperta;  
 Elle de beijos fervidos a cobre;  
 Palmira duvidosa, alvoroçada,  
 Crendo-se indigna de ventura tanta,  
 Inda o que vendo está julgã que é sonho;  
 Aperta o caço irmão, une-o a seu peito,  
 Sente-o, goza-o, conhece-o, não duvida,  
 Franqueia-lhe a alma... e o resto lhe franqueia.  
 As árvores que emtórno o incesto víram,  
 De horror os ramos para o chão curvaram;  
 Murchou-se a relva, que pizaram ambos;  
 Ave agoureira lhe piou deroda,  
 Triste presagio de propinquos damnos.  
 Emtanto soam nos fragosos montes

\* *Alvoroça e alvorôço*, claudicam na harmonia.

De velozes libreus\* crebros latidos ;  
 A casta deusa venatoria assoma  
 Com farpas duras perseguindo as feras.  
 Os dous amantes em prazer ondeando,  
 De nada tino dão , de nada cuidam ,  
 Tremulos froxos ais soltam convulsos :  
 Diana os ouve, e os ve , furiosa os chama ,  
 E Oreno a si d'um extasi tornando  
 A fuga emprende com terror da deusa.  
 Palmira, em tanto horror, inènos sentindo  
 Perder a vida , que perder o amante ,  
 Vai Oreno chamar ; eis cega d'ira  
 Lhe vibra a densa ao peito um ferro agudo  
 Que leva a morte na cruenta ponta ;  
 A voz lhe fica na garganta prèsa,  
 E do nome de Oreno a desditosa  
 O O somente inicial soltando,  
 Entre os labios com elle a vida exhala.  
 Doído Jove de seu fado acerbo,  
 Em honra á deusa que a trouxera ao mundo,  
 Em áryore converte a infausta nympha,  
 Que Palmira ou Palmeira inda se chama.  
 Oreno apenas soube a scena horrivel ,

\* Galgos, cães de fila.

. . . . Qual javali cerdoso ,  
 Que retirando-se , aos libreus se víra.

SA DE MENEZES , Malaca, liv. XI. est. 34.

Pedindo aos deuses uma igual mudança ,  
 Furioso rasga o coração e expira.  
 Jove igualmente em árvore o converte,  
 Dando-lhe nome igual, e igual figura.  
 Mas quanto as leis dos fados são penosas  
 Logo que além da morte se transmittem !  
 Em troncos duros convertidos ambos  
 Inda em amor se abrasam mutuamente ;  
 Inda a indomavel condição conservam.  
 Por isso, como o pêso das fadigas  
 Nunca pôde abater sua constancia ,  
 Debaixo os ramos seus do maior pêso,  
 Em vez de se abaterem, se levantam :  
 Symbolo da constancia nos trabalhos ,  
 Os heroes por tropheo e insignia os tomam.  
 E inda é tam forte o amor da malfadada ,  
 Que apezar da cultura , ou longos annos ,  
 Sem ter o irmão defronte não dá fructos ;  
 Nos caroços dos quaes se ve gravada  
 A letra inicial do nome *Oreno* ,  
 O *O* derradeiro que soltou dos labios  
 No instante em que findou seus curtos dias.

B. CURVO SEMEDO.



---

---

# Heroicomicos.

~~~~~

## O GENIO

### DAS BAGATELLAS.\*

---

Nos vastos intermundios de Epicuro  
O gran' paiz se estende das chymeras',  
Que habita immenso povo, differente  
Nos costumes, no gesto e na linguagem.  
Aqui nasceu a Moda, e d'aquí manda

\* O Hyssope goza e sempre gozará das honras de poema classico. Não tem phrase, nem expressão que não seja de natural cunho portuguez. Se o auctor adoptou alguns termos estrangeiros, v. g. *ar-mes, corbelhas, bougias, compotas*, etc. o mesmo fizeram os nossos maiores de melhor nota. cousas que em tempos antigos não eram conhecidas, nome não podiam então ter de certo: uma vez admittidas, nome devem ter, e a nossa lingua lh'o deve imprimir, derivado do que teem no paiz d'onde as recebemos,

Aos vaidosos mortaes as várias fórmãs  
 De seges , de vestidos , de toucados ,  
 De jogos, de banquetes, de palavras ;  
 Unico emprêgo de cabeças ócas.  
 Trezentas bellas caprichosas filhas ,  
 Presumidas a cercam, e se occupam  
 Em buscar novas artes de adornar-se.  
 Aquí seu berço teve a espinhosa  
 Escholastica van philosophia,  
 Que os claustros innundou ; e que abraçaram  
 Até á morte os perfidos Solipsos \*  
 Daqui saíram a infestar os campos  
 Da bella poesia, os anagrammas,  
 Labyrinthos, acrósticos sonetos ,\*\*

e o mais consoante possível ao genio de nosso idioma.  
 Assim o prescreve Horacio, que bom juiz é em gôsto,  
 lingua e poesia :

*Adsciscet nova , quæ genitor produxerit usus.*

*..... Latiumque beabit divite lingua.*

HORACIO, Epist. liv. XI. ep. 2.

T. L. V. ....

\* Palavra composta das duas latinas *solus e ipse* ,  
 que corresponde ao sentido que damos hoje ao nome  
 de *egoísta*. Melchior Inchofer, jesnita alemão, é o  
 inventor d'essa expressão que produziu, para desi-  
 gnar per ella os padres , geral , chefes, e regentes da  
 companhia de Jesu.

\*\* Em alguns manuscriptos, e nas duas edições  
 que antes d'êsta se publicaram, lia-se *segures* em

E mil especies de medonhos monstros ,  
 A cuja vista as musas espantadas,  
 Largando os instrumentos , se esconderam  
 Longo tempo nas gruttas do Parnaso.  
 Aquí ( cousa piedosa ! ) alçou a fronte  
 A insipida Burletta, que tyranna  
 Do theatro desterra indignamente  
 Melpomene , e Thalia , e que recebe  
 Grandes palmadas da nação castrada. \*

Do denso povo , que o paiz povoa ,  
 Um com pródiga mão ricos thesouros ,  
 A trôco d'uma concha ou borboleta ,  
 Ou d'uma estranha flor que represente  
 As vivas côres do listrado Iris ,  
 Dispendem satisfeitos : outros passam ,  
 Sem cessar, revolvendo noite e dia  
 Do antigo Lacio antigos manuscriptos ,

vez de *sonetos*. Eis o que Francisco Manuel escreven  
 ao edictor acerca d'êsta palavra :

• *Segures* eram certas composições mui tolas,  
 em que as prosas ou alcunhados versos , toma-  
 vam a forma d'uma *seguro* ou machado, etc.  
 como ha exemplos nas que se podem ver n'um  
 gordo livro em-4º, que Fr. Francisco da Cunha,  
*augustiniano* , imprimiu á custa da rainha  
 mulher de D. João v. — *Elógio da rainha de*  
*Hungria* —

\* Os italianos.

Do roaz tempo meio-consumidos,  
 Para depois tecer grossos volumes  
 Do—H—sobre a pronúncia; ou se se deve  
 A conjunção unir ao verbo, ou nome  
 Que marcham antes d'ella no discurso.  
 Alguns ( misera gente ! ) inutilmente  
 Compoem grandes Iliadas,\* e tecem  
 Aos vaidosos magnatas mil sonetos,  
 Mil pindaricas odes e epigrammas,  
 A que apenas de olhar elles se dignam.  
 Estes, cujas cabeças desgraçadas  
 Não bastam a curar tres Antyciras\*\*,  
 Abrasados se crêem d'um sancto fogo,  
 E ter commércio com os altos deuses:  
 Senhores da aurea fama e seus thesouros,  
 Se inculcam aos heroes, e em seus delirios,  
 Se julgam mais felizes e opulentos  
 Que o grande imperador da Trapizonda;  
 Em quanto, na pobreza submergidos,  
 Cobertos de baldões, e de improperios

\* Isto é maus poemas, como v g. a *Henriqueida*,  
 a *Joaneida*, e outros mais.

\*\* Ilha d'Eubea, hoje chamada Negroponto: era  
 célebre entre os antigos, em razão do helleboro que  
 produzia, e a que elles attribuíam a grande virtude  
 de desterrar a melancholia, e de restituir a seu siso  
 os que eram affectos de loucura; fosse qual fosse o  
 genero ou grau d'ella. Horacio disse:

*Si tribus Anticyris caput insanabile nunquam.*

Dos ricos ignorantes, e dos grandes,  
Com mofa e com desprezo, são olhados.

D'este pois populoso e vasto imperio  
Em paz empunha o sceptro poderoso  
O Genio tutelar das Bagatellas.

N'um magestoso alcaçar, que se eleva  
Com estranha structura, até ás nuvens,  
Assiste o grande nume; e d'alli rege  
A lunatica gente, a seu arbitrio.  
De transparente talco fabricado  
É o largo edificio, que sustentam  
Cem delgadas columnas de missanga.  
Nos quatro lados, em igual distancia,  
Quatro tórres de lata se levantam,  
Do capricho obra em tudo muito prima,  
Onde a materia cede muito á arte.

Aqui pois a conselho chama o Genio  
Do seu imperio os principaes dynastas.

N'um vistoso salão, todo cuberto  
De papel prateado e lantejoilas,  
Se ajuncta a grande côrte; e alli per ordem,  
Assentando-se vai: aos pés do throno  
De alambres e velorios embutido,  
A lisouja se ve, e a excellencia;  
Segue-se a senhoria, e abaixo d'ella,  
O dom surrado, as grandes cortezias,

O whist , o trinta-e-um , os cumprimentos ;  
 E logo a vampirismo , os sortilegios ,  
 Os sylphos, salamandras, nymphas, gnomos,  
 E os outros genios da subtil cabala \*  
 De mil vans ceremonias rodeiada ,  
 Os assentos reparte a precedencia.

Composto o gran' rumor, e socegado ,  
 Assim do alto do throno o Genio falla :  
 « Illustres moradores d'este excelso  
 Magnífico palacio , hein sabido  
 Ja ha muito tereis o quanto deve  
 O meu augusto genio , a nossa côrte ,  
 Ao gran' prelado , que as ovelhas pasce  
 Dos elvenses redis : notorio a todos  
 Sem dúvida vos é , como pospondo  
 Das funções mais piedosas o cuidado  
 Às nossas bagatellas , so se emprega  
 Em cousas vans , ridiculas e futeis.  
 A corrupta , mas real genealogia ,  
 O róxo-tercio-péllo dos sapatos ,  
 As pedras que lhe esmaltam as fivellas ,  
 A preciosa saphyra , a linda caixa ,  
 Onde , ( sobre Amphitrite que tirada

\* É uma d'aquellas loucuras que com o nome de sciencia tem accommettido , em diversas epochas , a triste humanidade. Os judeus hellenistas foram os inventores d'essa especie de *giria* , a que deram o sublime nome de *sciencia occulta*.

De escamosos delphins, n'uma aurea concha,  
 Os verdes campos de Neptuno nndoso,  
 Cercada de tritões, nua passeia )  
 Do famoso Martin \* o verniz brilha;  
 Seu emprêgo so são, e seu estudo.  
 Emfim, entre os mortaes, não ha quem renda  
 Á minha divindade maior culto.  
 Agradecido pois ao grande empenho,  
 Que mostra em nos honrar, tenho disposto  
 Dar á sua vaidade um novo pasto.  
 Que a uma escusa porta o Deão saia,  
 C'o Hyssope, a espera-lo, determino.  
 D'este meu parecer quiz dar-vos parte,  
 Não so para escutar os vossos votos,  
 Mas para que saibais e fiqueis certos,  
 Que a côrte não fazeis a um nume ingrato.»

Acabou de fallar; e confirmando  
 Todo o sabio congresso o seu dictame,  
 Um sussuro no cónclave se espalha,  
 Ao do zephyro em tudo semelhante,  
 Quando nas frescas tardes suspirando,  
 A bella Flora segue, que travêssa  
 Ca, e la, entre as flores, se lhe furta.

DINIZ, *Hyssope.*

\* Era um torneiro em Paris, nomeado pelo verniz e burnimento que dava ás caixas de tabaco, carruagens e outros trastes que saíam de sua fábrica.

---

O DEÃO NA CÉRCA  
DOS CAPUCHOS.

---

Sobre uma agra montanha, que se estende  
Em pequena distancia, dos suberbos  
Guerreiros muros da triumphante Elvas,  
O célebre convento se levanta.  
Aqui, da molle inercia no regaço ,  
Das austeras fadigas descansando ,  
Da provincia , se ve cem padres graves ,  
Ex-guardiões, ex-porteiros, ex-leitores ,  
Ex-provinciaes , e alguns d'estes famosos  
Pelas artes subtis , pela ardileza ,  
Com que forçado teem o sp'rito-sancto,  
Nos rixosos capitulos , mil vezes ,  
Os votos a seguir do seu partido.  
D'estes tambem no meio , alli se encontram  
Do gordo badulaque ex-cuzinheiros ,  
Na fumosa cozinha , entre as tisdadas  
Certans fuliginosas e marmítas ,  
Com grande glória sua , jubilados.

Aqui, suando pois, como um cavallo,



Chega o Deão, a tempo que o porteiro  
A porta da clausura prompto abria ;  
E vendo do Deão a gran' fadiga ,  
D' ésta sorte lhe diz, sobresaltado :  
« Que é isto , meu senhor ? Que estranho caso  
Aconteceu a vossa senhoria,  
Que per baixo de calma tam intensa ,  
Á nossa casa o traz tam afrontado ?  
Matou acaso algum dos seus collegas ?  
Roubou a sacristia ? ou, do diabo  
Tentado, violou alguma virgem ,  
E asylo vem buscar na nossa igreja ? »

— « Nenhum d'esses desastres , Deus louvado !  
Me succedeu ; ( o Lara lhe replica )  
Ao padre-guardião somente quero  
N'um negócio fallar, se for possível. »

— « Inda bem: pois cuidei que era outra cousa ;  
( Lhe torna o bom porteiro ) e de assustado  
Fiquei sem sangue em quasi todo o corpo.

« O padre-guardião , antes das cinco ,  
Não costuma da sésta levantar-se ;  
Mas , por servir á vossa senhoria ,  
A desperta-lo vou ; no emtanto póde  
La na cêrca esperar, tomando o fresco. »

Isto dizendo , ao dormitorio sóbe ;

E o Deão , caminhando para a cêrca ,  
Com outro reverendo, acaso tópa,  
De gran' barriga, de cachaço gordo,  
Que attento o comprimenta e acompanha.

Qniz então a fortuna , que este fosse  
Um dos padres mais graves da provincia ,  
Ex-guardião , ex-leitor e jubilado,  
De todos o mais docto, excepto o Arronches,  
Pregador de gran'fama, na cidade.

O bom Lara, que havia longo tempo  
Que n'êsta sancta casa não entrava ,  
Aturdido ficou, quando a seus olhos,  
Na cêrca entrando, junctos se lhe off'receu  
As areiadas ruas, as estatuas,  
Os buxos, os craveiros, as latadas  
De mil flores cubertas , e que, euntôrno,  
O virente jardim adereçavam ;  
E não bem quatro passos tinha dado,  
Quando, fitando curioso a lente  
Na statua que primeira alli se encontra ,  
Pergunta ao Jubilado : « Quem é este  
Monsieur Paris? segundo diz a lettra ,  
Que per baixo, na base, tem aberta :  
Se se houver de julgar pela apparencia ,  
O nome , a catadura , o penteado  
Dizendo-nos estão que este bilhostre  
Foi francez , e talvez cabelleireiro ,

Inventor do topete que o enfaíta.»

— «Páris, e não París diz o lettreiro,  
(Circunspecto lhe volve o padre-mestre)  
Nem Francez, como cré, cabelleireiro  
A personagem foi, que representa;  
Mas em Troia nasceu de stirpe régia.»

— «Pois, se Francez não foi (replica o Lara)  
Como monsieur lhe chamam?»—C'um sorriso  
Lhe torna o padre-mestre: «Não se admire  
Que isto está succedendo a cada passo:  
Aope de cada canto, hoje, sem pejo,  
Se tractam de monsieurs os Portuguezes.  
Isto, senhor, é moda; e como é moda,  
A quizemos seguir; e sobre tudo  
Mostrar ao mundo, que françez sabêmos.»

— «De tanto péso pois (lhe volve o Lara)  
É, padre-jubilado, per ventura,  
O saber o francez, que d'isso alarde  
Fazer quizessem vossas reverencias?  
Per acaso, sem esse sacramento,  
Não podiam salvar-se, e serem sabios?  
Pois aqui, em segredo, lhe descubro,  
Que o francez, para mim, o mesmo monta,  
Que a lingua dos selvagens Boticudos.»

— «Não diga, senhor, tal; que n'este tempo,

Ó Tempos, ó costumes ! ( diz o padre )  
 O saber o francez é saber tudo.  
 É pasmar ver, senhor, como um pascasio,\*  
 De francez com dons dedos, se abalança  
 Perante os homens doctos e sisudos,  
 A fallar nas sciencias mais profundas,  
 Sem que lhe escape a sancta theologia,  
 Alta sciencia aos claustros reservada,  
 Que tanto fez suar ao grande Scoto,\*\*  
 Aos Baconios,\*\*\* aos Lullos,\*\*\*\* e a mim proprio.

\* Palavra composta, e bem como outras muitas singularmente nossas, derivada das gregas πᾶς, α, ᾧν *adj.* que significa *todo*, e do verbo σκᾶζω, que em sentido physico e moral, lembra o defeito de *coxear, claudicar*, etc. *Pascasio* quer dizer, homem que *todo*, ou em *tudo* coxeia, manqueja ou claudica; seja de corpo, seja de juizo, ou seja em fim, em mesclar a sua lingua com expressões escusadas, e quasi sempre improprias, que, per affectação, vai buscar a idiomas que mal conhece: o que é prova incontestavel de cabal tolice.

\*\* É assim chamado por ter sido Escosseiz: nasceu perto de Berwick n'uma pequena villa que tem nome de Dustan ou Duns.

\*\*\* Roger ou Rodrigo Bacon nasceu em 1214 no condado de Sommerset em Inglaterra. Foi na verdade homem superior ao seculo em que viveu, e merece a attenção do nosso. Buscando o socêgo que requer o estudo da natureza, entrou na ordem de san<sup>o</sup> Francisco, e n'ella fez seus votos.

\*\*\*\* Reimundo Lullo nasceu em 1235, na cidade de

D'êsta audacia, senhor, d'este descoco,  
 Que entre nós, sem limite, vai lavrando,  
 Quem mais sente as terriveis consequencias,  
 É a nossa portuguez casta linguagem,  
 Que em tantas traducções anda envasada  
 ( Traducções que merecem ser queimadas! )<sup>\*</sup>  
 Em mil termos e phrases gallicanas;  
 Ah! se as marmoreas campas levantando,  
 Saíssem dos sepulcros, onde jazem  
 Snas honradas cinzas, os antigos  
 Lusitanos varões, que com a penna,

Palma, capital da ilha de Maiorca Não se sabe se foi frade, ou meramente irmão terceiro da *Seraphica*: escreveu innumeraveis volumes sobre diversas materias, em estylo cabalístico: e por isso no seu tempo considerado foi como um grande doctor.

\* Commetteram-se traducções de várias obras e tractados (que parece teriam extracção) aos aventureiros, que se presumiam capazes de similhante empresa, ou elles mesmos as offereciam, sem esperar que os rogassem; e nas circumstancias presupostas, sendo taes traducções feitas muito á pressa, umas inspiradas pela fome, outras pela presumpção, sabiam taes como se podia esperar. Aparecia no público mais um livro novo em linguagem da moda. Das lojas dos livreiros e botequins saíam os votos das obras traduzidas, e recommendações aos desejosos da fructs nova. Se era uma collecção de sermões passava ás mãos de pregadores principiantes; se era uma historia ou novella ou obra de theatro, servia de recreação ao cavalheiro, e ao escudeiro curioso. Os

Ou com a espada e lança, a patria ornaram;  
 Os novos idiotismos escutando,  
 A mesclada dicção, bastardos termos,  
 Com que enfeitar intentam seus escriptos  
 Estes novos ridiculos auctores;  
 ( Como se a bella e fertil lingua nossa,  
 Primogenita filha da latina,  
 Precisasse de estranhos atavios )  
 Subito, certamente, pensariam  
 Que nos sertões estavam de Caconda,  
 Quilimane, Sofála ou Moçambique ;

dogmatistas, que liam o francez, não deixaram de chegar-se ás versões dos tractados, pelo convite de alguma nota aqti ou alli, ou simplesmente pelas inculcas, que deu o impressor no aviso ao público. Ninguem la se embaraçava com gallicismos, nem se enojava dos termos ou phrases improprias que iam involvidas no contexto. Applaudia-se a lingua-gem por ser nova, sem se advertir, que era barbara ou extravagante. E feita a leitura nas palestras, não havia cousa mais ordinaria, que o dizer-se em tom decisivo : *Isto é bello : est'outro está bem fallado* : tomando cadaqual por bello e bem fallado o mesmo que não intendia. Mas quem dicesse o contrario era idiota raso ou pedante, ou não tinha bom gosto. Calásse a boca quem intendia o que vale nas linguas a analogia, os privilegios do uso, a fôrça da authoridade. Não se disputasse sobre pureza de lingua-gem, propriedade de expressões, e regularidade de idioma. Ninguem diria : *Nunca assim fallaram os nossos avós ; nunca assim escreveu Andrade, Souza,*

Até que ja, porfim , desenganados  
 Que eram em Portugal, que os Portuguezes  
 Eram tambem, os que costumes, lingua ,  
 Per tam estranhos modos, afrontaram ,  
 Segunda vez de pejo morreriam.

Mas elles teem desculpa ; a negra fome  
 Os miseros mortaes a mais obriga ;  
 Sem saber o que escrevem, escrevendo,  
 Buscam d'ella o remedio, e como logram

*Vieira, Camões, etc. ; estava certa a treplica : Es-  
 ses teem phrase rançosa ; escreveram para o seculo  
 dos Afonsinhos ; isto agora é portuguez moderno.*  
 O que mais admira é, que muitos homens doctos e  
 versados nos nossos auctores, que não deixaram de  
 conhecer ésta desordem, se deixaram (não sei como)  
 levar da torrente, e abraçaram as francezias, que-  
 rendo mais comprazer com o gosto dos insensatos, do  
 que seguir a prudente austeridade do pequeno nú-  
 mero dos censores judiciosos : e o peor é que o seu  
 exemplo, talvez a seu pezar, tem servido de autho-  
 rizar e propagar a corrupção, principalmente nos  
 pulpitos, onde (por desgraça nossa, e a maior dos  
 mesmos pregadores) a doutrina de Christo ja por  
 moda custuma ter mais de phrase franceza, que de  
 phrase evangelica. D'alli pois é que o povo aprende  
 com a doutrina os vocabulos, ou (o que é mais com-  
 mum) aprende os vocabulos sem doutrina, e tanto  
 mais perversamente se insinúam n'elle, quanto mais  
 loucamente os applaude sem os entender.

MEMOR. DE LITTERAT. PORTUG. tom. IV, pag. 463.

Os fins de seus intentos ; o que escrevem ,  
 Seja ou não portuguez , isso que monta ?  
 Quem desculpa não tem , nem a merece ,  
 É quem vedar-lh'o deve , e não lh'ò veda.  
 Mas por ora deixemos éstas cousas ,  
 Que o mundo corrigir a nós não toca.

« Este ( como dizia ) foi Troiano ,  
 E nos campos que o phrygio Xantho corta ,  
 Guardando , em doce paz , o seu rebanho ,  
 Eleito foi juiz do grande pleito ,  
 Que Juno e Pallas , entre si , com Venus ,  
 Sobre a belleza , um tempo , sustentaram ;  
 No qual não sei porém , se com justiça ,  
 Deu a favor de Venus a sentença ,  
 Entregando-lhe o rico pomo de ouro ,  
 Que a Discordia lançara n'um banquete.

—« Ja n'esse pleito ouvi , se bem me lembro ,  
 E no pomo fallar : ( lhe volve a Lara )  
 Mas o tal monsieur Páris foi um asno ;  
 ( Perdoe a sua ausencia ). Se na causa ,  
 De ser juiz a sorte me coubera ;  
 Daria mal ou bem minha sentença ,  
 Conforme o meu bestunto me ajudasse ,  
 Sem em nada gravar a consciencia ;  
 Mas a maçan havia d'eu papa-la ,  
 Pelas custas , porcerto : e quando muito ,  
 Daria á vencedora d'ella as cascas.



Mas, diga-me, meu padre-jubilado,  
 Se gado apascentou esse marmanjo,  
 Como de cortezão está vestido,  
 De cabello, de bolsa e penteado?»

—« Essa é boa ! ( replica o reverendo )  
 Pois parece-lhe a vossa senhoria,  
 Que lhe bastava o sécco tratamento  
 De monsieur, que lhe démos, e um cajado,  
 Um intonso cabello, uma samarra?»

—« Essa razão me quadra ( diz o Lara )  
 E ésta madama Helena ( continúa )  
 Que d'elle está defronte; per ventura  
 É Troiana tambem, ou é Franceza,  
 Como do penteado mostra o gôsto?»

—« Não foi, senhor, Franceza, nem Troiana ;  
 ( Responde o padre-mestre ) d'alto sangue,  
 Em a Grecia, nasceu ; e no seu throno  
 Esparta um tempo a viu : mas sceptro, spóso,  
 A patria, a fama, a glória d'alta stirpe,  
 Tudo deixou por Páris.

—« Pois que o spóso,  
 A cara patria, o sceptro, a fama, a glória,  
 Tudo deixou por esse barbas-d'albo ?  
 Valente marafona foi por certo,  
 A tal madama Helena ! E quem foi ésta ?  
 Iniz a lettra, madama Pena-Lopes,

(Proseguia o Deão) talvez seria  
 Tam boa, como ess'outra?»

— Essa (responde

O docto Jubilado) é d'outra laia.

A famosa Penelope foi ésta,

Do conjugal amor, da fe jurada,

Do sagrado hymeneo uas castas aras,

Um perfeito exemplar, grande matrona,

Boa mãe-de-familias, e estremada,

Entre a mais de seu tempo, tecedeira.

N'uma têa gastou mais de dés annos... »

—« Que me diz, padre-mestre? Está zombando!

(O Deão aturdido lhe replica)

Em urdir e tramar uma so têa

Dés annos consumia a tal madama!

E diz-me que foi grande tecedeira?

A minha ama... e mais é uma zoupeira,

N'ontro tanto não gasta nove mezes:

E comtudo, não passa, entre as peritas,

Por grande sabichona n'este officio. »

—« N'isso mesmo é que esteve a habilidade,

(O padre lhe tornou) poisque de noite,

O que obrava de dia, desmanchava. »

— « Peior! (diz o Deão) Isso é o mesmo,

Que para trás andar, qual caranguejo.

Jurarei em cem pares de Evangelhos

Que essa mulher perdido tinha o siso. »

— « Perdido o siso ! Que galante cousa !  
 ( O padre lhe tornou ) antes no mundo  
 Nunca mulher se viu tam atinada  
 E digna de passar á eternidade  
 Sôbre as azas da posthuma memoria.  
 Foi prudencia, senhor, o que loucura  
 A sua phantasia lhe figura.  
 Pois se assim practicava, era somente  
 Por enganar ( em quanto o caro sposo  
 Da prolongada ausencia não volvia )  
 Cansados rogos de importunos procos \*  
 Que aspiravam do seu consorcio á glória.  
 Arachne, que Minerva vingativa  
 Em aranha tornou, por arrojar-se  
 A competir com ella ; certamente  
 Lhe não levara no tecer a palma. »

— « Como é isso ? ( o Deão diz assustado )  
 Pois, salvo tal lugar, um homem pôde.

\* Cicero e outros classicos latinos fizeram emprego da palavra *Procus* : mas Diniz a tomou certamente de Horacio, e applicou-a, como este, aos que sollicitavam a mão e o throno de Penelope :

*Non te Penelopen, difficilem procis,  
 Tyrrhenus genuit parens.*

*Liv. III, od. 10.*

( Isto fallando, todo se persigna )  
 Ou póde uma mulher em feio bicho,  
 Ou animal quadrupede, mudar-se ? »

—« Isto fabulas são, com que os antigos  
 Quizeram explicar aos seus vindouros  
 De muitos animaes a indústria e arte ;  
 E além d'isso ensinar, que ás divindades  
 Se deve ter um grande acatamento.  
 Mas, que acontecer possa, quem duvida ?  
 ( Dizia gravemente o docto padre )  
 Não fallo agora das antigas Lamias,  
 Que ínteiros enguliam os meninos,  
 De Circe, de Medea, nem de Alcina,  
 Ou da velha Canidia, de quem conta  
 O bebado de Horacio as nigromancias.  
 Todos sabem, que todas éstas bruxas,  
 Em ossudos leões, manchados tigres,  
 Em ardidós ginetes, negros ursos,  
 Ou em toupeiras vis, vis musaranhos,  
 A seu sabor, os homens convertiam.  
 Além d'isso, Apuleio \* nos informa,

\* Philosopho da escola platónica : viveu no segundo seculo de nossa era, e sob o imperio dos Antoninos. Foi natural de Africa, viajou per muitos paizes, e veio a Roma, onde depois de aggregado ao collegio dos sacerdotes da deusa Isis, advogou causas suas e alheias ; professou philosophia e eloquencia, e escreveu várias obras, umas em grego, outras

Que, per malicia d'uma certa Fotis,\*  
 Em asno, n'um instante, se formara,  
 E como asno passara mil trabalhos.  
 Não tem ouvido vossa senhoria,  
 Ruidosos cães uivar, la na alta noite?  
 Pois que querem dizer aquelles uivos,  
 Senão, que anda no bairro lobis-homem,  
 Ou homem, por fadario, transmudado  
 Em jumento orelhudo, ou em sendeiro?»

— « Sancto bréve-da-marca! (aqui exclama  
 O farfante Deão, de temor cheio;  
 E logo prosequiu.) » Se minha estrella  
 Ordenado me tem, que per incantos  
 De alguma feiticeira ou nigromante,  
 Em fero bruto eu haja de mudar-me,  
 Praza a vós, sanctos ceos! ao fado praza,  
 Que, antes do que em sendeiro lazarento,  
 Em brioso cavallo, elles me mudem:  
 Pois assim poderei, inda algum dia,  
 A sorte vir a ter de ser pae d'egoas.  
 Que bons potros darei da minha raça!  
 Mas, se muito julgais o que vos peço,

em latim. N'êsta última lingua compoz a fabula ou metamorphose, a que deu o nome de *Asno de ouro*, ( *Asinus aureus*.)

\* É no *Asinus aureo* a feiticeira agente, em seu pro e prazer, no decurso de toda a metamorphose.

Aomenos concedei-me, que em fuinha  
 Ou matreira raposa me transtornem ;  
 So para do bispo ir ao gallinheiro ,  
 De quantas aves tem a dar-lhe cabo. \* »

Socegado o Deão do seu espanto,  
 Ao bom padre pergunta : « E quem é este  
 Circumspecto monsieur que ca se enxerga ? »

—« Esse que ahí está, nem mais, nem menos,  
 É o facundo decantado Ulysses,  
 De madama Penelope marido :  
 De todos quantos gregos aportaram  
 Da neptunina Troia ás curvas praias ,  
 O mais prudente foi, excepto o velho  
 Nestor, que viu dos homens tres idades.  
 Este, depois que a cinzas reduzido  
 Foi o fero Ilion, per suas traças,  
 E da altiva cidade so ficara  
 O campo, em que imperiosa antes estava,\*\*  
 Voltando á patria amada, carregado  
 De altos despojos da immortal victoria,

\* Esta falla do Deão é uma obra prima de chistosa simplicidade. Poucos lugares, talvez, se achem no *Lutrin* de Boileau, mais originaes, e escriptos em tam faceto estylo.

\*\* *Et campos ubi Troja fuit.*

VIRGILIO.

De Neptuno soffreu a cruel sanha ,  
 E dos ventos e vagas açoutado,  
 Undivago correu per longos mares ,  
 Vendo de muitas gentes as cidades ,  
 As várias artes, os costumes vários ,  
 Até que levantou, na foz do Téjo,  
 A rainha do mar, Lisboa invicta.»

— « Oh grande fundador da minha patria,  
 ( Aqui brada o Deão ) se mãos tiveras ,  
 E se pernas e pés te não faltaram ,  
 Os pés e mãos humilde, te beijara !  
 Mas se manto e maneta aqui te vejo,  
 E á franceza vestido, a mal não hajas  
 Que á franceza te beije a fria face. »  
 Disse : e ao collo , furioso se lhe lança ,  
 E na face tres beijos lhe pespega.

Passado este pequeno enthnsiasmo,  
 O Lara , prosegniu : « É aquell'outro,  
 Que do jardim no meio se impertiga  
 Com cara de ferreiro, é por acaso  
 O grande Ferrabraz de Alexandria?  
 Ou Galafre da ponte de Mantible ? »

\*Veja-se o capitulo 10 do livro II, e o capitulo XXI  
 do mesmo livro, na decantada historia do impera-  
 dor Carlos Magno, e dos doze Pares de França.

— « Esse (responde o padre) foi Alcides,\*  
 Cujó tremendo braço, cujos feitos  
 Hade, por certo, vossa senhoria  
 Ter ouvido exalçar discretamente,  
 Em seus sermões, ao nosso padre Arronches.

— « Engana-se, senhor : ( O Deão volve ),  
 Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;  
 E postoque, no côro, muitas vezes,  
 Em razão d'êsta minha dignidade,  
 A meu pezar, alguns ouvir eu deva ;  
 Em quanto o padre grita, estou dormindo :  
 Pois d'outra sorte disfarçar não pôsso  
 A fome que me attaca a essas horas.  
 Se eu algum dia for eleito bispo,  
 ( Como esperar me faz o regio sangue  
 De Lara, que nas veias me circula )  
 Já, desde aqui, meu padre, lhe prometto,  
 Que estes sermões desterre do bispado ;  
 E se n'elle inda achar quem tenha o flato  
 De pregar, lhe darei prompto remédio :  
 Mandarei, que cumprindo seus desejos,  
 Vá prégar aos hereges e gentios,  
 Que o prémio lhe darão do seu trabalho ;\*\*

\* Em Lisboa corre um livro impresso com o título de *Hercules da igreja* ; e esse Hercules é san' Domingos.

\*\*Allude, talvez, aqui o poeta, entre outros missionarios, a Reimundo Lullo ; o qual pretendeu, pela



E escusem de quebrar-nos os ouvidos  
 Com uma insólita dilatada arenga,  
 Que ouve, per uso, o povo e não intende,  
 E a pagar vem, perfim, por alto preço ;  
 Dando ( coisa que muito a mim me espanta )  
 Sem saber o porque, o seu dinheiro.  
 Sermões ? — E quando quer jantar a gente ?  
 A fome so augmentam, causam somno.  
 Mas, tornando, meu padre, ao nosso ponto,  
 Este Alcides, segundo tenho ouvido,  
 Foi o maior tunante dos seus tempos.

— « Foi amigo de môças ? Que tem isso ?  
 Ve-me aqui ? pois com ter mais de settenta,  
 ( Dizia o Jubilado ) nem por isso  
 Onde quer que as eu topo, lhe perdôo. »

— « Outro tanto de mim, ó quanta mágoa !  
 ( O Deão exclamou ) ó quanto pejo  
 Me custa, padre-mestre, o confessa-lo !  
 Outro tanto de mim dizer não posso,  
 E comtudo não passo dos sessenta ;  
 Mas isso é do burel virtude innata.

fôrça de sua logica, converter os mouros de Africa :  
 estes premiaram o seu zêlo com tanta pedrada, que  
 deixado por morto, foi recolhido a bordo do navio  
 que a tam sancta expedição o levava, e n'elle mor-  
 reu antes de chegar á sua patria.

Agora pois, se á vossa reverencia  
 Pesado lhe não for, dever quizera  
 Que d'este traficante toda a história  
 Me referisse ; pois, segundo penso ,  
 Hade ser vária e muito divertida.  
 Lembra-me a mim, que sendo inda estudante,  
 Do bacharel-trapaça, e peralvilho  
 De Cordova\*, a história portentosa  
 Ouvi ler ( por signal, que por ouvi-la,  
 Na classe pesguei valentes gazios  
 A um clerigo vizinho, bom poeta,  
 Que sabia o Borrvalho\*\* todo inteiro,  
 E tinha uma escolhida livraria ; )  
 E confesso-lhe, padre-jubilado,  
 Que nunca, em minha vida, tenho ouvido  
 Cousa, que ca no goto mais me desse. »

— « De bom grado o farei, por dar-lhe gôsto  
 ( O padre lhe tornou, e assim começa : )  
 Este grande varão Alcmena e Jove  
 Teve por paes, aindaque gran' tempo  
 Do forte Amphitrião passou por filho... »

— « Com que, de mais a mais o tal Alcides  
 De barregan foi filho ?... Ávante padre,

\* Engraçadissima novella-que. (se não me engano)  
 vem n'um dos tomos da constante Florinda.

\*\* Auctor de uma indigesta arte de versificação.

Que o comêço promette grandes cousas. »  
( Diz o Deão,

— E o padre proseguia : )

« De tantas fôrças foi, logo em nascendo,  
Que inda elle não contava bem dés mezes,  
Quando, em lugar de bérço, repousando  
N'um escudo de cobre, que a Pterelas\*,  
Amphitrião ganhara batalhando,  
Dnas cobras, mais grossas que um madeiro,  
Que entraram a papá-lo surrateiras  
No silencio da noite, per mandado  
De Juno, que em ciumes se abrasava,  
Rompeu, espedaçou com mais presteza,  
Do que eu trinchar costamo uma gallinha,  
Quando, com fome estou, na nossa cella :  
Digo—na cella—; pois no refeitorio  
Ésta ave nunca entrou; que n'elle reina  
Somente o bacalhau, e talvez podre.  
Depois, sendo mancebo, a estrebaria  
De Augias\*\* alimpon; façanha grande!... »

\* Rei dos Thelebanos.

\*\* Rei da Elida. Concertou-se com Hercules de lhe dar a decima parte de seu gado, por lhe alimpar os seus curraes, cujo estérco inficionava os ares. Hercules encaminhou para alli ( a fim de o poder conseguir) as aguas do rio Alpheu; depois matou o dicto rei, que lhe denegara o seu salario, e deu os seus estados a Phyleu, seu filho.

— N'este ponto o Deão ter-se não pôde  
Sem que ésta sábia reflexão fizesse :  
« Filho de barregan ! môço de mulas !  
Vejam de que relé era a criança ! »

— « Logo ( prosegue o padre-jubilado )  
Fez maiores acções ; um leão fero  
Na floresta Nemea cara á cara  
Destemido afrontou ; e lhe machuca  
Com a pesada massa o duro casco..... »

Aqui chegava o padre em sua história,  
Quando o esperto Deão, á porta vendo  
Da cêrca o Guardião que a vê-lo vinha ,  
Inda do somno os olhos esfregando,  
O fio lhe cortou, em altas vozes  
Ao Guardião gritando : « Appélllo, appélllo  
Perante vossa sábia reverencia,  
Varão constituido em dignidade,  
Da affronta que me faz o meu cabido ,  
Pretendendo com mulctas constranger-me  
A vir apresentar ao gordo bispo,  
A uma porta escusa, o sancto Hyssope.  
Peço tambem com todo o acatamento  
Os reverenciaes apostolos, mil vezes  
Com mais e mais instancia, instantemente... »

— « Basta : ( o prelado diz ) ja interposta  
A appellação está. Agora, em quanto

O reverendo padre-jubilado,  
 Pois notario não ha que dê fe d'isso,  
 A certidão lhe passa, nos sentamos  
 Ao pé d'êsta roseira a tomar fresco.»

Dictas éstas palavras, se assentaram,  
 E o farfante Deão assim começa:

— « Por certo, que não pôde duvidar-se  
 Do augmento, senhor, que em nossos dias  
 Tem tido Portugal, per alto influxo  
 Do grande forte e nunca assás louvado  
 Rei, primeiro no nome e nas virtudes,\*  
 E do sabio ministro que lhe assiste.  
 Não fallo nas sciencias e nas artes,  
 Que eu d'ellas nada sei; pois meu emprêgo  
 Ás letras applicar-me me\*\* não deixa  
 Como meu gôsto e genio me pediam;  
 E da arte da cozinha tam somente  
 (Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa\*\*\*

\* El-rei D. José.

\*\* A concurrencia syllabica *me*, torna difficil a pronúncia d'este verso.

\*\*\* E não se enganava o Lara quando assim discorria; pois, aqui em Paris, todos os tres mezes, sai, com nova edição o chorudo livro intitulado — *Cusínheiro-real*. — Certo, não acontece o mesmo ás mais gabadas producções philosophicas, moraes, oratorias, etc. A gastronomia é quem brilha!

Aos homens que o franccz que anda na moda )  
Alguns pedaços leio estando vago.  
Fallo, sim, no apparato dos banquetes,  
No polido dos trajés e assemblei as ,  
Dos jardins no bom gôsto , e dos palacios :  
Digo isto, meu senhor, porque ésta cêrca  
Que era um chiqueiro ha menos de dous dias  
Hoje tornada está n'um paraíso.  
Mas que não poderá um genio grande.  
E tal como o de vossa reverencia ? »

— O guardião então todo enfunado,  
Mas modestia affectando , lhe responde :  
« Aqui que póde haver que os olhos encha  
De vossa senhoria, que tem visto  
As terras estrangeiras tam gabadas,  
Se é tudo uma pobreza franciscana ! »

N'este ponto chegando o jubilado ,  
O discurso lhe atalha , e ao Lara entrega  
A grande certidão., que passar fôra.  
O Deão a recebe civilmente,  
E com mil inportunos cumprimentos,  
E outras tantas profundas cortezias,  
Dos dous padres , cortez , se despediu.

*DINTZ, Hyssope.*

## CANTO DO VIDIGAL.

## VATICINIO DO GALLO.

Depois o Vidigal ligeiro toma  
Uma bandurra que na orchestra estava,  
Per mão de insigne mestre trabalhada :  
N'ella se viam, sôbre a branca faia,  
De marfim embutidas e pau sancto,  
As folias do filho de Semele,\*  
Quando, do Ganges triumphando, á Grecia  
Entre ledos tripudios se tornava.  
Estava o gordo deus alli sentado  
N'um grande carro que virentes parras  
Contra os raios do sol todo toldavam ;  
Uma bojuda pipa, que esparzia  
Um largo jorro de liquor vermelho,  
De throno lhe servia ; e o môço inberbe  
C'o verde thyrsos, de uma mão picava  
Os dous accesos mosqueados tigres,  
E co'a outra chegava á sêcca boca,  
De saboroso çumo um cheio vaso.  
Após elle se via debuxado

\* Baccho.

O bebado Sileno, sobre um ruço  
E cançado jumento ; de verde hera  
C'roadá a fronte tinha o semi-capro ;  
E com tal arte figurado estava,  
Que a cada passo do animal imbelle,  
Aos olhos dos que o vêem, se representa  
Que, balançando, o semi-deus caía,  
C'os fumos que a cabeça lhe toldavam.  
De foliões silenos uma tropa,  
Quasi para o suster, o rodeiava,  
E sôbre ella lançava o bom Sileno,  
Todo risonho, os mal-abertos olhos.  
Precediam o carro desgrenhadas  
Mil bacchantes e satyros lascivos  
Dando nos ares deseompostos saltos.  
Uns tocavam buzinas retorcidas,  
Outros rijos adufes e pandeiros.

O Vidigal, pegando no instrumento,  
Se encommendou ao deus a quem amava ,  
E dando á escaravelha largo espaço ,  
Até de todo temperar as cordas,  
Soltou a bruta voz com que costuma  
Levantar os mementos nos enterros.  
Com tam grande attenção não pendem promptos  
Do novo batalhão da elvense terra  
Os marciaes soldados na parada,  
Da voz agallegada do Malifa,  
Quando o manejo, á falta d'homens, rege;



Como a festiva companhia pende  
 Dos duros berros do cantor famoso,  
 Que da patria em louvor, assim disia :  
 « Ó grande Elvas, cidade em todo o tempo,  
 Por teus famosos filhos, memoranda!  
 Hoje té ás estrellas meus accentos  
 Teu nome levarão e tua fama;  
 Mas d'onde a minha voz a teus louvores  
 Dará principio? Tu, ó brincão Baccho,  
 Como tens por costume, tu me inspira!  
 Míl em silencio deixarei successos  
 Em mais remotos tempos celebrados,  
 Que tua glória illustram; pois não póde  
 Um ingenho mortal todas as cousas;  
 E a louvar passarei do teu senado  
 A rara e nunca vista economía  
 Com que no velho, ja rachado sino,  
 ( Por se acharem as rendas do concelho,  
 Em luminarias, luctos e propinas,  
 Todas, em seu proveito, consumidas )  
 Quatro gatos\* mandou lançar de ferro. »

Com tal arte feria o cantor destro  
 Do pequeno instrumento as tesas cordas,

\* Allude o poeta á logração em que casu certa  
 corporação religiosa que ainda conserva rachado o  
 seu sino maior. Um charlatão roubou-a de quanti-  
 dade de marcos de prata fina, sob o pretexto de fa-  
 zer uma solda particular com que havia de soldar o

Acompanhando o som, com que cantava  
 Este estupendo gracioso caso,  
 Que, ao bater das pancadas, parecia  
 Que se ouviam no sino as marteladas.

« Que direi, (proseguiu) da subtileza,  
 Com que gravar mandaste sôbre a porta,  
 Que tem de esquina o nome, em negra pedra,  
 Por que ninguém a lê-la se atrevesse,  
 A famosa inscripção em negras lettras?  
 Mais intrincado, mais escuro enigma  
 Que o que nas portas da famosa Thebas,  
 Por destino fatal, aos peregrinos  
 Feroz propunha a monstruosa Sphinge. \* »

dicto sino. Depois de sustentado á custa da comunidade, e de ter recebido algum dinheiro á conta do promettido milagre, deixou sôbre a eiva do sino um emplastro de chumbo, e levando comsigo a prata, desapareceu.

\* Monstro que tinha o rosto de mulher e o resto do corpo semelhante a um cão e a um leão com asas. Juno indignada contra os Thebanos, por causa de Alcmena haver attendido Jupiter, enviou o dicto monstro para cima do monte Cytheron; no qual propunha um enigma, e devorava aquelles que o não explicavam, depois de se apresentarem para o decifrar. Consistia este enigma em saber, qual era o animal que tinha quatro pés de manhan, dous ao meio-dia, e tres de tarde. OEdipo reconhecendo o homem por ésta imagem, interpretou o enigma, e a Sphinge, precipitando-se de raiva, quebrou a cabeça.

Aqui, para tomar maior alento,  
 Um pouco se calou ; e em alvo pondo,  
 (Como quem pensa em cousas mais profundas)  
 Os turvos olhos, prega um grande escarro,  
 Com que assustou os circunstantes todos ;  
 E de novo começa : « Oh ! se eu lograsse  
 A grande dita de nascer em Roma,  
 E alli, na tenra idade, me tivessem,  
 Qual misero e novel frangão, castrado ;  
 Que então so, dignamente, em fino tiple,  
 Qual Achilles nas operas d'Italia,  
 De teu grave senado cantaria  
 A acção maior que víram as idades !  
 Tu, ó povo miúdo, e povo grosso,  
 Que dos touros, ao barbaro combate, \*

\* Este passatempo tam usado em toda a Hespanha, que sem elle não ha festa de gosto para todo estado de gente , é mal recebido de todas as outras nações, e nem os barbaros, que folgam de ter em suas casas tigres e outros animaes ferozes e sempre temerosos, o admittem. E na verdade é um passatempo, de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande e sem nenhuma desculpa. O jôgo da péla faz o corpo agil ; a lucta endurece os membros ; a justa , que para a briga tem pouco risco, é para festa demasiado ; comtudo, o ser exercicio militar, a defende. So nos touros nenhuma cousa ha boa ; se são mansos, é cousa fria e aborrecem ; se são bravos poucos se correm, que não façam voar corpos ao ceo e almas ao inferno. E que então alegrem , en-

Presidido dos serios magistrados ,  
 La na praça assistias galhofeiro,  
 Tu testemunha foste! e no futuro  
 Testimunha serás , que não matizo  
 Com falsas côres o notavel feito :  
 Fallo na profusão com que lançaram  
 ( Ao primeiro rumor, e ainda incerto ,  
 Com que a fama espalhava vagamente  
 A noticia dos regios desposorios  
 Da princeza real, real infante \* )  
 Depois de terem feito bem o papo,

tão sejam materia de gôsto , e lhe chamem — *bons touros* — como na verdade assim passa , é cousa indigna do que devemos ao ser humano, quanto mais de christão : é renovar-mos as effusões de sangue dos amphitheatros gentilicos. Não ignoro que perdemos tempo n'este aviso, como o perderam muitas pessoas gravissimas que per vezes o deram. Mas obriga-nos o zêlo do bem-commun , o officio de historiador, que é dar parecer nas materias ; e sôbre tudo sabermos, que um tam grande sancto como foi o Papa Pio V, religioso de nossa sagrada ordem, trabalhou muito pelo tirar do mundo; e fiquem advertidos os auctores de tal spectaculo , se algum houver que passe os olhos per estes escriptos, que em boa Theologia, levam sôbre si grande parte do sangue humano que estes touros derramam.

SOUZA , *Vida do Arcebispo*, tom. II.

\* Foram os da princeza então successora immediata ao throno, e depois rainha de feliz memória, a senhora D. Maria I, com seu tio o infante D. Pedro.

As reliquias da pródiga merenda ,  
 Sóbre as cabeças da apinhada gente.  
 Então ( cousa pasmosa ! ) os ovos-molles  
 Arroz-doce , cidrão , e leite-crespo ,  
 Que o povo , ás rebatinhas , apanhava ,  
 De toda a parte a flux chover se viam ,  
 Cubrindo n'um instante toda a praça.  
 Qual nas tardes de maio , ( quando Jove ,  
 Com a rubida mão dardeja irado ,  
 Per entre as negras condensadas nuvens ,  
 Com medonho fragor , torcidos raios )  
 Cai a grossa saraiva , enchendo os campos ;  
 Taes , de manjar branco as tostadas pélas... »

Aqui chegava , quando os convidados ,  
 A quem de tantos doces a lembrança  
 Tinha feito crescer agua na boca ,  
 Da demora da ceia impacientes ,  
 E da fome voraz estimulados ,  
 Em tropel se levantam , e lançando  
 Pela terra cadeiras e instrumentos ,  
 Correram para a meza , onde scintilla  
 Nos dourados crystaes , nos finos pratos ,  
 A radiante luz de cem bougias , \*.

O primeiro que occupa a cabeceira

\* Ésta palavra , *Bougia* é definida per Moraes —  
*vela de cera fina* — Vem do francez *Bougie*.

É o tolo Aguilar ; sem comprimento  
Entra logo a cevar a fera gula ;  
Exemplo que os mais seguem vorazmente.  
Brilha nos copos o rosado çumo  
Que desterra a cruel melancholia  
Da meza festival, — reína a saúde \*

Mas de todos tu foste, gran' Gonsalves,  
Quem as primicias colhe ; todos brindam  
A teu grande valor, á tua astucia ;  
Em quanto tu , no collo recostado  
Da prezada consorte, entre os seus mimos,  
Do Bispo , e do Deão te estavas rindo.

A alegria reinava em toda a meza ;  
Mil chistes, mil apodos, mil pilherias  
Gyravam sem cessar ; sua excellencia  
De todos era o alvo ; todos n'elle  
Malhavam satisfeitos e contentes ;  
Postoque era malhar em ferro frio.

Uns, a brilhante escolha lhe louvavam  
Dos synodæes theologos,—do Arronches,  
Eximio pregador ( que leu inteiro

\* Ésta locução significa — *ha muitos e repetidos brindes ; e não se deve intender da saúde individual dos circumstantes. Faço ésta observação, porque algumas pessoas tropeçam aqui no sentido que dou, e que me parece ser o genuino.*

O livro dos *Conceitos-predicaveis*,  
 O *Zodiaco-sob' rano*, e outros muitos,  
 Que na schola capucha estão em preço )  
 —Do guardião dos capuchos,—do Roquette,  
 Thomista petulante e confiado.

Outros, a prepotencia celebravam  
 Com que, de motu proprio, um pobre leigo  
 Despejar promptamente fez das casas,  
 Para n'ellas viver o seu barbeiro.

Este, a grande philaucia encarecia  
 Com que a portuense mitra na cabeça,  
 E seu bago reger ja se suppunha,  
 Officios repartindo e dignidades.

Aquelle, murmurava da arrogancia  
 Com que ministro eleito á grande Roma  
 A julgar-se chegou ; e rodeiado  
 De pages petulantes e lacaios,  
 Do Tibre assoberbar as verdes margens  
 Em malhados frizões imaginava.

E todos, sem respeito, blasphemavam  
 Da fatal ignorancia ou liberdade  
 Com que, apezar dos canones sagrados,  
 Beneficios-curados entregava  
 De avaros regulares entre as garras.



Nem tu, gentil roupão de fresca xita  
( Com que, á grande janella, empanturrado,  
Da inutil ociosa bibliotheca,  
Nas noites de verão, a calma passa )  
Ás suas tesouradas escapaste.

Entre tantos motejos, so, callado,  
Chupando os dedos, e roendo os ossos,  
Comia, e mais comia o dom alarve ;  
E algum caso fatal, de quando em quando,  
Todo cheio de espanto, recontava  
Do *Anno-historico*, o grosso e torto Silva.

Quando, subitamente ( caso horrendo  
Que as carnes faz tremer, ao repeti-lo ! )  
O velho Gallo, que n'um prato estava  
Entre frangãos e pombos lardeado,  
Em pe se levantou, e as nuas azas  
Tres vezes sacudindo, éstas palavras  
Em voz articulou triste, mas clara :  
— « Em vão, cruel Deão, em vão celebra  
Com nosso sangue o próspero successo  
Que a futura victoria te promette ;  
Que porfim cederás a teu contrario. »

Disse : e cahindo sôbre o grande prato  
Sem mexer-se ficou. N'este momento  
Um gelado suor dos circumstantes  
Banha as pallidas faces ; os cabellos



Nas fronte's se lhe erriçam ; largo espaço  
Immoveis ficam, sem dizer palavra.

Mas o perdido spirito cobrando,

Se levantam tremendo, e pela terra

A recheiada meza baquearam :

Tres vezes se benzeram co' a mão toda ;

Tres vezes , mas em vão, esconjuraram

O fatal Gallo que jazia morto,

E, mil a infausta ceia dando ao demo,

Se fôram, sacudindo os calcabâres.

DINIZ, *Hystope.*

35666022